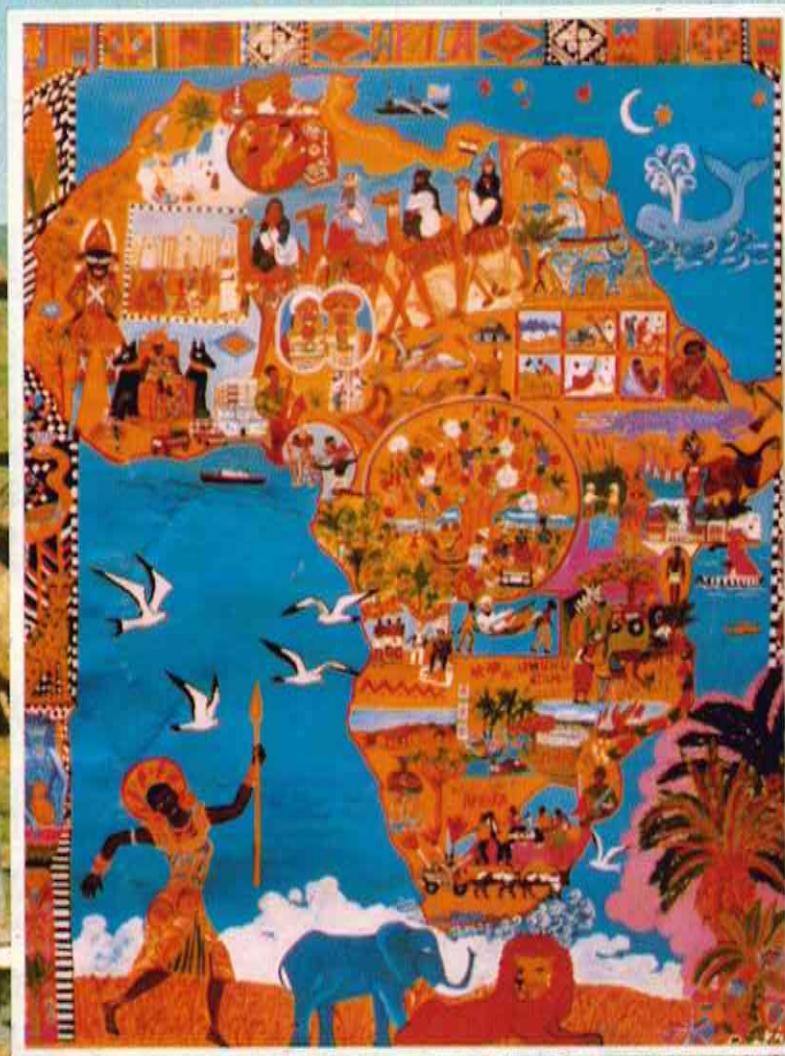


Mensagem

ÁFRICA

BOLETIM DO INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DO ENSINO



ANO 1991

• MAIO •

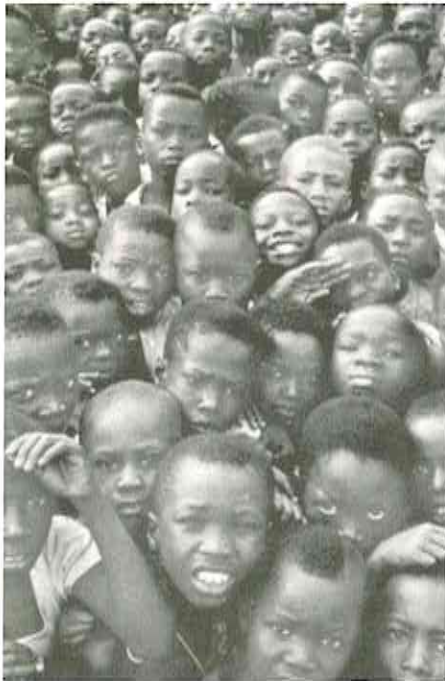
NÚMERO 9



«A devoção a Maria está bem arraigada na África e em Madagáscar.»

África e Madagáscar: o futuro

Editorial



A África está dentro de um período de crescimento extraordinário.

- A África está dentro de um período de crescimento extraordinário.
- Com esse rápido crescimento, haverá um contínuo processo de urbanização. Tão rápida expansão das áreas urbanas está associada com algumas oportunidades para a classe média, mas com problemas tremendos para os pobres: favelas, desemprego, pobreza e doenças...
- Após a euforia da independência, muitos países foram palco de crises de liderança e de instabilidade governamental.
- Desde a independência, tem havido grande demanda para a educação, mas é difícil satisfazer a esses pedidos.
- O século 20 foi período de crescimento extraordinário.
- O Papa João Paulo II insiste neste grande empreendimento, falando dele como sendo a «hora da África», um período que requer da Igreja esforço muito especial no conjunto de suas atividades missionárias.
- Em geral, a evangelização pode ser realizada em plena liberdade na maioria dos países africanos. A exceção é nos países dominados pelo islamismo.
- Existem dificuldades que devem ser enfrentadas, mas as aceitamos de bom grado porque esta é nossa oportunidade e que é oportunidade muito importante para a África e Madagáscar.
- O futuro da Igreja na África e em Madagáscar, e o dos Irmãos Maristas, recai sobre a gente da África. A maior tarefa dos que são de outros países e províncias é de facilitar que isso aconteça.

Sumário

EDITORIAL:

O futuro de África e Madagáscar (Irm. Charles Howard) 1

TEMAS DIVERSOS 6

A formação e a colaboração 7

Inculturação da obra marista 11

O futuro dos Irmãos na África 15

Nossos Irmãos mais idosos 18

Nossos Irmãos jovens 20

Nossos pioneiros falecidos 25

IRMÃOS MARISTAS EM ÁFRICA 27

Algéria 28

Angola 29

Camarões de fala francesa 31

Camarões de fala inglesa 33

República de África Central 34

Costa de Marfim 36

Ghana 38

Guiné Ecuatorial: Malabo 41

Quênia 43

Libéria 45

Madagáscar 46

Malawi-Zâmbia 48

Moçambique 50

Nigéria 52

Ruanda 54

África do Sul 55

Zâmbia 57

Zaire 59

Zimbabwe 61

O Padre Champagnat e os pobres 64

*Algumas reflexões acerca do tema
(Ir. Charles Howard)*



Desde 1986, os Superiores das províncias, missões e setores da África e Madagáscar têm-se reunido regularmente todos os anos. Durante as reuniões, a maior parte do tempo é empregado no estudo do desenvolvimento do Centro de Nairobi. Contudo, a partir do ano passado e particularmente neste, deu-se mais tempo à consideração do futuro da África e Madagáscar. O que segue é a substância da conferência dada pelo Irmão Superior Geral na última reunião de Superiores em agosto de 1990, em Nairobi.

Como é de seu conhecimento, a Igreja convocou uma assembléia especial do Sínodo dos Bispos para estudar o tema: «A Igreja na África e sua Missão Evangelizadora ao aproximar-se o ano 2000». Penso que fica bem para nós olhar os sinais dos tempos na presente situação africana, porque existem desafios enormes para os países, para a Igreja e para nós Irmãos Maristas.

1. Crescimento demográfico

A África está dentro de um período de crescimento extraordinário que tem poucos, se os houve, casos similares na história humana. É difícil apresentar números acurados porque os peritos diferem, mas todos são unânimes em predizer aumentos muito grandes. Por exemplo, prevê-se que a população da Nigéria, agora estimada em 100 milhões, passará para 300 milhões pelo ano 2025. Naquele ano, a população da África será equivalente ao total da população da Europa, Estados Unidos, Canadá e toda a América Latina.

Com esse rápido crescimento, haverá um contínuo processo de urbanização, passando dos 23 % de 1970 para os 32 % em 1985 e a previsão de 58 % em 2025. Por exemplo, prevê-se para Lagos uma população de 12 milhões por volta de 2010. Tão rápida expansão das áreas urbanas está associada com algumas oportunidades para a classe média, mas com problemas tremendos para os pobres: favelas, desemprego, pobreza e doenças, que já existem nas grandes cidades.

2. Situações sócio-político-econômicas

Ao olharmos para história moderna da África, podemos ver um primeiro período de colonização com suas injustiças e saques... um saqueio não apenas das riquezas, mas de seres humanos com o comércio de escravos. Esse foi também um período de atividade missionária abrangendo a educação, os hospitais e os serviços de saúde em geral. Inclui a luta pela independência durante a qual se observam ambigüidades da parte das pessoas que foram educadas pelos missionários, algumas sustentando os poderes colonialistas. Muitos líderes independentistas foram educados pelos missionários.

O período pós-independência caracterizou-se por certo neocolonialismo. Após a euforia da independência, muitos países foram palco



Com grande fervor missionário, a Igreja se difundiu por toda a África.

de crises de liderança e de instabilidade governamental, muito evidentes nas atuais tensões referentes aos sistemas monopartidários e multipartidários. Em certos lugares há contínua luta pelo poder entre os grupos étnicos, lutas que provêm de séculos.

A maioria dos países sofre de **subdesenvolvimento econômico**, com os problemas do crescimento demográfico, fome, doenças, preços inferiores para os produtos de exportação mundial. Muitos estão se debatendo com enormes dívidas. A corrupção e o mau uso dos recursos são coisas comuns em diversos países. Muitos africanos insurgem-se contra isso.

Desde a independência, tem havido **grande demanda para a educação** (o Zimbábue é um exemplo recente), mas é difícil satisfazer a esses pedidos, e —o que é mais— fornecer uma educação adequada. Por vezes, a educação pode acarretar frustrações quando as oportunidades de trabalho faltam, há casos também em que a instrução cria uma nova elite que não se importa com os seus compatriotas.

Há **numerosos refugiados na África**, embora seja pouco publicado. Com efeito, quase a metade dos refugiados do mundo encontram-se na África.

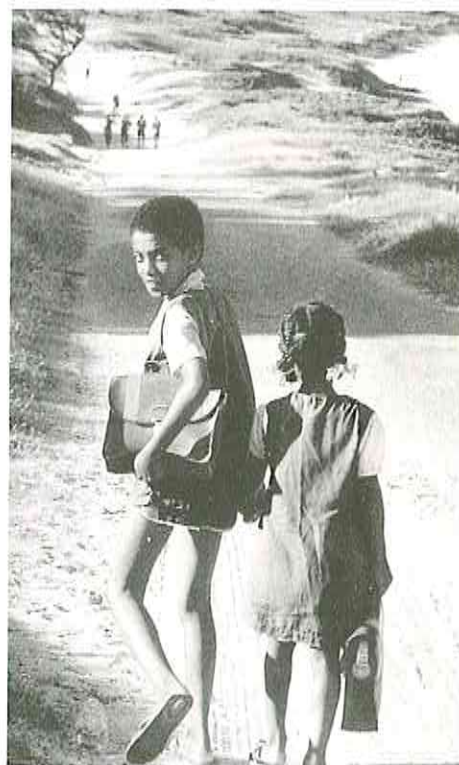
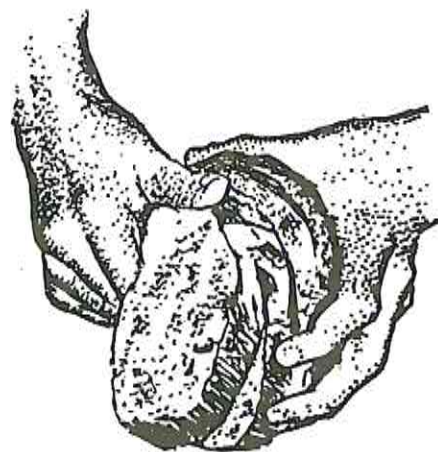
As mulheres ocupam uma posição inferior nas sociedades africanas. Embora a situação varie de lugar para lugar, em geral, há opressão e falta de reconhecimento da dignidade das mulheres. Na opinião de uma senhora africana douta: «A mulher africana, além de estar sob a servidão cultural e a opressão, sente também a opressão sócio-econômica dos neocolonialistas na Igreja... Poucas mulheres africanas estão despertando para a dignidade como pessoas humanas. Esse despertar traz-lhes a consciência da dura realidade, vivida durante séculos, durante os quais foram excluídas de qualquer dignidade como pessoas humanas por sua cultura e pela igreja patriarcal» (Irmã Ana Nasimiyu-Wasike).

As nações da África encontram-se **escravizadas economicamente, dependentes dos países do exterior**; naturalmente que se ressentem disso e há muita desconfiança. O mesmo pode acontecer em nível de Igreja. Estamos lutando para evitar que haja essa mentalidade entre os Irmãos e é muito importante que continuemos nesse espírito.

3. Situação religiosa

A Igreja tem uma história longa e nobre na África. O Egípcio, primeira nação africana a receber o Evangelho, deu à Igreja (através de Alexandria) uma plêiade de figuras cuja contribuição ainda hoje é sentida. Com grande fervor missionário, a Igreja se difundiu por todo o norte da África onde floresceu por mais de mil anos antes que sua vida fosse cortada pelas grandes incursões muçulmanas. A evangelização da África sub-saariana nos séculos XV e XVI foi ineficiente por muitas razões. Hoje, a Igreja da África tem suas raízes na evangelização do século XIX.

O século XX foi **período de crescimento extraordinário sem paralelos na história da Igreja.** No início do século, talvez houvesse um milhão de católicos em toda a África; hoje, são de 80 a 85 milhões.



Agora, no final do século, a Igreja está entrando em novo período de evangelização. O Papa João Paulo II insiste neste grande empreendimento, falando dele como sendo a «hora da África», um período que requer da Igreja esforço muito especial no conjunto de suas atividades missionárias. Podemos observar alguns fatores importantes para a situação atual e futura:



- (a) O período colonial acabou e a evangelização é agora levada adiante no contexto de países africanos independentes. Para muitos africanos, a Igreja tem sido, e ainda permanece uma instituição estrangeira.
- (b) Há novas realidades eclesiais. Por exemplo, o primeiro bispo africano foi ordenado em 1939, e havia apenas alguns no Concílio Vaticano. Hoje, 348 dos 481 bispos são africanos ou malgaxes. Outra mudança importante é a entrega de um número sempre crescente de paróquias ao clero local, antes ao cuidado de institutos missionários. É notável o crescimento das vocações para o sacerdócio e para a vida religiosa.
- (c) Em geral, a evangelização pode ser realizada em plena liberdade na maioria dos países africanos. A exceção é nos países dominados pelo islamismo.
- (d) As religiões tradicionais africanas usualmente são abertas ao cristianismo.
- (e) A presença do islamismo, às vezes de forma agressiva, põe um grande desafio à Igreja com seu ideal de diálogo.
- (f) As enormes mudanças nas esferas políticas, econômicas, sociais e culturais requerem novas estratégias de evangelização em todos os países da Europa ou África (mesmo da Austrália!).
- (g) Houve crescimento extraordinário no número de seitas na África; há de 8 mil a 10 mil diferentes seitas.

A fim de promover esforços pastorais e atividades em prol da Igreja na África, o Papa convocou uma Assembléia especial para a África no Sínodo dos Bispos. Presentemente, os principais temas indicados para estudo são:

- Evangelização
- Inculturação
- Diálogo
- Justiça e Paz
- Meios de Comunicação Social



4. Os Irmãos Maristas na África e Madagascar

Podemos notar o seguinte quadro de nossa presença marista:

Ano	Total	Estrangeiros	Afric./Malg.	% Afric./Malg.
1978	500	285	213	42 %
1986	479	191	288	60 %
1989	447	146	301	67 %

A média de idade dos Irmãos africanos e malgaxes é muito jovem. Há 19 setores, províncias ou distritos envolvidos. Os Superiores regionais, junto com os provinciais, perfazem 32. Durante os últimos 12 anos, muitos Irmãos estrangeiros mais antigos morreram ou retornaram às Províncias de origem; dessa forma, o número deles reduziu-se pela metade.

Há muitas vocações para o sacerdócio e para as congregações femininas. Em alguns países, a vocação de Irmão não é compreendida nem apreciada. Contudo, é também um fato que, enquanto em algumas regiões colocaram a prioridade nas vocações e possuem um plano de pastoral vocacional bem organizado, em outras, manifestam-se muito inadequadas nesse planejamento.

Grandes esforços foram feitos para reforçar a formação que é dada, especialmente, pela racionalização de recursos na formação do noviciado e pós-noviciado e na preparação dos formadores.

5. Três reflexões

- *Existem dificuldades que devem ser enfrentadas, mas as aceitamos de bom grado porque esta é nossa oportunidade e que é oportunidade muito importante para a África e Madagáscar. É tempo para realizar importantes provisões para o futuro.*
- *O futuro da Igreja na África e em Madagáscar, e o dos Irmãos Maristas, recai sobre a gente da África e de Madagáscar. A maior tarefa dos que são de outros países e províncias é de facilitar que isso aconteça.*
- *Há necessidade de um exame sério dos desafios e que se estabeleça um plano para respondê-los. É claro que a situação varia de país para país, mas no estágio atual de desenvolvimento, é necessário uma ação concertada para algumas situações.*



Desde 1986, os Superiores das províncias e setores da África têm-se reunido regularmente todos os anos.

O Irmão Superior Geral dirigiu-se com estas palavras à reunião dos Superiores e aos Irmãos do Centro Internacional. Depois de sua apresentação, dividiram-se em grupos para refletir sobre diversas questões:

- * *Como preparar líderes Maristas para o futuro? Em que campos necessitamos desses líderes?*
- * *De que precisamos para continuar nossa colaboração atual e estendê-la?*
- * *Quais as tarefas mais urgentes em seu setor ou região?*
- * *Quais as necessidades educacionais e catequéticas mais urgentes?*
- * *Como está integrado nosso esforço apostólico com o trabalho pastoral da Igreja em que agimos?*
- * *De que maneira animamos o espírito missionário em nosso Irmãos?*
- * *Quais os desafios mais importantes para o futuro?*
- * *Como se reconhece um Irmão Marista na África e em Madagáscar?*



□

TEMAS DIVERSOS



- *A formação e a colaboração*
- *Inculturação da obra marista*
- *O futuro dos Irmãos na África*
- *Nossos Irmãos mais idosos*
- *Nossos Irmãos jovens*
- *Nossos pioneiros falecidos*

A FORMAÇÃO E A COLABORAÇÃO

- Chegando à questão da formação na África e Madagáscar, durante anos, foi realizada da maneira como tinha sido tradicionalmente feita no Instituto, introduzindo os jovens na vida de um Irmão Marista baseada nas Regras e Constituições. A fraqueza do sistema tornou-se evidente quando deixaram a estrutura protetora da comunidade e foram colocados em situações que não havia mais essa proteção e apoio.
- Temos a sorte de dispor do Guia de Formação, no qual grande esforço foi realizado. A nova maneira de encarar a formação é de considerá-la como uma personalização e uma interiorização dos valores da vida religiosa, o acento é posto na pessoa, não na estrutura.
- E minha convicção crescente de que o número de Irmãos do continente vai crescer e vamos precisar de um discernimento vocacional sério e um método igualmente sério de seleção das vocações em perspectiva.
- Parece-me que a geração mais nova da África hoje está se imbuindo de um espírito cada vez mais internacional. É uma colaboração internacional que parece tão positiva.
- Gostaria aqui, de fazer um pedido à generosidade dos Irmãos. A formação séria dos Irmãos requer gente dedicada e devemos solicitar às províncias estarem dispostas a fazer sacrifícios tanto em pessoal como em finanças.

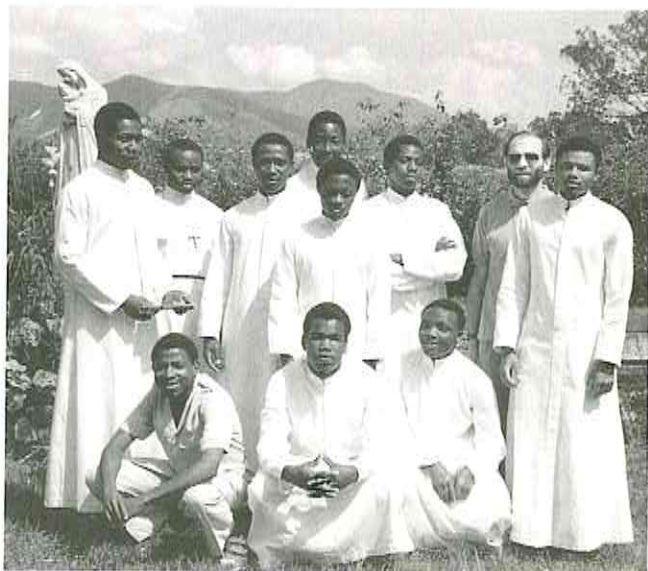
O artigo 95 de nossas Constituições ressalta que a **vitalidade do Instituto depende da qualidade da formação dada aos jovens Irmãos** e acrescenta que essa formação deve adaptar-se às pessoas e às culturas dos Irmãos. O Vaticano II requer um retorno ao nosso carisma, na formação. Graças a Deus, estamos começando a valer-nos de nossa experiência para transmitir o carisma que herdamos do Padre Champagnat, e, dependendo cada vez menos de «mestres da vida espiritual» exteriores.

Esta nova maneira de agir implica sérias conseqüências para o Instituto: a formação e o número de pessoal exigido, as estruturas e o conteúdo dos programas, etc.

A mesma palavra «formação» implica que reconhecemos que uma vocação é alguma coisa que deve ser formada, não algo que está em pleno florescimento, desde o começo. A menos que haja ajuda definida, clara, sábia ao jovem Irmão para que cresça para a maturidade religiosa e pessoal, corremos o risco que sua vocação não se forme, pode até ser deformada.

Nossa formação deve basear-se em nosso carisma e parece-me que o aspecto carismático de tornar-se Irmão Marista se resume no termo «ser irmão» (irmandade). Isto já revela todo um leque de qualidades, de abordagem, de uma maneira de ser. Apreciamos e sentimos que o fato de ser «um irmão», realmente, faz parte de nossa vida. Refere-se imediatamente a nosso espírito de família, ao espírito da Sagrada Família de Nazaré, e, com isso, temos todos os aspectos que consideramos

elementos essenciais para ser Irmão Marista, isto é, a simplicidade, a humildade e a modéstia, percebidas sob o enfoque teológico e espiritual, de forma positiva e exigente, como uma maneira de encarar a vida e o relacionamento, em geral. **Nossa devoção a Maria**, conforme vamos descobrindo na rica Mariologia que apareceu desde o Vaticano II, é uma Mariologia baseada na visão bíblica e nos elementos essenciais que impeliram o coração do Padre Champagnat e de nossos primeiros



Noviciado internacional de língua francesa em Nyangezi (Zaire).



"Apreciamos e sentimos que o fato de ser "um irmão, realmente, faz parte de nossa vida"..."

Irmãos. Nossa devoção marial, nossa missão junto aos jovens permanecem a essência de nosso carisma. **Nosso espírito comunitário** —tão ressaltado nas Regras através dos anos, e tão querido por tantas gerações de Irmãos— o espírito de trabalho, inclusive a dimensão do trabalho manual, **nossa opção pelos pobres**, os jovens, os carentes, tudo isto, acredito, forma parte essencial do que chamamos o carisma Marista.

Chegando à questão da formação na África e Madagascar, durante anos, foi realizada da maneira como tinha sido tradicionalmente feita no Instituto, introduzindo os jovens na vida de um Irmão Marista baseada nas Regras e Constituições onde tudo estava claramente determinado. O jovem era convidado a conformar-se a empenhar-se em se conformar com o que estava aí. Colocava-se muito esforço na regularidade —porque ser um religioso a seguir o que estava escrito, mais segura estava sua vocação. A sociedade católica em que nossas escolas e comunidades se inseriam tinha grande admiração para esse tipo de vida que era uma espécie de amparo contínuo para o jovem Irmão em sua fidelidade à Regra. A teologia da vida religiosa que estava por trás dessa formação baseava-se na fidelidade à Regra; grande ênfase era colocada no ascetismo, na salvaguarda do jovem Irmão à influência do «mundo», de maneira que a formação era feita numa estrutura protetora. O Irmão passava do noviciado para a vida comunitária onde «absorvia o espírito religioso» por uma es-

pécie de osmose através dos outros Irmãos. O pessoal da formação era escolhido entre os Irmãos que davam o melhor exemplo de regularidade e conformidade com as Regras, e, não esqueçamos, homens plenos de um sentido da presença de Deus em sua existência, com profunda vida de oração, enfim, homens que eram boas testemunhas dos valores da vida religiosa.

Os últimos anos presenciaram um notável desenvolvimento, e, esforços muito sérios foram feitos, para preparar o pessoal de formação que pudesse ajudar os jovens Irmãos através dos primeiros anos da profissão, a fim de aprofundar sua vida religiosa, desenvolver uma personalidade religiosa interior forte que os levasse incólumes através das dificuldades da vida para onde seriam levados, mais tarde. Durante anos, a Igreja e as Congregações estiveram tentando descobrir quais são os critérios, as estruturas certas que ajudem os jovens religiosos, através da formação, para essa nova situação pós-Vaticano II. Temos a sorte de dispor do **Guia de Formação**, no qual grande esforço foi realizado para dar linhas mestras que possam ajudar numa abordagem nova da formação. O Guia, contudo, não foi estudado com seriedade e não foi interpretado corretamente. O pessoal da formação, na África, hoje, precisa muito de ajuda para aprofundar a compreensão do novo tipo de formação que é, a nosso modo de ver, um dom precioso para o Instituto. A nova maneira de encarar a formação é de considerá-la como **uma personalização e uma interiorização dos valores da vida religiosa** —o acento é posto na pessoa, não na estrutura. A entrevista e o acompanhamento pessoal tornam-se cada vez mais importantes e exigentes.

Na África e em Madagascar, em anos recentes, tem havido um florescimento, uma verdadeira explosão de vocações, talvez de par a par com o crescimento da população. Ao mesmo tempo, o número de Irmãos missionários diminuiu abruptamente e o conjunto de Irmãos autóctones aumentou. Um resultado foi que, lá onde pensávamos que tínhamos resolvido a questão de espaço e facilidades para a formação durante anos, vindo em **Nairobi**, agora achamos que é insuficiente, e temos que começar a pensar seriamente em abrir um segundo centro. É minha convicção crescente de que o número de Irmãos do continente vai crescer e vamos precisar de um discernimento vocacional sério e um método igualmente sério de seleção das vocações em perspectiva. Podemos comparar o crescimento em número de padres na África e Madagascar nos últimos quinze anos. No início da década de 1970, havia cerca de 3000, agora são perto de 10000. As necessidades do continente são tão enormes que estamos certos de que Nossa Senhora inspirará sempre mais jovens a serem chamados para a vida marista. Isso é uma bênção para a Congregação e para a Igreja, mas também um desafio. A fim de dar formação adequada às numerosas vocações que o Senhor nos está enviando, precisamos cada vez mais de formadores qualificados, de outra forma, corremos o risco de cometer os mesmos erros do passado.

DESAFIOS

Do que foi dito, é claro que o primeiro desafio é a necessidade urgente de preparar pessoal para ajudar as vocações. Devem ser Irmãos capazes de compreender e não apenas compreender; devem ser homens que personalizaram bem profundamente sua vocação, que resolveram seus problemas vocacionais. Devem ser homens para os quais a oração é uma experiência que tem sentido, homens cuja experiência de Deus, das pessoas de Jesus e Maria em sua vida é, como foi para Champagnat, uma experiência vivida.

O segundo desafio é o sistema de formação que seja capaz de instilar o sentido de discernimento e a prática do discernimento com os jovens Irmãos, os noviços e postulantes. O discernimento torna-se uma forma pela qual o guia conduz o jovem, de maneira segura, na experiência de Deus, do carisma Marista que faz com que o jovem se torne capaz de discernir o chamamento, descobrir, de maneira muito pessoal, o chamado que Deus lhe está fazendo. O discernimento tornou-se um modo de vida, um hábito que nos ajuda a distinguir continuamente, como as Constituições nos pedem, com nossa comunidade e com os Superiores: a missão, os sinais dos tempos, o apelo para crescer, para continuar a formação permanente —em outros termos, um crescimento contínuo em santidade que nos leve a um apostolado efetivo e eficiente. Se quisermos aprender do passado, a questão do discernimento não pode ser tomada superficialmente. O formador do ano 2000 deve ser capaz de ajudar o jovem, não apenas em seu desejo consciente de ser generoso, mas também na realidade de sua vida, as falhas, as limitações, e, ainda mais, as razões reais, as circunstâncias que o impedem de crescer, de ser generoso como quereria, para atingir o ideal posto em frente dele.

O próprio Padre Champagnat dizia aos Irmãos: «*Os primeiros Irmãos devem ser religiosos perfeitos, para que sirvam de modelo para os que os seguirão, no futuro. É raro que as gerações vindouras superem os primeiros Irmãos em fervor e virtude. Nossos futuros Irmãos, então, serão o que somos e o exemplo que dermos marcará um limite que será dificilmente transposto.*»

COLABORAÇÃO

Enquanto aumentam os setores, distritos e províncias na África e Madagáscar, temos de levar em conta todas as nossas limitações, e ver quanto precisamos colaborar uns com os outros. Sempre houve **colaboração dentro da Congregação**, como se nota no segundo noviciado, ou nos atualmente denominados cursos de renovação. Contudo, não foi sempre assim em nível de noviciado e postulado. Cada área tentou resolver seus problemas de formação no que se poderia designar um modo muito informal. Um dos motivos foi a falta de pessoal, que levou em diversos casos ao fechamento de um juvenato ou noviciado. Os Superiores não se puseram de acordo para tentar dar resposta à situação. É interessante observar que sempre houve resistência em vários níveis a esse tipo de colaboração, sempre por razões que pareciam muito boas. Penso que ao nos agrupar, deveríamos esquecer aquelas barreiras que por vezes correríamos risco de menosprezar. Uma das razões é que não devemos cortar ao jovem Irmão o contacto com sua família e amigos, visto que tais contactos são essenciais para o crescimento de sua vida afetiva. Trata-se de problema para o qual devemos achar uma resposta. Outra razão, não exposta, mas muitas vezes subconsciente, é



*Noviciado de Kutama
(Zimbabwe, Malawi,
Zâmbia, Quênia, 1990).*



"Parece-me que a geração mais nova da África hoje está se imbuindo de um espírito cada vez mais internacional."

uma espécie de nacionalismo —é talvez natural que desejemos que nosso país se beneficie de um centro como este, por exemplo, o MIC.

Minha segunda reflexão é que achamos duas maneiras diferentes de abordar a formação, talvez por motivos de idade. Parece-me que a geração mais nova da África hoje está se imbuindo de um **espírito cada vez mais internacional**. É a colaboração internacional que parece tão positiva, que não precisa mais de uma geração para tornar-se realidade, um sinal dos tempos? Houve alguns exemplos maravilhosos de colaboração, no passado, mas usualmente em base pessoal —Estou pensando nos Irmãos Luke e Nivard na Nigéria, Ir. Valentino no Ruanda e outros casos. Estamos conscientes de que a nova situação requer novas respostas e os Superiores encararam esse fato. Vê-se isso, por exemplo, no curso que está sendo realizado em Roma para Mestres de Noviços e também nesse empreendimento de conjunto que é o Centro Internacional Marista, de Nairobi. São apenas dois exemplos de colaboração que dificilmente poderiam ser cogitados uma dúzia de anos atrás! Já temos um noviciado internacional em Ghana e postulados interprovinciais na África central e no Malawi.

Gostaria aqui, de fazer um **pedido à generosidade dos Irmãos**. A formação séria dos Irmãos requerer gente

dedicada e devemos solicitar às províncias estarem dispostas a fazer sacrifícios tanto em pessoal como em finanças. Precisamos de Irmãos de alto calibre, homens capazes de empreender bons trabalhos em suas províncias. Mas temos que pedir às províncias que os liberem —liberar acompanhantes, administradores, peritos em vários ramos a fim de dar cursos.

Quero concluir expressando meus sinceros agradecimentos a tantas províncias de todo o mundo que nos ajudaram com seus sacrifícios. Agradeço ao Conselho Geral, que tem sido sempre pronto em fazer o possível para nos ajudar qui, em Nairobi...

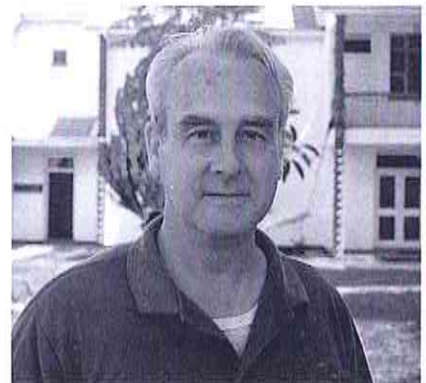
Um especial agradecimento aos Irmãos, aos Padres Maristas, que nos enviaram o Padre Bob Barber. Tornou-se parte de nossa equipe de formação e conquistou o respeito e o amor de todos os jovens Irmãos.

A todos os Irmãos do Instituto, ao Reverendo Irmão Superior Geral e seu Conselho, aos Padres Maristas, meu muito obrigado de coração.

*Ir. Powell Prieur
em colaboração com o Ir. Luís Sobrado*



*Ir. Luis Sobrado,
Superior do M.I.C.
de Nairobi.*



Ir. Powell Prieur, C.G.

INCULTURAÇÃO DA OBRA MARISTA

- «Inculturação é encarnação da vida e da mensagem cristã numa área cultural concreta».
- Trata-se de uma visão simplista encarar a África como um todo homogêneo. É um erro. A África oferece grandes variedades culturais.
- Essa participação profunda dos Irmãos nas realidades locais da África é um aspecto muito importante da inculturação da mensagem evangélica.
- Existe, hoje, um grande número de cristãos africanos nos quais a mensagem evangélica está verdadeiramente encarnada graças à educação cristã ministrada pelos Irmãos.
- A realidade é que a África de hoje é um continente em transformação. É teatro de crises múltiplas, variadas e profundas.
- De há alguns anos para cá, na África, entre os Irmãos, veio se formando uma nova mentalidade. Cada vez mais, os Irmãos missionários vindos do exterior, como os autóctones, são muito sensíveis à importância crucial das mudanças em curso.
- A catequese e outras formas diversas de apostolado são hoje lugares de partilha antes do que de ensino. A atitude geral é de escuta ativa.
- Esses valores constituirão os fundamentos de um novo equilíbrio sócio-religioso que permitirá às culturas africanas de recriar na fidelidade a si próprias e na aceitação dos valores cristãos.

Entre os numerosos problemas que a juventude africana deve enfrentar, a ambigüidade cultural é, certamente, um dos que apresentam maiores receios quando se pensa no futuro. Percebe-se a necessidade de achar vias de solução nos diversos domínios da vida, notadamente na evangelização e na educação.

De há alguns anos para cá, os diversos esforços desenvolvidos nesse sentido tendem a convergir para um vasto movimento de inculturação da qual tanto se fala hoje.

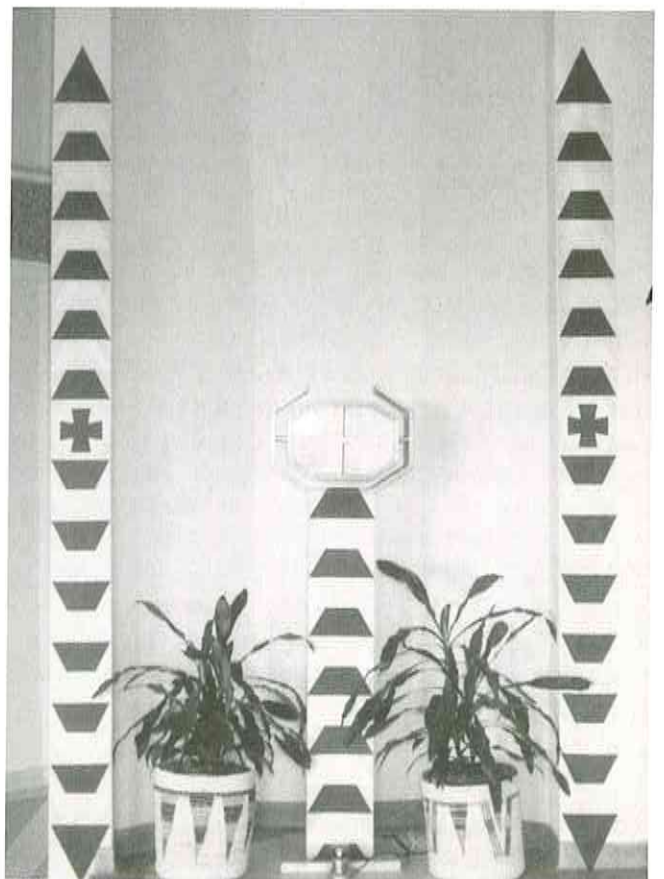
Irmãos Maristas, religiosos educadores, somos inevitável e profundamente implicados no amplo debate sobre a inculturação. É a razão pela qual temos tanto interesse nas análises feitas e nas questões levantadas nesse domínio.

Essa preocupação não carece ser explicada e não tem como objetivo essencial de nos manter intelectualmente em dia, visa, em primeiro lugar, conhecer melhor as realidades culturais dos povos e sociedades em cujo ambiente trabalhamos. No entanto, antes de falar da obra Marista na África, vejamos, brevemente, o que entendemos por inculturação.

A INCULTURAÇÃO É O QUÊ?

É muito difícil dar uma definição de inculturação que seja plenamente satisfatória para todos. Isso deve-se, em parte, ao fato de que se trata de um conceito relativamente novo e que a realidade que deve ser definida varia muito.

Contudo, o Pe. Arrupe deu uma definição que pensamos ser das melhores. Ele diz isto: «Inculturação é encarnação da vida e da mensagem cristã numa área cultural concreta, de maneira que essa experiência não



“Inculturação é encarnação da vida e da mensagem cristã numa área cultural concreta.”



"...conhecer melhor as realidades culturais dos povos e sociedades em cujo ambiente trabalhamos."

se exprima somente com os elementos próprios à cultura em questão, mas ainda que essa experiência se transforme em princípio de inspiração, ao mesmo tempo como norma e força de unificação, que transforme e recrie essa cultura, sendo assim origem de uma nova criação».

Esta definição responde muito bem às tentativas da África em face das pesquisas sobre a inculturação e também em face de sua dinâmica.

Com efeito, a inculturação tem em conta a transformação e a necessidade de recriação que são as grandes características da África de hoje. A atitude dos primeiros Irmãos chegados na África, em geral, foi problemática. Deram-se conta da variedade; mas, tratava-se de uma transformação e de uma re-criação e, nesse aspecto, houve falta de perspectiva. Aliás, isso foi um erro generalizado.

A fim de compreender melhor a inculturação da obra marista, vamos examiná-la por meio das três características adiante citadas.

A VARIEDADE

Trata-se de uma visão simplista encarar a África como um todo homogêneo. É um erro. A África oferece grandes variedades culturais. As culturas étnicas e tribais apresentam diferenças que excluem toda confusão ou generalização.

Ao lado desses aspectos de diferenças, inscritos nas tradições, estamos assistindo a uma nova fragmentação. Esta é antes de tudo social. Consta-se no seio das etnias, das tribos e no interior das famílias.

Por um lado, existem as culturas africanas tradicionais. Continuam vivendo. E as ameaças de desaparecimento que continuam a pesar sobre elas criaram uma reação de vitalidade. Essas culturas dominam nos meios ditos tradicionais, isto é, nos campos africanos onde o modo de vida e o sistema de valores são ainda ao estilo de antanho.

Por outro lado, existe como uma nova cultura nos meios urbanos. A escola e os diversos meios de comunicação criaram mais do que uma nova mentalidade. Na África, a gente da cidade constitui uma classe que não pode ser confundida; fala línguas européias e suas categorias mentais são fortemente marcadas, e, às vezes, conduzidas pela visão ocidental do mundo.

É preciso dizer-se, contudo, que o limite entre essas duas culturas atravessa muitas vezes a alma cultural do africano moderno. Na África, o homem e, mesmo o jovem da cidade, não conseguem desfazer-se do mundo de seus ancestrais. Os gênios de sua aldeia continuam a perseguir-lhe a imaginação. Seu modo de julgar é muitas vezes marcado por referências étnicas de sua tribo. Além disso, a África das aldeias é cada vez mais influenciada pelo estilo de vida ocidental. Os jovens questionam o que aos olhos dos pais parecia definitivamente instalado no coração da cultura.

Para compreender o aluno africano metido nessa ambigüidade, os Irmãos devem participar nessas duas culturas. Em muitos lugares, os Irmãos se estabeleceram no campo desde que chegaram. Aprenderam os idiomas locais até poderem comunicar-se em profundidade com a população. Certos Irmãos, dotados de talento particular, fizeram traduções para os dialetos do país onde se encontravam. Outros, lançaram-se no campo da música, descobrindo assim esse aspecto da arte que revela os matizes da sensibilidade numa cultura. Houve os que puseram tanto empenho no ambiente de seu apostolado de forma que, realmente, se encarnaram nele.

Hoje, conhecem e compartilham a realidade local. Aprenderam a apreciar a organização política e econômica dessas culturas que desposaram. **Essa participação profunda dos Irmãos nas realidades locais da África** é um aspecto muito importante da inculturação da mensagem evangélica. Seria, sem dúvida, exagero dizer que permitiu evangelizar as culturas. Mas permitiu conversões profundas em nível de pessoas individuais, entre a população local.

Existe, hoje, uma grande número de cristãos africanos nos quais a mensagem evangélica está verdadeiramente encarnada graças à educação cristã ministrada pelos Irmãos. Encontra-se até quem se tenha imposto a vivência da espiritualidade marista. Tais pessoas, profundamente convertidas ao cristianismo, que integraram os valores cristãos e atenderam aos apelos de Cristo em

seus valores tradicionais, constituem o fermento de uma verdadeira inculturação do Evangelho numa escala maior, em nível das culturas.

Os Irmãos, contudo, notaram que esse trabalho belo e grande que eles executaram permanece insuficiente, que poderia ser mesmo, como o decorrer do tempo, a origem de uma visão aberrante das coisas, se não se tomar em conta as mudanças profundas e rápidas que caracterizam a África hodierna.

TRANSFORMAÇÕES PROFUNDAS

Um dos obstáculos importantes para a inculturação da mensagem evangélica é a linguagem estéreis e tipada de certos missionários. Com efeito, há os que pensam conhecer um grupo humano de hoje unicamente por aquilo que leram em tal ou tal etnólogo do começo do século ao falar do grupo em questão. Parece às vezes, para essas pessoas, que na África o tempo parou. Para elas, a África é um continente moldado conforme estruturas e esquemas com um século de idade apenas.

A realidade é que a África de hoje é um **continente em transformação**. É teatro de crises múltiplas, variadas e profundas. É no fervilhar dos pensamentos, dos valores tradicionais e modernos, das pesquisas, das tensões e das crises... que a inculturação é chamada a agir.

De há alguns anos para cá, na África, entre os Irmãos veio se formando uma nova mentalidade. Cada vez mais, os Irmãos missionários vindos do exterior, como os autóctones, são muito sensíveis à importância crucial das mudanças em curso. Afirmam por palavras e ações que a mensagem evangélica que eles difundem deve ser de natureza a informar e a orientar essas transformações em curso. Tudo isso respeitando a identidade cultural e religiosa das pessoas envolvidas no processo.

Dentro dessa orientação, relativamente nova, os Irmãos trabalham, em geral, com os jovens seja em meios escolares ou extra-escolares. A catequese e outras formas diversas de apostolado são hoje lugares de partilha antes do que de ensino. A atitude geral é de escuta ativa.

Os Irmãos adotaram, ou melhor, adotam cada vez mais uma nova estratégia de evangelização. Consiste em reconhecer desde o início, a presença de Deus nas pessoas às quais são enviados, a apreciar e mesmo assumir os valores que são expressão dessa presença. Em outras palavras, os Irmãos descobrem que a inculturação da mensagem evangélica passa por uma boa parte pela **inculturação das pessoas e inculturação de si próprio**.

Observa-se que, nesta maneira de agir, os jovens e mesmo os menos jovens se interrogam e questionam seus valores culturais a partir do Evangelho. O passo seguinte consiste então em despertar nas pessoas que estão sendo evangelizadas a presença de Deus nelas e em suas culturas, a fim de poder dizer todos juntos: «Verdadeiramente Deus está aqui e nós não o sabíamos!»

No decorrer dessa nova forma de agir, é forçoso constatar que o apostolado da presença junto aos jovens numa atitude marial de humildade, simplicidade e modestia verdadeiras faz muito mais pela inculturação do que muitas reflexões acadêmicas. Nos diversos lugares onde os Irmãos se estabeleceram, sua presença criou e continua a criar uma abertura ao Evangelho. Uma vez que essa atitude existe, a inculturação começou. Mas é necessário saber guiar o movimento e respeitar o ritmo das pessoas. A impaciência, a pressa, o entusiasmo descontrolado e outros africanismos pomposos vêm em prejuízo da verdadeira inculturação.

Os problemas culturais, visto que se trata de culturas, acham solução numa integração calma e harmoniosa

Em muitos lugares, os Irmãos se estabeleceram no campo desde que chegaram.



dos elementos novos e na reformulação do conjunto. É nessa capacidade de refazer, com abertura e na fidelidade, que se mede a força de uma cultura.

POSSIBILIDADE DE RECRIAÇÃO

Em face do cristianismo, as culturas africanas, por muito tempo, pareceram estar em presença de um dilema. Tinham a escolha entre adotar a nova religião e morrer como cultura e religião tradicionais ou rejeitar a nova religião e arriscar-se a fechar-se dentro da religião dos ancestrais cujas práticas se tornavam cada vez mais em desuso.

Pensa-se, hoje, que isso foi um dilema falso. Todas as culturas conheceram encontros com outras forças culturais e religiosas e sobreviveram a esses embates aceitando uma síntese dentro de novos equilíbrios. Diríamos: em se recriando ou em se reformulando. Deve-se pensar que, para sua salvação, a África não fugirá a essa regra.

Um dos papéis dos Irmãos da África consiste em ajudar os jovens a saírem da «aventura ambígua» cristianismo - religião tradicional na qual estão imersos. Os Irmãos comprometeram-se a ajudar os jovens a descobrir e integrarem os verdadeiros valores das duas partes. Esses valores constituirão os fundamentos de um novo equilíbrio sócio-religioso que permitirá às culturas africanas de recriar na fidelidade a si próprias e na aceitação dos valores cristãos.

Dois fatos importantes ilustram essa atitude dos Irmãos. Trata-se do recrutamento e da criação do M.I.C. No tocante ao recrutamento, é necessário reconhecer que foi por muitos anos negligenciado. Mas, a partir de algum tempo, existe preocupação e vontade quase onipresente de recrutar. E coisa algo nova, todos compreendem que deve ser seletivo. Os critérios dessa

seleção são sérios e bem respeitados. Os recrutadores servem-se do Guia de Formação e têm cuidado de aplicá-lo às realidades das províncias, distritos e setores.

Quanto ao Centro Marista de Nairobi, iria quase dizer que sua importância não carece ser comentada. É um instrumento de formação religiosa e acadêmica, de integração do Evangelho e das culturas da África. Seus programas e orientações dos cursos falam por si.

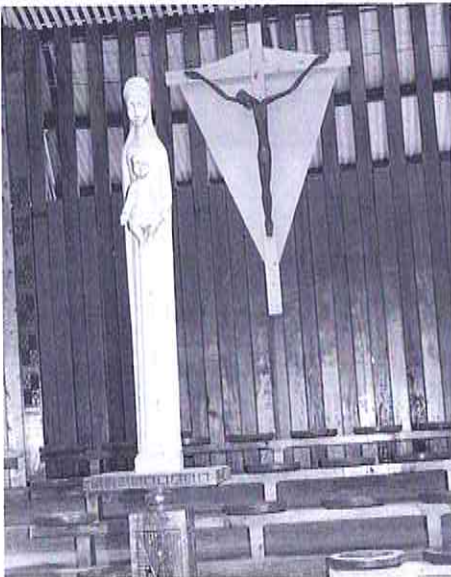
A inculturação da obra marista na África é antes de tudo uma tarefa para os Irmãos africanos. Para isso, no entanto, é necessário que eles existam, que sejam numerosos e que sejam bem formados. É sob essa condição que os Irmãos pensarão e viverão a vida marista como africanos e a difundirão segundo os moldes africanos.

Eis porque um bom recrutamento e uma boa formação, como podem ser observados hoje em nossas províncias, distritos e setores constituem um bom começo e apresentam razões profundas de esperar uma inculturação da obra marista na África.

Esta contribuição para o número especial de F.M.S.- Mensagem sobre a África é, com certeza, uma reflexão objetiva sobre a obra marista na África mas é também um ponto de vista deliberadamente otimista. Desde a chegada dos primeiros Irmãos em solo africano, aconteceram muitas coisas. O continente conheceu mudanças profundas, é o mínimo que se possa dizer.

É hoje um grande motivo de alegria verificar que os Irmãos optaram pela abertura. A obra Marista adapta-se aos meios em que se implanta. Tem em conta as transformações de que a sociedade é objeto. Os Irmãos ajudam os jovens, futuro do continente, a renovarem-se em contacto com os valores do Evangelho ao integrá-los em suas culturas.

Ir. Théoneste Kalisa (Zaire)



Valores cristãos integrados em seus valores tradicionais.



Ir. Théoneste Kalisa.

O FUTURO DOS IRMÃOS MARISTAS NA ÁFRICA

- Minha maior preocupação como Superior é prover elementos para o futuro do trabalho Marista no Setor, para prosseguir a obra, depois da partida dos missionários.
- A África tem necessidade do amor de Deus e de sua Mãe, um amor simples, que nos foi ensinado por Marcelino, juntamente com a simplicidade de vida, nossa dedicação ao trabalho, cuidado especial para com os carentes...
- Até agora, nos empenhamos dos carentes que freqüentam nossas escolas... mas representam fração mínima da multidão imensa de jovens ameaçados pela pobreza e pela delinquência.
- Minha experiência foi de que, em toda a parte em que se vive vida Marista autêntica, o povo acode espontaneamente a nós, nos escuta e deseja viver como nós.

Em resposta a um questionário, quatro Superiores Regionais enviaram suas opiniões a respeito do assunto em questão. Foram os Irmãos *Antônio Rieu*, do Zaire, *Michael Oruche*, de Ghana, *Jean-Louis Rognon* da República da África Central e *Emanuel Ramaroson*, de Madagascar.

Damos aqui as perguntas com as respectivas respostas.

1. Qual é seu maior desafio como Superior?

Como Superior, tenho duas maiores preocupações em mente, ambas são tão importantes para mim que não saberia como dar preferência a uma em detrimento da outra. São:

- 1) Uma boa formação Marista para os jovens Irmãos nesta nova missão de Ghana;
- 2) a fidelidade ao carisma Marista nessa sociedade em constante mudança em que vivemos.

Ir. Michael

Minha maior preocupação como Superior é prover elementos para o futuro do trabalho Marista no Setor, para prosseguir a obra, depois da partida dos missionários; para que os Irmãos nativos continuem e desenvolvam as atividades na África Central. Com esse objetivo em mira, o acompanhamento e a formação dos aspirantes é tarefa delicada que requer muito esforço e grande espírito de fé.

Agora, minhas duas maiores preocupações, que são simultaneamente os dois maiores desafios para o Distrito, são: a formação, em geral, e noso apostolado junto aos jovens. Tivemos já bom resultado ao organizar a formação inicial nas diversas etapas; agora, devemos nos concentrar na formação permanente. Em nível de Conselho, estamos comprometidos com o estudo sério de toda a questão de nosso trabalho junto aos jovens, o ensino da religião nas escolas, o movimento de jovens com uma característica bem Marista (o AMC



Ir. Jean Louis Rognon.



Ir. Emmanuel Ramaroson.



Ir. Antonio Rieu.



Ir. Michael Oruche.

—Amigos de Marcelino Champagnat), e na promoção das vocações.

Ir. Antônio

Tenho duas: a) a formação dos jovens Irmãos, um tanto negligenciada no passado, com a resultante da perda de alguns bons elementos; b) desde 1988, pudemos designar um Irmão de tempo pleno para o recrutamento, visto que colocamos todo o esforço na formação. Em futuro próximo, procuraremos agir ainda melhor.

Ir. Emanuel

2. O que pensa do desenvolvimento de nosso carisma Marista no continente africano?

É muito necessário para nós. A África tem necessidade do amor de Deus e de sua Mãe, um amor simples, que nos foi ensinado por Marcelino, juntamente com a simplicidade de vida, nossa dedicação ao trabalho, cuidado especial para com os carentes, para interpelar o modo estravagante de viver de alguns líderes, o desejo de atingir a riqueza sem consegui-la pelo trabalho honesto.

Ir. Michael

Se quisermos estar s serviço dos jovens, dos pobres da África, sobretudo, então, estaremos sobrecarregados, corremos o risco de nos «arrebentar». Até agora, nos empenhamos dos carentes que freqüentam nossas escolas... mas representam fração mínima da multidão imensa de jovens ameaçados pela pobreza e pela delinqüência. É um campo em que nosso carisma de educadores cristãos pode desenvolver-se.

Ir. Jean-Louis

A educação cristã, conforme o estilo de Champagnat, é de maior importância na África de hoje, onde temos uma quantidade imensa de jovens em busca de formação humana, sedentos dos valores espirituais e cristãos. A presença de Irmãos que possam mostrar a esses jovens o rosto de Deus, que é Amor, valendo-se da pedagogia de Maria desempenha um papel fundamental na Igreja de hoje.

Ir. Antônio

Acho que os missionários do exterior que vivem conosco nos trouxeram o carisma Marista. Através da autenticidade de sua vida, atraíram boas vocações entre nós que já estão dando fruto. Agora é a vez de dizerem: «Outros devem crescer e nós devemos desaparecer.»

Ir. Emanuel

3. Como encara nossa missão Marista na África para o ano 2000?

Minha visão de nossa missão Marista na África permanece a do Fundador: levar a boa nova do Evangelho a

nosso povo, dar-lhe a conhecer que Deus ama a todos... aos jovens, através da escola e outros meios menos formais; ao povo pela evangelização direta nas aldeias, colaborando com outros, atingindo adultos e jovens.

Ir. Michael

Os peritos em perspectivas não são muito otimistas no tocante à evolução da África nos anos vindouros. Em nossa qualidade de Maristas, devemos compartilhar mais de perto a vida dos pobres aos quais levamos a boa nova. Nossa consagração religiosa requer maior sacrifício de nossa parte... o que pode assustar os «fracos», mas induzir os «fortes» a uma resposta entusiasta.

Ir. Jean-Louis

Meu sonho é de comunidades especialmente constituídas por Irmãos africanos, testemunhas e mensageiros da boa nova, vivendo o compromisso religioso com alegria e audácia, a serviço dos jovens mais desamparados do continente. Numa palavra, os profetas do século XXI, gritando aos jovens da África!

Ir. Antônio

Até aqui, nosso trabalho podia ser considerado «missionário», dependente dos estrangeiros. Agora, chegou a vez dos Irmãos «nativos». O prosseguimento da obra depende de sua vida Marista autêntica e engajada. Devemos ter Irmãos africanos e malgaxes que levem para frente a obra, século XXI a fora.

Ir. Emanuel

4. Qual é seu modo de ver a pastoral das vocações nos dias que correm?

- 1) Existem muitas vocações em potência para nosso gênero de vida;
- 2) há contudo, necessidade urgente de empregar novos meios nessa pastoral;
- 3) a formação está melhorando, mas é necessário que, além de utilizar o conhecimento e a técnica dos Irmãos missionários, a formação contenha um conteúdo e um jeito africanos.

Ir. Michael

As vocações Maristas estão surgindo por toda a África. Isso é uma graça para nós, mas também um desafio! Por felicidade, podemos contar com o apoio dos Superiores em Roma, e nas províncias que aqui iniciaram a obra... sem mencionar a colaboração de todos os setores africanos, como os noviciados internacionais, o Centro Internacional Marista, etc.

Ir. Jean-Louis

A juventude da África está à procura da verdade, e, por razões profundas, quer viver a vida em plenitude, assim, está aberta ao chamado de Deus. A época é simplesmente estupenda! O exemplo de Irmãos entusiastas que se doam, sem medir esforços, e que se fazem presentes junto aos jovens é de suma importância.

Ir. Antônio

De momento, parece haver vocações em abundância... Mas são reais? Dois pontos me acodem à mente. 1º Muitas famílias com prole numerosa valem-se do juvenato, novicado e mesmo do período de votos temporários como meio de dar pelo menos a um dos filhos a possibilidade da auto-suficiência! 2º A Igreja da África é jovem, a fé ainda está permeada com uma porção de superstições, mesmo nas famílias que parecem bem cristãs. Com resultados desastrosos, vemos a confusão até nos que acham que têm vocação religiosa. 3º Em país em desenvolvimento, os pobres muitas vezes consideram o sacerdócio e a vida religiosa como forma de melhorar sua condição material. Devemos interpelar seriamente os motivos dos que se apresentam a nós.

Ir. Emanuel

5. Quais suas maiores razões de esperança?

Entre muitas, desejo apresentar duas:

- 1) a juventude da Igreja da África;
- 2) a importância e o apelo da obra e do espírito de Marcelino na África hodierna. Minha experiência foi de que, em toda a parte em que se vive vida Marista autêntica, o povo acode espontaneamente a nós, nos escuta e deseja viver como nós.

Ir. Michael

Em primeiro lugar, nossos jovens Irmãos, que estão ardentemente em zelo para promover a evangelização da África e prover as vocações. A formação «internacional» que recebem ajuda-os a vencer as divisões e viver o mesmo espírito de família. Os Irmãos mais antigos, com sua presteza em ajudar, animam os outros a prosseguirem. Acima de tudo, temos confiança em Maria, que desde o início, «tudo tem feito entre nós».

Ir. Jean-Louis



Profissão perpétua no Zaire (1990).

Apesar do que expus acima, há muitas razões de esperança.

- As famílias africanas e malgaxes são numerosas, há muitas possíveis boas vocações à espera para que as formemos. Há muita insistência por parte da Igreja no consolidação de verdadeira vida de família.
- Há uma crescente força cristã nos movimentos juvenis, boas sementeiras de vocações.
- Há uma preocupação no sentido de proporcionar formação sólida e profunda tanto ao clero como aos religiosos.
- Finalmente, a Igreja está passando sempre mais para a gente local que aceita a responsabilidade de gerir seus negócios.
- Isso quer dizer que os nativos serão mais capazes de transmitir suas convicções aos compatriotas.

Ir. Emanuel

□

NOSSOS IRMÃOS MAIS IDOSOS



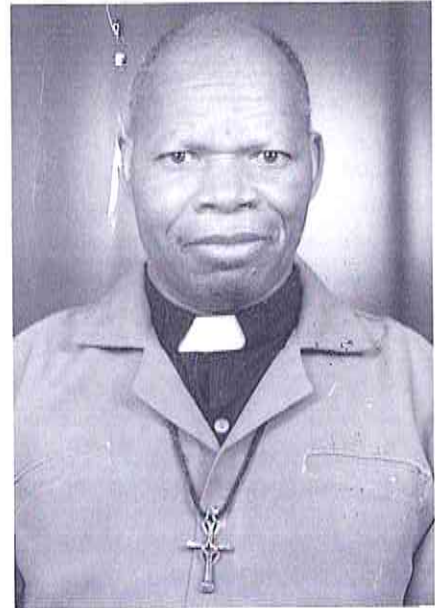
Ir. Pascal Nkurunziza.

ha disposição para atravessar o rio, e agora estou chegando à outra margem. Em outros termos, estou no fim de meus dias.

Ir. Patrick

- Minha vocação é dom maravilhoso de Deus para mim e para meus Irmãos, um dom que recebi com muita alegria e gratidão. A confiança e o apoio recebidos da família, dos amigos e dos antigos alunos ajudam-me cada dia a tornar-me o que devo ser, um apóstolo, uma testemunha de Jesus Cristo.

Ir. Pascal



Ir. Patrick Bwana.

Fizemos cinco perguntas sobre a vida religiosa a três Irmãos africanos mais idosos: os *Irmãos Eugène Utera*, do Zaire, *Patrick Bwana*, do Malawi e *Pascal Nkurunziza*, do Ruanda. Apresentamos as perguntas com as respostas que foram dadas.

1. Como encara sua vocação e sua caminhada até aqui?

- Minha vocação é um dom de Deus, sentido desde pequeno. O vigário queria que ficasse padre, mas, ao conhecer os Irmãos e que a congregação era consagrada à Santíssima Virgem, optei por ela. Apesar da oposição do vigário e de meu pai, ingressei no noviciado em 1948 e agradeço sempre a Deus a graça de ter entrado na congregação.

Ir. Eugène

- Vejo minha vocação como um barco, especialmente posto à min-

2. Que sentido tem a fidelidade para o senhor?

- Para mim, a fidelidade significa meu compromisso com Deus. Deus me ama de amor infinito, assim devo ser fiel a minhas promessas por meio da fidelidade às Constituições e ao caminho traçado pelo Fundador.

Ir. Eugène

- Para mim, significa seguir a Cristo o mais de perto possível, apesar de minhas falhas.

Ir. Patrick

- A fidelidade consiste em não duvidar do chamado que recebi quando jovem. É abrir a mente e o coração às mensagens que o Senhor me envia através dos acontecimentos de minha vida e do mundo. É acreditar no poder da Palavra que me nutre e me ajuda a agir. É nunca desesperar do homem e prosseguir em seu serviço.

Ir. Pascal

3. Quais aspectos do carisma Marista o atraem mais fortemente?

- O aspecto que mais me atrai é ir ao encontro dos jovens mais pobres e abandonados. Nosso Fundador era muito sensível às necessidades dos jovens, particularmente em assunto de ignorância religiosa.

Ir. Eugène

- Aceitar de bom grado o encargo do ensino, e uma vontade forte de não desistir. Ser Marista, filho de Maria, o desejo de torná-la conhecida e de levar Cristo às pessoas!

Ir. Pascal

- A presença atenciosa entre os jovens que dela precisam hoje; o

cuidado em espalhar a boa nova; a prioridade em prestar serviço aos jovens, aos carentes, aos esquecidos nas cidades e no campo.

Ir. Patrick

4. Qual o seu modo de pensar a respeito da missão Marista e do apostolado dos Irmãos na África?

- Na África, os Maristas desempenham papel dinâmico na Igreja dando sólida educação aos jovens, especialmente preparando-os ao batismo, à primeira comunhão e à confirmação. É o que os jovens Irmãos fazem em Kisangani, agora.

Ir. Eugène

- A África está na região do Terceiro Mundo... Nossa missão é ajudar as pessoas a crescer e lutar contra o complexo de inferioridade e superioridade que impedem tanto o progresso material como o espiritual. Quando há mistura de raças... os religiosos nativos deveriam planejar o futuro de sua vida religiosa.

Ir. Patrick

- Na qualidade de africano, aprecio o trabalho dos Irmãos em favor de meu país e de todo o continente. É missão exigente, urgente, mas bela. Estamos passando por crises que nos estão preparando para

mudanças. Devemos estar prontos. O trabalho educacional dos Irmãos, seu esforço em espalhar a boa nova são muito relevantes e disso temos consciência.

Ir. Pascal

5. Que mensagem levaria aos jovens Irmãos e às novas gerações?

- Minha mensagem aos jovens Irmãos é que, em primeiro lugar, se tornem homens de oração —sem a oração não pode haver garantia de perseverança; o homem que reza viverá bem, será fiel a seu compromisso de seguir a Cristo. Devem procurar construir convicções fortes e formar personalidade sólida.

Ir. Eugène

- Minha mensagem tem cinco aspectos:

- ser fiel à oração pessoal e multiplicar as ocasiões para isso;
- ser fiel à oração comunitária: são dois pontos essenciais;
- ser responsável por tudo que deve fazer;
- achar tempo para ler bons livros que ajudem a meditar;
- fazer questão de mostrar-se sempre satisfeito, em primeiro

lugar, na vida com os demais Irmãos na comunidade... o sorriso não custa nada, mas, traz felicidade em nosso ambiente; ter boas maneiras para com todos.

Ir. Patrick

- Gostaria de dizer aos jovens Irmãos que constituem um tesouro para o Instituto, a Igreja e o mundo. Que sua alegria na vocação a serviço dos outros seja sinal de que Jesus é realmente o Redentor e que a boa nova é de fato uma mensagem de libertação. Não devem recear de proclamar à gente de nossa época que sua sede só pode ser saciada por aquele que disse à samaritana. «Quem quer que beber dessa água não terá mais sede». Mais importante ainda, que a melhor maneira de atrair vocações é o testemunho de vida, dado no seio de uma comunidade que se ama e reza.

Gostaria de repetir as palavras de João Paulo II na vista que fez a nosso país. «Vosso país com milhares de montanhas e milhares de problemas, faz dele um país em que os projetos e as soluções podem ser aos milhares... Não receis de empregar os talentos que Deus vos deu... acima de tudo, não percais a coragem.»

Ir. Pascal



Irmão Eugênio Utera (Zaire) com um grupo de crianças.

NOSSOS JOVENS IRMÃOS

- Ser Marista na África, hoje, quer dizer aceitar ir com os jovens, sempre mais numerosos, estar ao lado dessa juventude.
- O simples fato de tornar-se Irmão Marista na África constitui uma violação do sentido africano de partilha, da vida e da fecundidade.
- É o desafio que devemos aceitar e que devemos explicar às pessoas.
- Para mim, ser Irmão Marista na África de hoje é um ato de fé e de coragem. Ato de fé no carisma do Padre Champagnat e um ato de coragem para crer que este carisma pode lançar raízes e perpetuar-se aqui na África.
- Que o apostolado Marista seja mais diversificado, vá além das escolas para responder às mudanças dos tempos e das condições.
- Minha visão do ano 2000 é que a África Marista será firmemente estabelecida no continente, com meios próprios em diversos domínios.
- Os jovens não têm nenhuma razão de perder a esperança. É sua vez que se anuncia.



Ir. Cletus Akamnonu



Ir. Nicholas Banda.



Ir. Remy Mbolipasiko

Como foi o caso dos Irmãos idosos, solicitamos a alguns jovens Irmãos de responderem a certas perguntas. Reproduzimos as respostas dos Irmãos *Remy Mbolipasiko* do Zaire, *Cleto Akanmonu* da Nigéria, *Nicolas Banda* do Malawi, *Francisco Attah* de Ghana, *João Batista Tamesu* dos Camarões, *Cristiano Gisa-*

mony do Zaire, *Kazindu Antônio* do Zaire, *João Luís Yerima* da República da África Central, *Silvano Ramandimbarisoa* de Madagáscar e *Antônio Sanasana* do Moçambique.

1. O que significa tornar-se Irmão Marista na África de hoje?

Em suma, é um desafio, um desafio qualitativo e também quantitativo. As estatísticas nos mostram que a África é um continente povoado na maioria por jovens, daí a necessidade de vocações. O passado e a situação presente produziram um tipo especial de jovens, de onde a necessidade de uma formação integral e equilibrada do Irmão para ser apto a aceitar esse desafio.

Ir. Remy

É o desafio de estar convencido de sua vocação em face dos atrativos de ordem econômica e ao relaxamento moral; é ser capaz de adquirir um mínimo de recursos para seu passado; é não se deixar desanimar



Ir. Francis Amoako Attah.



Ir. Jean-Baptiste Tamessuien.

pelo pequeno número de Irmãos, mas ser atraído pelo Cristo e os sinais dos tempos.

Ir. Cleto

Encaro estes desafios como situações exigentes que um jovem Irmão africano deve enfrentar:

- a) A vida religiosa ainda não é bem compreendida na África; certos aspectos são considerados como vindos do exterior, porque na cultura africana, não se tem tradição concernente aos votos. Os aspirantes à vida religiosa devem abraça-los, embora sabendo que vão contra sua tradição.
- b) Ser Marista na África, hoje, quer dizer aceitar ir com os jovens, sempre mais numerosos, estar ao lado dessa juventude que está cada vez mais se desligando das culturas tradicionais africanas e que se sente marginalizada na sociedade moderna.
- c) No interior da Congregação, sobretudo na África, estamos atravessando por um período de transição em que a fase estrangeira cede lugar à fase autóctone. Deverá haver mudanças no domínio do apostolado e de nosso estilo de vida para nos colocar em harmonia e em consonância com nossa cultura e os meios de que dispomos.

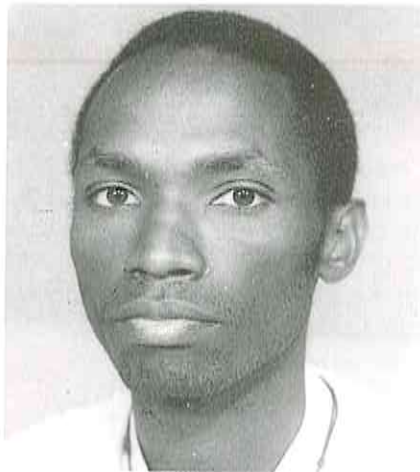
Ir. Nicolau

O simples fato de tornar-se Irmão Marista na África consti-

tui uma violação do sentido africano de partilha, da vida e da fecundidade. Por conseguinte, o voto de pobreza, no sentido estrito, torna o Irmão egoísta, e a natureza da castidade na vida religiosa torna-se pedra de tropeço para o crescimento da família. É o desafio que devemos aceitar e que devemos explicar às pessoas.

Ir. Francisco

Esse desafio de tornar-se Irmão Marista na África de hoje é de evangelizar os outros, de sensibilizar-nos perante a responsabilidade de que nossas ações nos apresen-



Ir. Kazindu Antoine

tam dia após dia, para uma consciência integral da juventude que possui potencialidades para a África do ano 2000.

Ir. João Batista

Para mim, ser Irmão Marista na África de hoje é um ato de fé e de coragem. Ato de fé no carisma do Padre Champagnat e um ato de coragem para crer que este carisma pode lançar raízes e perpetuar-se aqui na África.

Ir. Cristiano

O desafio de tornar-se Marista na África de hoje significa: ter amor desinteressado pelos jovens, sobretudo os menos favorecidos; estar pronto a colaborar ativamente nos centros de animação dos jovens, centros de formação catequética;

engajar-se em achar soluções aos problemas dos jovens (delinqüência, desemprego, meninos de rua, os que abandonam a escola...; ser homem de fé e de esperança (visto a complexidade dos problemas).

Ir. Kazindu

Tornar-se Irmão na África de hoje significa ser portador de alegria e de esperança para um continente em que a maioria dos jovens são pobres e amargurados pelas situações sociais, desorientados pelo suicídio que representa nosso sistema escolar e educativo atual. Estaremos à altura para achar uma solução a essa situação e suscitar nos jovens uma visão otimista de seu porvir?

Ir. João Luis

Tornar-se Irmão na África de hoje é ser capaz de renunciar a certos valores como a riqueza, a herança, o amor seletivo, a alegria de fundar um lar e de educar os próprios filhos, para buscar outros valores mais nobres, em vista de uma felicidade duradoura. Além disso, o Irmão orienta os jovens para esses valores.

Ir. Silvano

Manter a fidelidade ao Fundador e ao carisma Marista, apesar das dificuldades; promover o homem integral por meio da formação humana, cristã, bíblica, teológica e marial. Isso requer a inserção total na pastoral diocesana e utilização de todos os meios para uma autêntica promoção das vocações Maristas.

Ir. Antônio



Ir. Antônio Sanasana.

2. Quais são os aspectos do Fundador ou do carisma marista que mais o impressionam?

Seu amor aos jovens, sobretudo os mais relegados, que era inseparável de seu zelo apostólico («Não posso ver uma criança, sem sentir o desejo de ensinar-lhe o catecismo, sem desejar fazer-lhe compreender quanto Jesus Cristo a amou» (C2); sua maneira corajosa de agir, o abandono à Providência e o amor a Maria, em que encontrou a Mãe, o Apoio, a Guia... o Recurso Habitual.

Ir. Remy

É simplesmente o fato de tornar-se Marista —de Maria— e tudo quanto isso implica. É a vida comunitária Marista; é nosso apostolado junto à juventude, nossa implicação com seu mundo para trabalhar com ela, do interior.

Ir. Cleto

a) Perseverança. Mesmo que as coisas não andem bem, é pela oração que a perseverança se fortalece. Como para o Padre Champagnat, chegaremos lá na medida em que nossa união com Deus for mais profunda. Além disso, poder discernir os sinais dos tempos, pela prática da presença de Deus.

b) O amor das crianças e dos jovens é outro aspecto. Como o Padre Champagnat costumava dizer: «Para bem educar os meninos, é preciso amá-los»

Ir. Nicolau

Uma das características do carisma Marista que sublinho é o espírito marial. O amor a Maria ajuda-me a compreender esse aspecto de nossa vida. Nosso espírito de família coincide igualmente com a percepção que os africanos têm da família ampliada, a gente se sente bem com os Irmãos.

Ir. Francisco

Diversos aspectos me impressionam em Marcelino Champagnat. O interesse pela juventude que revela minha identidade de engajado hoje. Essa vida comunitária que nos faz desabrochar e nos torna mais próximos uns dos outros. A oração na

qual me torno eu mesmo e me dá consciência de meu relacionamento com o Outro e com os outros.

Ir. João Batista

O que mais me chama a atenção na vida do Fundador é seu grande amor aos Irmãos e aos jovens. Isso aparece de modo muito claro nas cartas. O que me impressiona ainda é a solicitude pelos desamparados.

Ir. Cristiano

Os aspectos do Fundador que mais me impressionam são a capacidade que teve de enfrentar as dificuldades com fé e confiança na proteção maternal da Santíssima Virgem. Também sua sensibilidade frente às necessidades dos jovens de seu tempo e uma busca ativa de soluções.

Ir. Kazindu

Nosso Fundador? Foi homem formidável, grande amigo dos jovens. Preocupava-se com os problemas da juventude, queria «permanecer muito tempo» entre os jovens para escutá-los, conhecê-los, compreendê-los e amá-los. Essa é a inspiração que recebo do Padre Champagnat como apóstolo da juventude.

Ir. João Luis

«Trabalhar com a juventude», eis um aspecto que me seduz no carisma Marista. Quero estar com os jovens lá onde eles se encontram para ajudá-los.

Ir. Silvano

Sua confiança total em Deus, sua grande devoção a Maria, sua profunda humildade, sua dedicação para com os pobres e seu zelo apostólico.

Ir. Antônio

3. Que esperanças tem para a África Marista do ano 2000?

Ter Irmãos que, depois de uma boa formação religiosa e profissional, sejam repletos de espírito missionário, capazes de responder às esperanças dos jovens, capazes de assumir postos de responsabilidade e fazer da África Marista um assunto nosso.

Ir. Remy

Que o apostolado Marista seja mais diversificado, vá além das escolas

para responder às mudanças dos tempos e das condições. Que diversos Irmãos possam formar-se não apenas para si, mas em função de nosso apostolado.

Ir. Cleto

a) Enquanto apreciamos o que os Irmãos estrangeiros fizeram e ainda fazem por nós, africanos, a África do ano 2000 precisa de Irmãos africanos que também tomem parte ativa no planejamento do futuro do continente. Em outros termos, a África deve trazer seus valores à vida Marista universal.

b) Espero igualmente que pelo ano 2000, a África Marista tenha refletido sobre suas possibilidades para melhor servir aos povos desta terra. Quero falar aqui das formas de apostolado que mais convêm à África. Por exemplo, o ensino e as escolas não bastam. Os Irmãos devem engajar-se mais diretamente no trabalho apostólico com os jovens, rapazes e moças, ir lá onde estão. Outro ponto é a distribuição do pessoal. Isto é, que os africanos tenham a possibilidade de ser missionários em outros Distritos ou Províncias da África.

Ir. Nicolau

Minha visão do ano 2000 é que a África Marista será firmemente estabelecida no continente, com meios próprios em diversos domínios, em pessoal e, provavelmente, em recursos econômicos. Espero também que os Maristas africanos saberão guardar bem viva a chama de Champagnat, estendendo-se em outras partes da África, visando prioritariamente dar a conhecer e amar Jesus Cristo.

Ir. Francisco

Para o ano 2000, a África ficará o celeiro na árvore do mundo Marista. Compete à África levar a bandeira da evangelização aos povos que nos impregnaram com essa mensagem de amor e que se descristianizam nestes tempos de corrida para as idéias destruidoras da juventude.

Ir. João Batista

Ao contemplar o porvir da África, tenho medo. Penso, no entanto, que os Irmãos Maristas africanos garantirão seu futuro pela fidelidade ao Evangelho, ao carisma do padre Champagnat e por sensibilidade aguda aos apelos dos pobres. A chave do futuro Marista na África está aí.

Ir. Cristiano

Minhas esperanças para a África Marista do ano 2000 são:

- Ser modelos para os jovens e chegar a influenciá-los de maneira sensível;
- Fazer do Padre Champagnat «um exemplo» para os jovens;
- Ter boas e numerosas vocações;
- Ser capazes de novas fundações. (Um de meus sonhos é também de ver a criação de um centro de formação, retiro, sessões dos membros da Família Marista para sensibilizá-los, formá-los para se tornarem cristãos engajados e impregnados das virtudes mariais.

Ir. Kazindu

O porvir da África Marista do ano 2000 é muito promissor e tal otimismo é suscitado e reforçado pelo crescimento das vocações que hoje a África presencia. Esta realidade constitui motivo de esperança para mim como jovem Irmão africano.

Ir. João Luis

O número de vocações dá muitas esperanças para a África Marista do ano 2000. As potencialidades dos jovens e os esforços na formação que estão sendo realizados reavivam minha esperança.

Ir. Silvano

No ano 2000, teremos Irmãos preparados e responsáveis. Graças a eles, a congregação será conhecida e respeitada em toda a África. Esses Irmãos devem estar revestidos de Cristo pela oração, reflexão, formação integral. Irmãos sempre presentes nos cargos da administração central.

Ir. Antônio



«Estes jovens Irmãos devem ser revestidos de Cristo pela oração...»

4. Que mensagem gostaria de transmitir aos jovens de seu país?

Devido a esse vento terrível de mudanças políticas, sociais... que agora sopra na África, o Zaire de hoje é atravessado pela incerteza sobre o que será o amanhã... Os jovens não têm nenhuma razão de perder a esperança. É sua vez que se anuncia. Que se preparem com cuidado e coragem.

Ir. Remy

Deus os ama. São importantes e preciosos para ele. Estão cheios de vida e de energias. Podem ajudar outros jovens a se tornarem livres também, especialmente na gratuidade do amor verdadeiro. É um trabalho indispensável para o futuro, qualquer que seja. Ao sair da escola, podem chegar a isso se não se deixarem arrastar pela falsa moda. A instrução é um direito, não um privilégio. É o primeiro passo em direção da libertação de si e dos outros.

Ir. Cleto

Podemos ainda dizer que «a messe é abundante e que os operários são poucos». Convido os jovens a descobrir em seu íntimo para quem Deus os está chamando. Enquanto procuram, que se deixem guiar por pessoas sábias. Uma vez achada a vocação «florescer lá onde Deus os plantou» porque Deus sempre dá

sua graça de perseverar em tudo quanto lhes pede. *Enfim, rezar com fervor.*

Ir. Nicolau

As crenças culturais existentes e as estruturas sociais, pouco a pouco, inspiraram o temor nos jovens de Ghana. É a razão por que lhes digo: «Não receiem, coloquem sua esperança no Senhor», porque o porvir de nossa vida cristã e nosso desenvolvimento sócio-econômico repousa sobre seus ombros.

Ir. Francisco

Neste ano em que os Camarões celebram o centenário, olhem, caros jovens, as coisas com novo olhar, com o olhar cristão; cedamos lugar a Deus em nossa vida e vamos dar-lhe resposta de coração e braços abertos.

Ir. João Batista

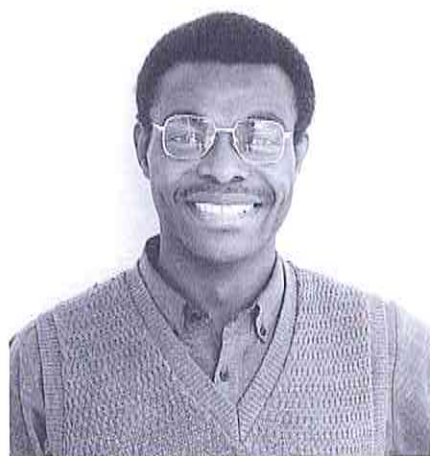
Sejam generosos, disponíveis e abertos. Continuem a lutar contra toda forma de egoísmo que os poderia impedir de responder à vocação de homens e cristãos. Que Deus os abençoe nos esforços que fazem para manterem-se fiéis.

Ir. Cristiano

Jovens do Zaire, reflitam bem antes de escolher seu modelo.

Ir. Kazindu

A vocês jovens, como para o jovem rico, Cristo continua a amá-los por meio da Igreja e de seus apóstolos.



Ir. Jean-Louis Yerima.

Hoje, são as Maria Goretti, e as Kizito que lutam contra a prostituição e a falsificação do amor. São Champagnat e Dom Bosco para lutar contra a miséria dos jovens. São testemunhas da verdadeira felicidade que se mantém e se propaga como o fogo. Então?

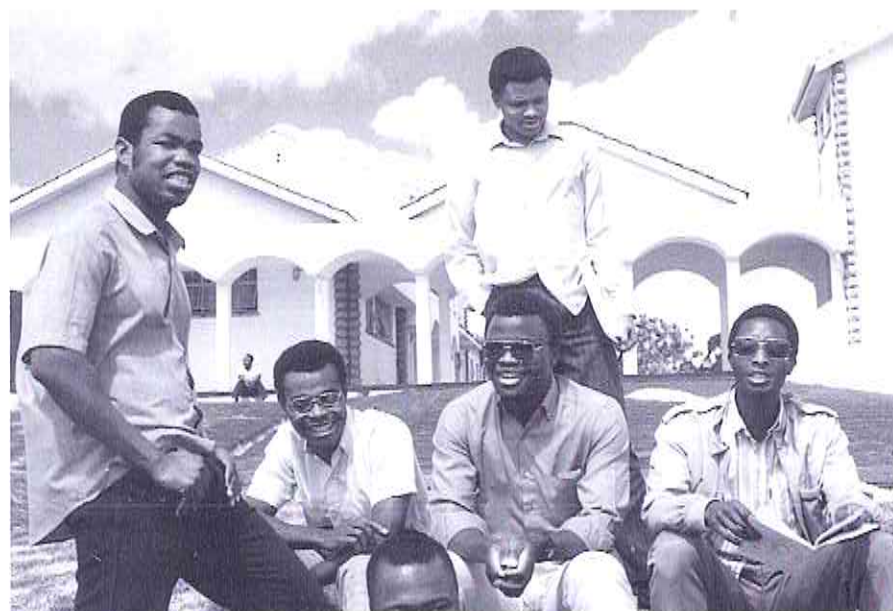
Ir. João Luis

Na vida, existem muitos valores. Atenção! Não são todos excelentes! Não se satisfaçam com o prazer momentâneo e os valores visíveis e tangíveis. Vão em procura de outros valores, mais difíceis a descobrir mas, que garantem a felicidade eterna!

Ir. Silvano

Não percam de vista o objetivo de sua existência, mas procurem dar-lhe o maior valor possível. Permaneçam fiéis e dóceis às inspirações do Espírito Santo. Procurem apoio constante em Jesus e Maria, nossa Mãe. Fiquem abertos aos ensinamentos da Igreja e não queiram menosprezar as raízes de onde provêm!

Ir. Antônio



«Os jovens não têm motivo algum de perder a esperança.»

LES FRÈRES MARISTES EN AFRIQUE

(le 24 avril 1991)

PAYS	FRÈRES					
	Aut.	Mis.	Tot.	Perp.	Temp.	Nov.
Afrique du Sud	17	8	25	24	1	0
Algérie	0	3	3	3	0	0
Angola	1	8	9	7	2	1
Cameroun (A + F)	11	14	25	18	7	1
Centrafrique	7	10	17	10	7	0
Côte d'Ivoire	2	11	13	11	2	1
Ghana	7	2	9	6	3	3
Guinée Équatoriale	0	4	4	4	0	0
Kenya	0	16	16	16	0	1
Libéria	0	4	4	4	0	0
Madagascar	57	4	61	41	20	0
Malawi	31	14	45	20	25	24
Mozambique	2	10	12	11	1	0
Nigeria	75	5	80	63	17	0
Rwanda	31	6	37	30	7	2
Zaire	27	22	49	37	12	8
Zambie	6	12	18	13	5	7
Zimbabwe	6	18	24	21	3	1
TOTAUX	280	171	451	339	112	49

N.B. Les étudiants du MIC (Kenya) ont été répartis selon leur propre nationalité.



Ir. Sylvain Ramandimbarisoa.

NOSSOS PIONEIROS FALECIDOS

Dos Irmãos que dedicaram a vida para trabalhar na África, damos dois protótipos, um de um missionário, e, o outro, de um Irmão nativo, ambos exemplos do que deveria ser um Irmão Marista.

IR. ALBANO MARIA

(Gregory Ifedi Ohoye)

Nasceu em 1924 de pais pagãos, em Dunukofia, no que seria, posteriormente, Onitsha, Nigéria. Sua educação primária fê-la na escola da missão, mais tarde, obteve o certificado de conclusão de escola (elementar). Em 1940 foi professor das classes inferiores e ensinou catecismo. (Era normal na época: um rapaz que tivesse concluído o 6º ano primário era considerado qualificado para ensinar até ao 3º ano do mesmo nível).

Ao trabalhar na missão, desenvolveu interesse pela vida religiosa e ingressou na congregação de S. Pedro Claver, em 1947. Foi uma congregação fundada em 1943 para formar catequistas e professores do curso elementar. Devido à inexperiência dos padres na formação dos Irmãos, o bispo Wheland, de Owerri, decidiu solicitar aos Irmãos Maristas para que assumissem essa tarefa, o que aconteceu em 1956. Dessa maneira, o Ir. Albano ficou Marista e fez a profissão perpétua em 1961.

Tinha estudado também na escola normal de 1951 a 1953, para ser professor, tendo sido, depois, indicado superior da comunidade de Azaraegbelu, local em que se estabelecera uma comunidade para os Irmãos que freqüentassem referida escola. Mais tarde, foi professor na escola normal Espírito Santo, em Umuahia e superior da comunidade aí existente.

Uma das qualidades raras que o Ir. Albano e outros de seu grupo trouxeram de S. Pedro Claver foi um zelo ardente pelo ensino do catecismo. Eram todos homens de fé profunda que tinham recebido dos pri-



Ir. Alban Marie.

meiros missionários e a apreciavam tanto que cada respiração parecia impeli-los a compartilhá-la com outrem. Esses Irmãos foram um dom que o Senhor concedeu à congregação Marista por meio de seus primeiros membros.

Era homem de têmpera, talentoso, que falava pouco, mas trabalhava muito. Como superior de comunidade, e, mais tarde, visitador do distrito, de 1968 a 1974, tinha um coração de mãe para atender às necessidades dos Irmãos e a firmeza de um bom comandante para tomar uma decisão e agir de acordo.

Foi alguém cujos talentos teriam produzido mais frutos ainda, se tivesse tido a oportunidade para a educação superior, mas provavelmente, fora feito para trabalhar arduamente e sustentar a família, enquanto a geração mais nova recebia o que não lhe fora dado, como muitas vezes acontece nos lares.

Foi dos primeiros Maristas refugiados afetados pela guerra do Biafra, arrastado para fora da comunidade de Port Harcourt, vagueou de um lugar para outro em busca de segurança.

Durante a guerra, viu-se nomeado visitador do distrito. Até então, esse encargo tinha sido exercido por um dos Irmãos missionários, mas a guerra obviamente ameaçava sua estada no país e precisava-se de um Irmão nativo para cuidar dos demais. Foi tarefa dura a do Ir. Albano, em uma época muito ruim, mas com a graça de Deus tudo foi bem, com tempo e paciência as coisas foram ajustando-se. No final do segundo período no posto, em 1974, insistiu que seu substituto fosse nigeriano, não um missionário, que na época, eram muito poucos no país.

No final de 1974, verificou que a saúde não era das melhores. Somente mais tarde soube-se que tinha problemas cardíacos que o levaram ao túmulo, em 11 de agosto de 1979, na idade de 55 anos. O Senhor que servira durante tanto tempo parece tê-lo preparado para o deslance no retiro anual, que estava no quinto dia, quando morreu rodeado dos coirmãos. Foi o primeiro irmão nigeriano a falecer, deixando-nos o exemplo a seguir. Descanse em paz!

O IRMÃO ALPHIUS

(Richard Devriendt)

Nasceu na cidade de Leke, em Flandres, em 1892, numa família de pobres trabalhadores que, naquela época de pobreza e miséria, perdiam muito filhos de tenra idade.

Em criança, os estudos foram muito irregulares devido ao trabalho no campo até à idade de 11 anos.

Ingressou no juvenato de Pittem, passando pelo noviciado e escolasticado onde obteve o certificado professor em 1912. Um dos irmãos o seguiu na congregação dos Irmãos Maristas e trabalhou toda a vida na Bélgica.

O Ir. Alphius lecionou em Gentbrugge durante 11 anos. Então, os Superiores solicitaram voluntários para a

missão que tinham aberto em 1912 e ele apos o nome. Em 1923 partiu da Bélgica para o que era então o Congo belga.

O alunado na escola de Buta foi de 250, em 1923, para 750, em 1929 e o Ir. Richard, como era conhecido no Congo, lançou-se de alma e corpo em seu trabalho. Estudou o lingala, o dialeto local, traduziu livros para esse idioma. Fundou uma «firma impressora» em Buta! Lecionou nas escolas primárias e secundárias; realizou trabalho pioneiro nas fazendas, introduzindo instrumentos e gado europeu no país e hortaliças da mesma procedência para a horta.

O trabalho foi interrompido para o segundo noviciado em Grugliasco, após o qual foi nomeado superior em Buta, que dirigiu até 1946, período em que também abriu um juvenato.

Indicado para Nyanguezi, levou os juvenistas consigo. Começou a construir uma nova escola, um juvenato, e, mais tarde, o noviciado e o escolasticado. Em 1952 foi nomeado visitador do distrito, tarefa que levou adiante de maneira admirável, embora achasse que não era feito para isso; pediu para ser exonerado.

Novamente, encarregado de uma escola, desta feita em Stanleyville, na qual havia 3 500 alunos, divididos entre o elementar em várias áreas da cidade, o segundo grau, uma escola

comercial e outra técnica – tudo isso sob seus cuidados!

A doença abateu-se sobre esse homem forte que nunca tinha estado enfermo antes, que tinha saído ileso das doenças tropicais e que tinha cuidado tantos coirmãos seus! A doença deu motivos de alarme... os médicos pensaram fosse câncer e o enviaram à Bélgica para tratamento. Lá os especialistas fizeram um exame; falaram de possível cirurgia;... depois, mudaram de idéia e o Ir. Richard esteve às portas da morte.

Pediu para regressar a Stanteyville: «Pelo menos posso ser de alguma utilidade lá» - e seu murmúrio foi atendido. Os coirmãos mal e mal o podiam reconhecer, porquanto o sofrimento o tinha completamente mudado. Em 9 de outubro de 1959 teve que ficar no leito e resignar-se a longa e penosa agonia que acabou no dia 26 de mesmo mês.

Trabalhara 36 anos na vinha da missão Marista. Que Deus conceda uma grande recompensa a esse prudente e fiel servo!

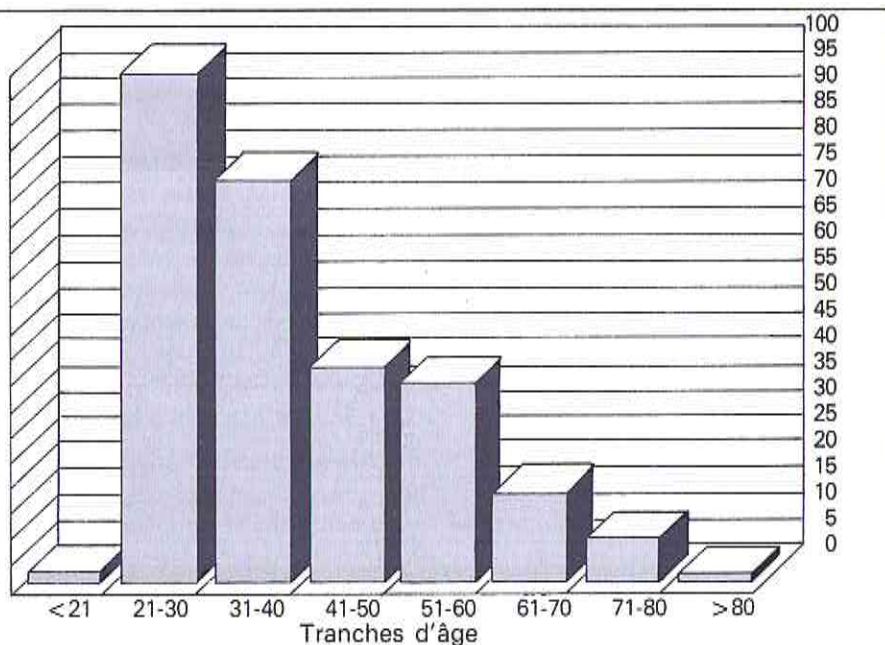


«...seu entusiasmo para a catequese das crianças.»

**FRÈRES MARISTES
D'AFRIQUE
ET DE
MADAGASCAR**

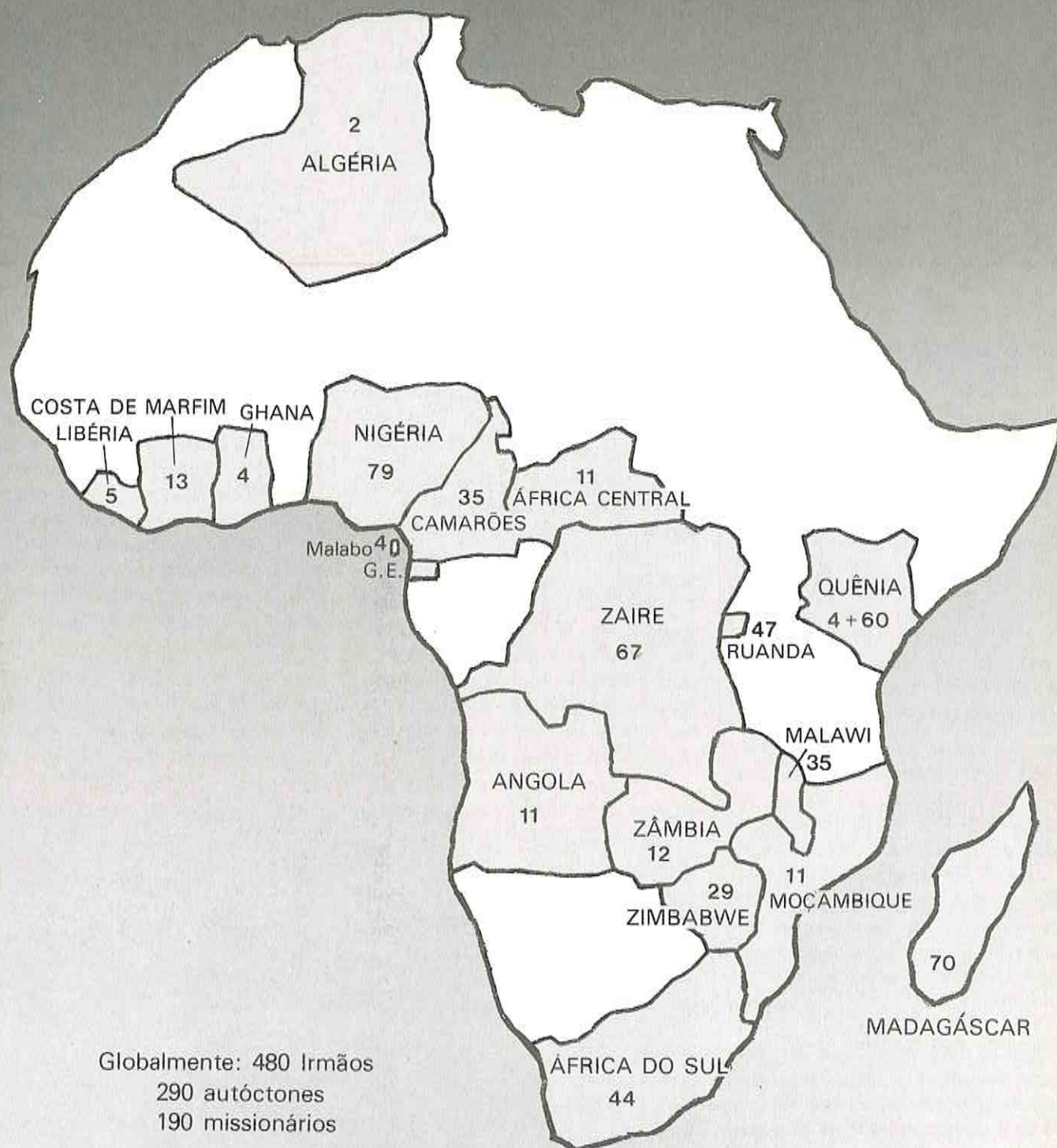
Âge moyen:
39 ans 7 mois

290 Frères recensés

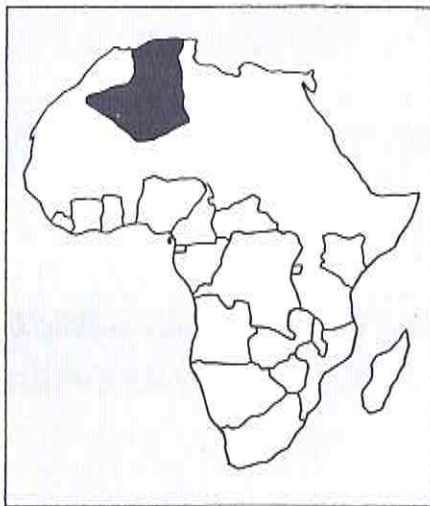


IRMÃOS MARISTAS EM ÁFRICA

Obras missionárias



ALGÉRIA



Um pouco de história

Os primeiros Irmãos chegaram em Oran em 1891, a fim de estabelecer a comunidade de Mascara. O trabalho progrediu tanto que havia 18 comunidades, no começo deste século, todas a serviço da comunidade européia. Dado que a Algéria era território francês, os Irmãos foram afetados da mesma maneira que na França pelas leis anticlericais de 1903, e, a fim de sobreviverem, diversas comunidades secularizaram-se. Em fins de 1940, ainda existiam três dessas comunidades.

Na época da independência, em 1962, permaneceu uma comunidade na capital, dirigindo uma escola diocesana. Depois de alguns anos, o alunado, antes predominantemente europeu, foi substituído por algerianos e muçulmanos. A comunidade pôde realizar um bom trabalho em clima de diálogo e colaboração até 1976, quando o governo nacionalizou as escolas.

Trabalho dos Irmãos

Para prosseguir o apostolado, dois Irmãos solicitaram um contrato de serviço como professores públicos. Foram nomeados para uma cidadezinha nas montanhas, onde, como professores comuns, foram capazes

de manter a presença cristã num ambiente islâmico. Durante doze anos, compartilharam a vida com a gente, construindo amizade e estima mútuas. Em 1988, o governo recusou renovar o contrato, assim, a Igreja pediu aos Irmãos para dirigirem a Casa Ben Cheneb, na capital, onde as pessoas pobres e analfabetas eram cuidadas e ajudadas para conseguirem a aposentadoria, para achar um local onde morar, e assim por diante. Foi organizada uma biblioteca na qual os Irmãos trabalham de tempo pleno, ajudados em parte por outro Irmão e duas Irmãs... Aqui, os jovens algerianos conseguem um lugar para estudar em paz, embora em quartos apertados, às vezes mais de 200 de uma vez! Podem achar livros que necessitam para os estudos. Isso lhes presta um serviço muito apreciado.

Um dos Irmãos faz parte da equipe da pastoral que cuida dos jovens africanos cristãos que estão seguindo cursos nas faculdades e universidades argelianas, sendo que a maioria deles fala francês, e acham difícil morar em ambiente fortemente muçulmano. Podemos mencionar aqui também os pedidos que recebemos, provenientes de toda a parte, para que ajudemos na animação dos jovens cristãos da Algéria.

Colaboração

Estariamos muito satisfeitos de ter um Irmão dos distritos africanos para nos ajudar. Já existem várias comunidades na Algéria, onde não há possibilidade de recrutamento local, que trazem elementos dos diversos países da África e da Ásia. Dão bom testemunho do aspecto eclesial de nosso apostolado. O desafio está lançado!

O que estamos tentando fazer

Compartilhamos o «carisma» da Igreja algeriana, hóspedes na casa do islame, num período de forte surgimento do islamismo no mundo, um surgimento que levanta esperanças no peito de alguns e muito receio em outros... Em todo caso, um pesadelo para a Igreja da África. Seria interessante compartilhar a maneira como vivemos neste mundo.

Consideramo-nos como uma minoria, aos olhos de muitos não existimos, e, o que é pior, identificados no modo de encarar de outros, com os piores aspectos do que vem do Ocidente. Alguns acham que somos pessoas honestas que foram desencaminhadas e que devem ser levadas de novo a bom caminho, o caminho do islamismo! Nestas condições, devemos ter cuidado em evitar coisas que tenham qualquer marca de proselitismo.

Podemos fazer o quê, então? Simplesmente ser o que somos, pelo tempo que Deus quiser; ser testemunhas do amor de Deus para com



Irmãos Henrique Vergès e Jesús Marcos.

os irmãos, ser um ponto de interrogação pelo modo como entregamos nossa vida para Deus e os semelhantes. Para esse fim, devemos constantemente ter profunda intimidade com Jesus Cristo, debaixo do olhar maternal de Maria, no Espírito Santo... a importância da contemplação... estar sempre humildemente à disposição de todos como Maria na Visitação... para que possamos chegar ao ponto em que pudermos compartilhar com um ou outro de nossos irmãos muçulmanos o maravilhoso cântico de ação de graças pela mútua descoberta da ação de Deus em todos os homens.

Em ambiente muçulmano

Nossa vida, talvez, em ambiente exclusivamente muçulmano pode ser uma experiência digna de compartilhar com outrem, um encontro com o que cada igreja local da África vê sob ângulo diferente. De nossa par-



Celebração da festa do B. Pe. Champagnat com pessoas da paróquia.

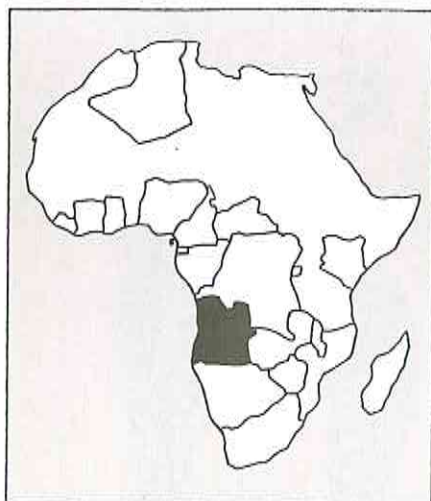


«Conseguiram manter a presença cristã num ambiente muçulmano...»

te, achamos que não nos devemos separar da corrente principal da Igreja da África e sentir que estamos

fazendo o bem num importante compromisso com o futuro da Igreja deste continente.

ANGOLA



Fundação do Setor

O setor de Angola foi fundado em 1º de março de 1954 pela Província do Brasil Norte. O primeiro estabele-

cimento foi em Sá da Bandeira, agora conhecida por Huambo, na província de Huila.

Em 1959, os setores de Moçambique, Angola e Portugal foram agrupados para formar um distrito, sob os cuidados de Portugal.

Alguns dados

a) Mais da metade da população de praticamente 10 milhões vive da agricultura, embora o país seja rico em minérios: ouro, diamantes, ferro, etc.

O português é a língua mais empregada pelas pessoas, embora outras, tais como o quimbundu, o lunda, o quicongo, etc. sejam muito empregadas.

A guerra civil está depredando o país, faz quinze anos, com resultados desastrosos para a infra-estrutura, especialmente na educação.

b) Os católicos constituem 70 % da população, com os protestantes contando 20 % e os animistas o restantes.

Maristas

Há 9 Irmãos Maristas no país, inclusive um angolano, o Ir. Alfredo Cuto. Formam quatro comunidades: Luanda, Kuito, Lobito e Ndalatando. Desde a independência política, em 1975, os Irmãos estão ensinando em seminários e na universidade, onde ministram aulas de religião. Nos seminários, além dos candidatos ao sacerdócio, nossos aspirantes prosseguem sua educação.



O Ir. Abílio Marques, Provincial de Portugal e responsável pelos Setores de Angola e Moçambique.

Necessidades urgentes? Não é necessário enunciá-las! Precisamos de um mínimo de seis Irmãos para fortalecer nossas comunidades. Todos os Irmãos, exceto o Ir. Alfredo, são professos perpétuos. O Ir. Alfredo está no quarto ano de profissão temporária. Os demais, alguns são do Brasil, outros da Espanha e Portugal.

Dificuldades

Com o número reduzido —2 ou 3 em cada casa— a vida comunitária não é fácil. A variedade de atividades apostólicas às quais os Irmãos se dedicam é devida à situação anormal em que vivem e causam ausências freqüentes na comunidade.

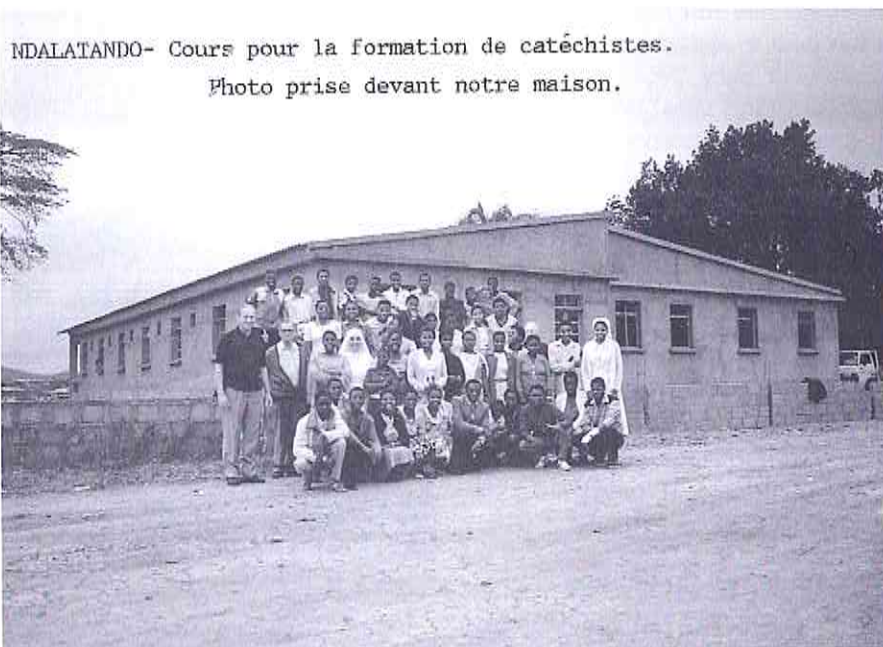
É difícil reunir todos os Irmãos. Existe uma rodovia entre Luanda e Ndalatando, mas a única maneira de chegar a Kuito e Lobito é de avião. A menos que se tenha amigos, essa é uma forma duvidosa de transporte!

Alguns Irmãos tiveram que viver sozinhos durante anos. Essa é uma situação difícil para um homem escolhido por Deus para viver em comunidade!

Outras dificuldades? Basta dizer que nenhum dos Irmãos apresenta-se com excessos de gordura?



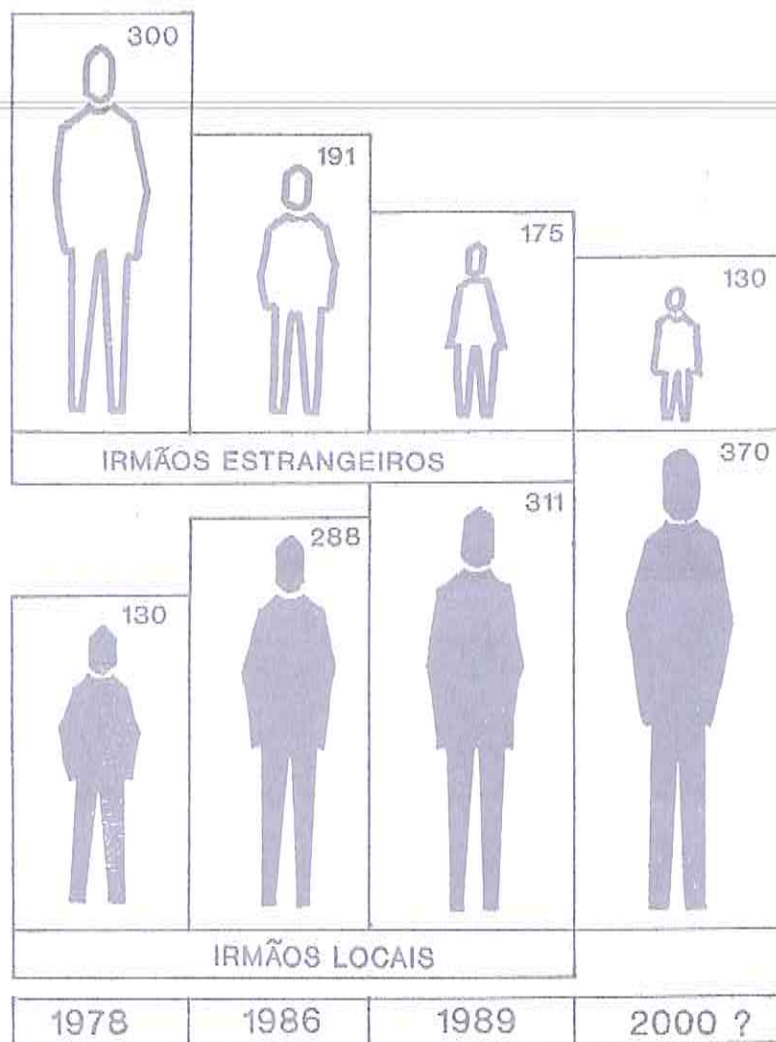
Ir. Alfredo Cuto (Ndalatando).



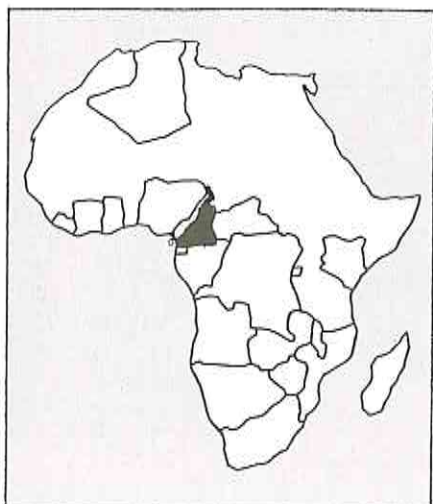
NDALATANDO- Cours pour la formation de catéchistes.

Photo prise devant notre maison.

IRMÃOS MARISTAS em ÁFRICA e MADAGÁSCAR



CAMARÕES DE FALA FRANCESA



Primeiras épocas

Em 1958, a Província Marista de Lévis (Canadá) decidiu responder aos apelos de Mons. Verhile, bispo de Fort-Rousset (atualmente Owando) no Congo-Brazzaville... e deu-se a fundação de Makoua, que, em 1963, passou à Província de Desbiens visto a divisão.

Alguns anos mais tarde (1965), dadas as mudanças políticas do governo congolês, os Irmãos viram-se obrigados a deixar o Congo, e, assim, iniciou o êxodo em direção ao norte, para os Camarões. Mons. ZOA, arcebispo de Yaoundé, sentiu-se muito contente ao receber seis Irmãos Maristas cheios de dinamismo que vieram pôr-se à sua disposição para a educação da juventude. Acha logo onde ocupá-los. Foram as fundações simultâneas de Akono e Nkolmébanda situadas ambas perto de 75 km de Yaoundé, respectivamente ao norte e ao sul.

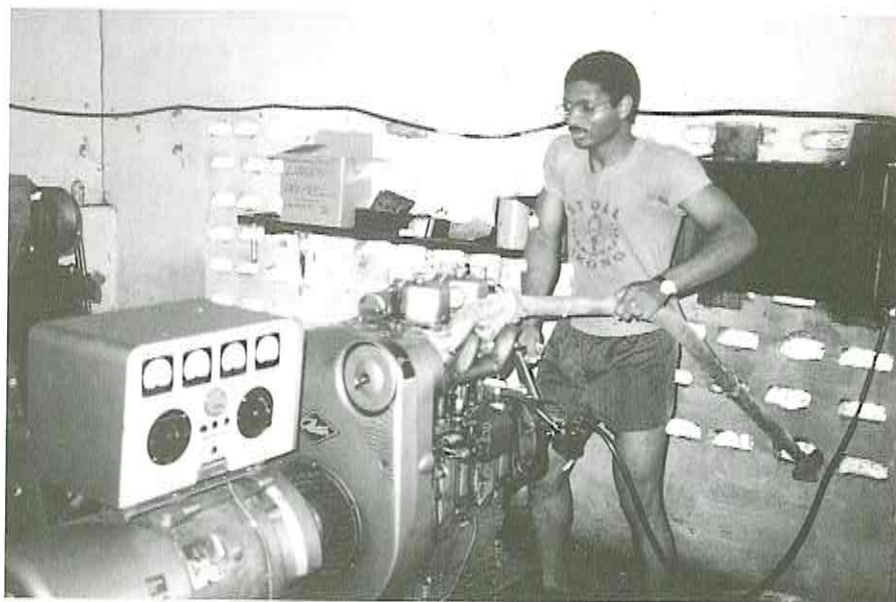
Andamento de um trabalho missionário

Era preciso recomeçar tudo: limpar o terreno, construir, cuidar de tudo... Nada detinha os Irmãos. Foram anos heróicos!

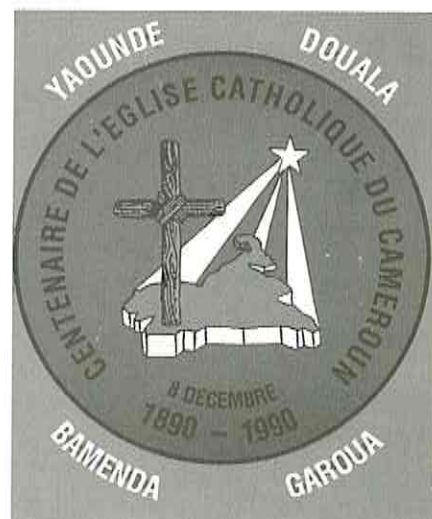
Em 1968, o Ir. Basílio Rueda prometeu —por ocasião de sua visita aos Camarões— ajuda essencial em pessoal. O Colégio Champagnat d'Ombessa veio à luz na diocese de Bafia, fundação que não será realizada sem dificuldades e que deveremos, infelizmente, abandonar em 1982.

Em 1971, Mons. Zoa pediu que os colégios fossem mistos. Foi assim que as Irmãs da Santa Cruz vieram colaborar conosco em Nkolmébanda e as Irmãs da Cruz de Estrasburgo, em Akono.

Desde a chegada dos Irmãos aos Camarões, a preocupação pelo recrutamento fez-se presente. Dessa forma, depois de dez anos de presença marista, contavam-se 26 Irmãos trabalhando em três colégios, um juvenato em Akono, um lar vocacional em Nkolmébanda, um noviciado e um escolasticado estabelecido provisoriamente com os Irmãos do Sagrado Coração em Makak. Existia igualmente um lar para estudantes em Akono. Os substitutos prometiam: 6 professores camaroneses, 2 escolásticos, 3 noviços e 4 postulantes, mas poucos ficarão mais de 3 ou 4 anos.



O Ir. Bento e seu grupo electrógeno.



Sempre tendo em mente os substitutos, dois Irmãos foram instalar-se em Bafoussam, no oeste dos Camarões, na região de Bamileke, considerada rica em vocações religiosas. Muitos problemas surgiram e a experiência foi abandonada dois ou três anos mais tarde...

Não esqueçamos as diversas vocações oriundas de nossos colégios: padres diocesanos, padres maristas e religiosas de diversas congregações.

HOJE

Eis-nos agora em 1990, ou seja, 25 anos mais tarde. Em que pé estamos? Certamente, os tempos passaram, as forças diminuíram, a doença e a morte reduziram os efetivos,

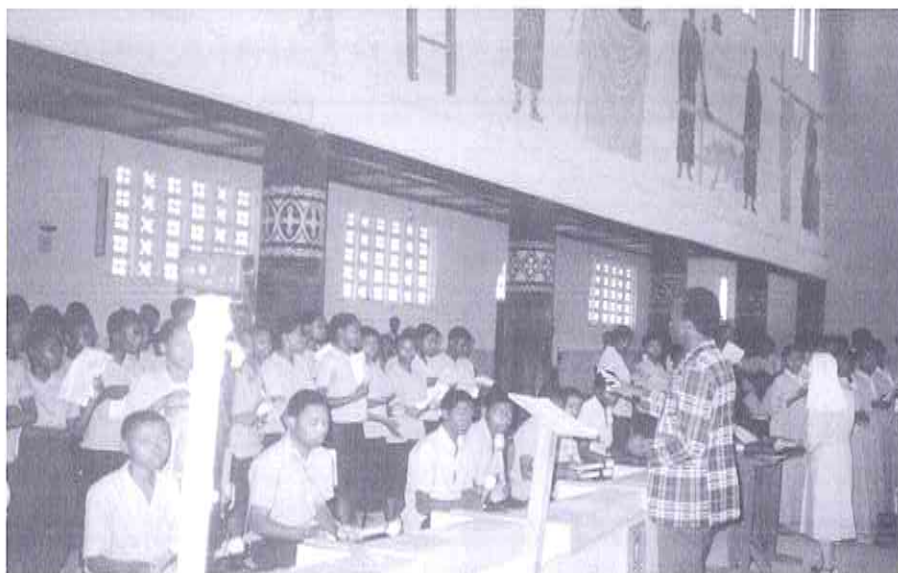
mas continuamos o trabalho. Atualmente, somos 11 Irmãos vindos dos diversos cantos do mundo; Camarões (3), Canadá (5), Zaire (1), Itália (1) e Bélgica (1). Nós nos reagrupamos nos dois primeiros colégios de Akono (700 alunos dos quais 427 em pensão ou lar) e o de Nkolmébanga (800 alunos, todos externos, vindos das aldeias próximas num raio de 20 a 25 quilômetros).

AMANHÃ

Embora não sejamos numerosos, encaramos o amanhã com otimismo. A substituição tarda em vir, mas não desesperamos. Um noviço e dois postulantes estão se preparando. Um aspirante trabalha no colégio de Akono.

Faz alguns anos, organizamos, em cada período de férias escolares, uma sessão vocacional marista na qual agrupamos os jovens que acompanhamos.

Grande obstáculo para orientar vocações é a dispersão de nossos jovens. Nossos dois colégios apenas comportam o primeiro ciclo do ensino de segundo grau. Uma vez otido o B.E.P.C. é a dispersão por todos os Camarões (quase do tamanho da



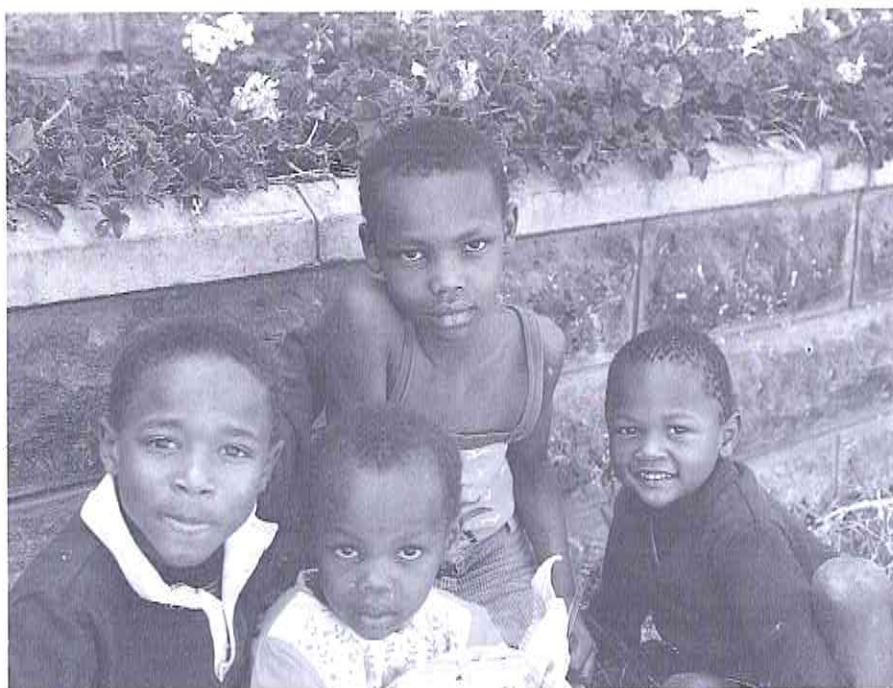
Coral do colégio de Saa.

França!) para inscreverem-se num colégio ou liceu a fim de obterem o certificado do ensino de segundo grau. Alguns não dão mais sinal de vida, não mais se comunicam com seus acompanhadores, daí a impossibilidade de continuar o encaminhamento vocacional. Para agir bem, seria necessário poder desenvolver o segundo ciclo em nossos dois colégios para que os jovens ficassem conosco até o final do curso secundário, mas...

Além disso, não existe cooperação missionária em nossos colégios. Não se poderia talvez entrever essa idéia visando o desabrochar de vocações missionárias que surgem nos jovens da Europa e da América?

Lembramos, igualmente, a todos os Irmãos Maristas do mundo inteiro que qualquer boa vontade missionária será acolhida de braços abertos. Nós os esperamos.

Ir. Edgar Isserentat

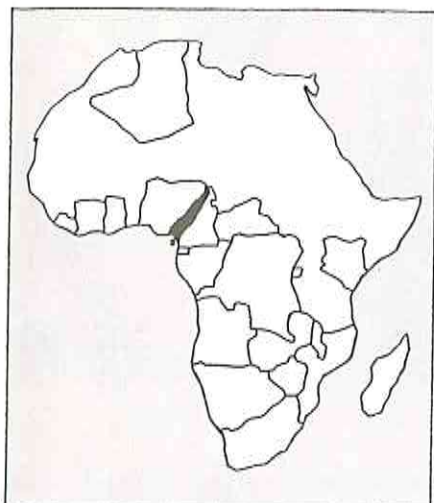


«Partiu-se do nada. Começou-se com todo fundamento de educação: a infância.»



*O Ir. Edgar Isserentat
(Superior dos Camarões)
e o Ir. Maurício.*

CAMARÕES DE FALA INGLESA



Referências históricas

Antes da independência, os Camarões estavam divididos em duas partes, uma governada pela França e outra, pela Inglaterra, daí a moderna divisão em Camarões de fala francesa e de fala inglesa.

A Igreja chegou aos Camarões em 1890, com a entrada de 2 padres do Espírito Santo e 6 Irmãos. Naquele ano, a população católica era de 4. Em 1965, ano em que chegaram os Irmãos Maristas, os católicos perfaziam 990 953 sobre um total de uma população de quatro milhões e meio. Os sacerdotes nativos eram 177. Por volta de 1987 —último ano do qual temos estatísticas— os católicos são 2 880 068, de uma população de 10 985 000. Os padres africanos são 396, os irmãos são 43 e as irmãs 551. Além disso, há 452 padres, 146 irmãos e 766 irmãs vindos do estrangeiro.

Formação da Missão

Em 1965, o bispo Peeters, da área de fala inglesa, depois de ter visto os Irmãos Maristas na Nigéria, solicitou-lhes para que viessem ajudá-lo. Nesse ano, chegaram os Irmãos para assumir, em Bamenda, a direção do colégio Sagrado Coração, recém fundado. O bispo, naturalmente,

tinha em mente conseguir Irmãos nativos em sua diocese e não demorou que os primeiros aspirantes fossem enviados à Nigéria para fazer o noviciado em Uтуру. Dois desse primeiros recrutas agora são os decanos do setor dos Camarões: Ir. Anthony Tanyi, em Tatum, e Ir. Dénis Ngo que realiza excelente trabalho na escola secundária S. Agostinho, em Kumbo.

Trabalho dos Irmãos

Além das atividades escolares, os Irmãos lançaram-se em vários setores de apostolado com os jovens das paróquias, em particular, procurando atingir os que não continuaram sua educação pós-primária. Agora existe um ramo florescente do Movimento Família Marista Champagnat sediado em Tatum.

O Irmão Dénis, mencionado antes, um dos pioneiros dos Irmãos africanos, começou um programa de contactos com os vocacionados das escolas de segundo grau, tendo em mira seu encaminhamento para o noviciado, após a conclusão dos estudos. Essa iniciativa já principiou a produzir frutos e rezamos para que



Após a missa de profissão.

continue. Os Irmãos também participam no trabalho catequético das paróquias e dirigem a música litúrgica.

Problema vocacional

Há dois problemas graves que devem ser resolvidos no setor e que são comuns a todas as «missões». O primeiro é a questão da continuação do pessoal. Os Irmãos estrangeiros estão envelhecendo e as possibilidades de substituí-los por mais jovens é cada vez mais remota, dadas as dificuldades das províncias de origem. Dessa forma, a prioridade consiste na formação dos jovens do país.

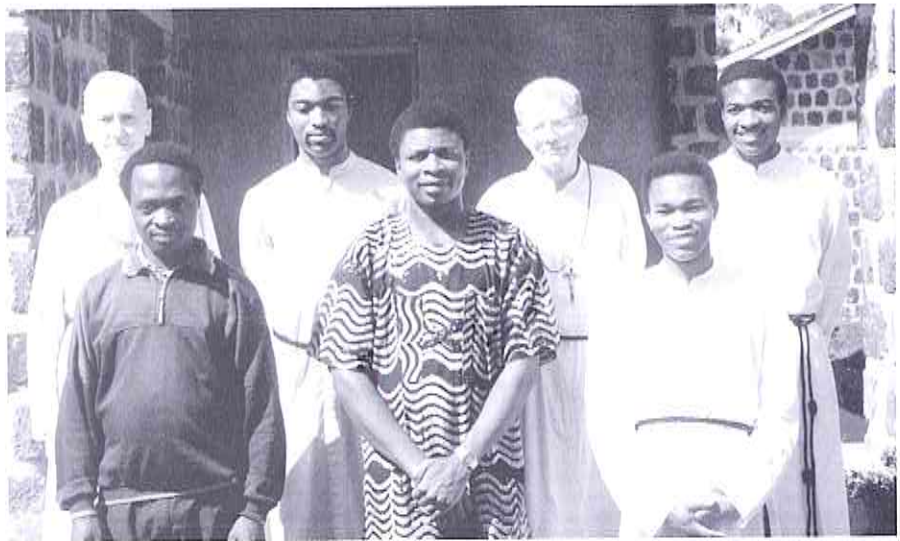


Irmão Dénis recebe a medalha de «Benemerência». À esquerda, o Ir. Juliano Harrison (Sup. dos Camarões de língua inglesa).

Fez-se já um começo e esperamos que o número de vocações continue a aumentar para o futuro. Agora, no setor, há 6 Irmãos de fora e 12 locais, com um noviço e dois postulantes, cifras que dão alguma esperança para o porvir. Nos Camarões, como acontece em muitos países africanos, a vocação de Irmão é pouco conhecida e menos ainda compreendida. A idéia da vida religiosa, tão peculiar à religião cristã, é tão remota à experiência e às tradições do homem comum que é necessária muita instrução para que seja aceita plenamente. Isso, naturalmente, não se faz num dia, mas com a ajuda divina, espera-se que seja um problema transitório.

Formação dos jovens Irmãos

O outro assunto é o da formação. Já no final da década de 1970, o Ir. Provincial solicitou ao Ir. Martin Palmer para estabelecer um noviciado em Tatum onde, desde então, está trabalhando. Os aspirantes são aceitos só depois de terem obtido o certificado de conclusão do curso de

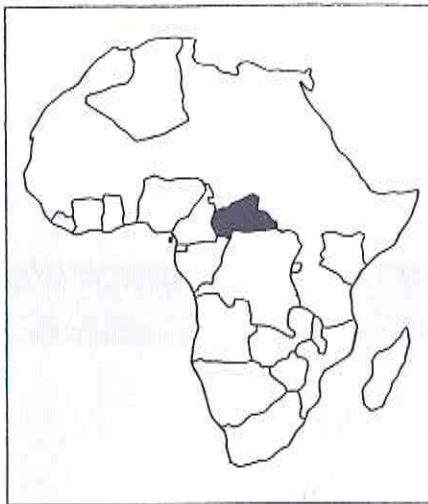


Derradeiras profissões em Tatum (hoje noviciado em Ghana).

segundo grau. Neste ano, os Camarões juntaram-se aos países do ocidente africano para o noviciado internacional de Ghana. Três Irmãos estão seguindo os cursos do Centro Internacional de Nairobi, um empreendimento que esperamos produza muitos frutos...

Os Camarões de fala inglesa podem ser considerados ainda na infância,

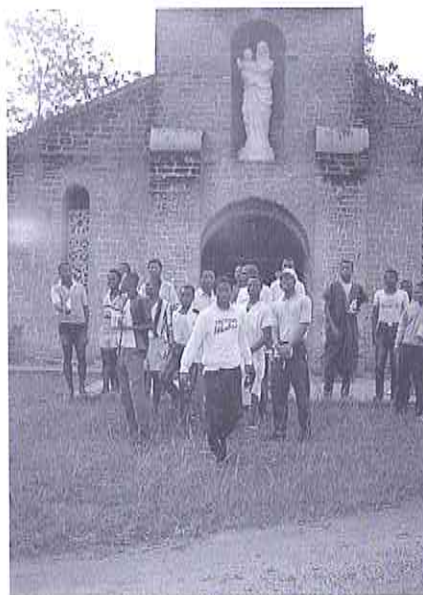
em termos maristas, e ainda estão no período das «dores de crescimento». Mas, uma adolescência tempestuosa pode desembocar em maturidade plena. É isso que estamos procurando fazer neste setor do Instituto que confiamos a Maria, nossa Mãe, porquanto o trabalho não é nosso, mas dela e nela depositamos toda confiança.



História

A Igreja chegou a este pequeno país, apertado entre a savana e a floresta tropical, em 1894. Quase um século depois, de uma população de cerca de três milhões, perto de um terço é cristã, dividida igualmente entre católicos e não-católicos.

ÁFRICA CENTRAL



«Podem-se ler vários sinais de esperança: Comunidades cristãs, catequistas realmente engajados...»

Há sete dioceses no país, com dois bispos africanos e uns 80 padres indígenas. As vocações aumentaram muito nos últimos dez anos, mas ainda são insuficientes para equilibrar o decréscimo do número de missionários. O crescimento dos católicos, nos trinta anos recentes, conduziu os missionários para um grande esforço de evangelização, particularmente nas áreas do campo. Existem muitos sinais esperançosos: crescimento em número das Comunidades Cristãs de Base, guiadas por leigos, catequistas empenhados, desenvolvimento de movimentos tais como a JEC, a Legião de Maria, Grupos de Oração, de Estudos Bíblicos e outros.

Mas para ter bom êxito, é necessário que os dirigentes de todas essas iniciativas sejam bem educados na fé. Essa educação é uma das maiores preocupações da Igreja e uma nas quais os Irmãos Maristas podem participar plenamente.

OS IRMÃOS MARISTAS NA ÁFRICA CENTRAL

Os Irmãos chegaram aqui em 1958, vindos de St. Genis-Laval. Os bispos solicitaram-lhes de tomar a seu cargo a formação de professores para as escolas elementares da região. Mais recentemente, foram para a educação do segundo grau ao abrirem uma escola em Berberati e ao assumirem a de Bangui, que antes era dirigida pelos Marianistas.

Em 1963, as escolas foram nacionalizadas. Os Irmãos puderam permanecer na direção de ambas as escolas e ensinar nelas, mas sob o controle direto do Estado que também lhes pagava o salário. A partir de 1970, pouco a pouco, cederam a direção, e, mais adiante, o ensino nas escolas, concentrando suas atividades escolares nos seminários. Em 1984, assumiram o apostolado em outras áreas: trabalho catequético nas paróquias, projetos de alfabetização, organização da JEC e assim por diante. Dois Irmãos de Berberati inseriram-se no povo e continuam a trabalhar em escola de segundo grau. Fez-se demorado e profundo discernimento comunitário para corresponder melhor às necessidades dos tempos. Os Irmãos ficaram animados com a chegada de certo número de aspirantes à vida Marista.

Abriu-se um juvenato em Berberati bem no início, que prometia muito, mas, depois de muitas frustrações, o projeto foi esquecido por longo tempo. Alguns Irmãos continuaram a trabalhar no sentido de atrair vocações, mas seus esforços não produziram frutos. Na década de 1980, isso se tornou a maior preocupação da Província e todos os Irmãos empenharam-se nos «Grupos Champagnat» para despertar vocações.

O noviciado é feito em comum com outros setores da África de língua francesa, em Save (Ruanda) e em Nyangezi (Zaire). Para o escolasticado, os Irmãos vão ao Centro Internacional de Nairobi.

A SITUAÇÃO MARISTA ATUAL

De momento, há 19 Irmãos no setor, 14 pertencentes a três comunidades e os outros 5, ausentes do país.

Em Bangui a comunidade toma conta dos postulantes, bem como de grupos vocacionais da paróquia, de uma biblioteca para as crianças, dá cursos de Bíblia e um Irmão é secretário do arcebispo.

Em Berberati, 3 Irmãos assumem o seminário menor, com 60 jovens a seu cuidado, enquanto outro tem a seu encargo o trabalho da carpintaria da missão.

Em Carnot, 3 Irmãos se encarregam de formar catequistas para a diocese, recebendo 17 catequistas de cada vez, com suas famílias, para um curso com duração de cinco meses.

O Ir. Bernard Regis é o Mestre de Noviços em Nyangezi e há quatro Irmãos estudando no Centro Internacional de Nairobi. Doze Irmãos são expatriados e sua média de idade é de 55 anos; sete são vocações locais com a média de idade de 26 anos. Agora não há nenhum noviço, mas temos um postulante da África Central e dois dos Camarões. Depois do noviciado, os jovens Irmãos passam pelo menos um ano em Nyangezi antes de irem ao Escolasticado Internacional. Isso lhes dá a oportunidade de ter experiência em primeira mão da vida em comunidade apostólica e da realidade de que os espera no futuro.

ENCARANDO O FUTURO

A prioridade do setor é de assegurar a continuação do trabalho na Igreja local. Daí a necessidade da promoção vocacional para que nosso apostolado atual prossiga.

Em Bangui e Berberati, os grupos Champagnat congregam jovens das escolas do segundo grau. Os Irmãos os orientam nas reuniões, retiros, acampamentos, etc. Animam os mais velhos a cuidar dos grupos mais novos, para que recrutem adeptos, assim são estimulados a serem generosos na vida cristã e apostólica.

Temos um problema para o qual ainda não descobrimos resposta satisfatória. Temos muitos aspirantes cuja instrução não é muito elevada, ou foi apenas técnica, e que parecem não ser capazes de atingir um padrão de língua inglesa que lhes permita aproveitar a formação dada no Centro Internacional de Nairobi. A questão é esta: devemos recusar esses jovens, mesmo que pareçam ser o instrumento apropriado para o apostolado nas áreas marginalizadas? Ainda não descobrimos a resposta.

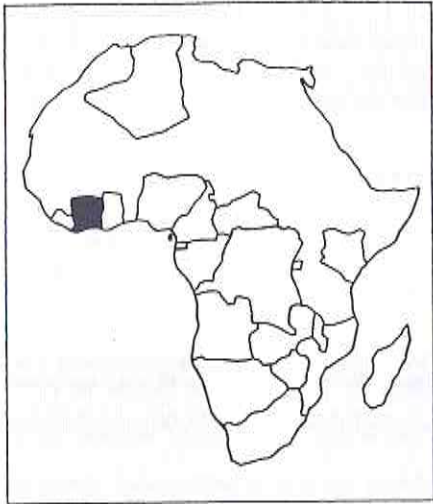
Nosso desejo sincero é de colaborar com os setores Maristas próximos com os quais temos muitas coisas em comum: Camarões, Zaire, Ruanda. O noviciado de língua francesa está no Ruanda; colaboramos com os Camarões para o postulado, para o estudo do inglês. O estreitamento de nossos laços com a África Marista nos levaria a uma diminuição de nossa dependência, muito forte no momento, da Província mãe de Beaucamps-St Genis-Laval.

Ir. Jean Louis Rognon, Bangui



Irmãos Bugalama, Yerima, Balifio y Dofo no M.I.C.

COSTA DE MARFIM



60 conhece uma variação progressiva de atividades apostólicas. Os Irmãos trabalham nos Lares que fornecem excelentes animadores para o catecumenato e a catequese. A diversificação das atividades apostólicas com os jovens obriga a programação de «retiros», «dias de encontro» e outras sessões de formação. Todos os anos, durante as grandes férias, organizam-se «campos de formação para os seminaristas. Mais de 150 jovens participam nesses encontros. Fins de semana de oração nos mosteiros beneditinos completam a formação dada aos jovens.

Origens

O Irmão Basilio Rueda, Superior Geral, lançou as Províncias para uma aventura missionária e assinou um país que os Irmãos Provinciais, ainda não comprometidos com as missões, deveriam visitar. Foi assim que nosso Provincial, Ir. David Sebastian, foi à Costa de Marfim em 1967. O primeiro contacto com o arcebispo de Abidjan orientou os Irmãos para a diocese de Bouaké.

Em 1969, os Irmãos são enviados a Bouaké e Dimbokro. A década de

Actividades apostólicas

Com a criação do «GRUPO DAS VOCAÇÕES MARISTAS» a atividade dos Irmãos se multiplica. Além disso, ajudam na pastoral da missão na cidade e nos povoados. Tencionam estabelecer um centro de alfabetização em Bouaké.

Em 25 de setembro de 1972, fundou-se uma comunidade em Toumodi,

onde os Irmãos realizaram excelente trabalho de animação na paróquia,



Batizados na aldeia dos leprosos em Chrétienkro.

nas aldeias e liceus. Com profundo pesar dos componentes dessa comunidade, em 2 de julho de 1985, realizou-se o fechamento definitivo.

Fundação da comunidade de Korhogo

Em setembro de 1974, os Irmãos chegam em Korhogo. Da mesma forma que em *Bouaké*, *Dimbokro* e *Toumodi*, realizam um grande trabalho missionário nas escolas, nas paróquias da cidade e nas aldeias. De 1985 a 1990 a comunidade apresenta novidades de maior importância, entre outras, a construção de um colégio misto. É o colégio «Marcelino Champagnat.»

Perspectivas para o futuro: Razões de esperança

Depois do estudo da situação atual da Costa de Marfim, o futuro sempre permanece duvidoso. Contudo, as linhas de ação são acertadas, não importa o que acontecer.

Perspectivas da Igreja: num país de tanta diversidade de religiões, cabe-nos trabalhar e cuidar que a transmissão correta da Boa Nova seja realizada. Constatam-se hábitos de comportamento de que já se falou: o sincretismo, a religião torna-se algo impreciso, um aproveitamento espiritual, mas não um compromisso ou escolha definitiva.

Precisaria aprofundar o senso comunitário da vida cristã. As comunidades de base, de bairro, das aldeias



Grupo de seminaristas alojados no Lar dos Irmãos em Bouaké.



Conjunto de catequistas com o Irmão Romero.

são meios mais eficazes para desenvolver o sentido de pertença.

Depois de vinte anos de trabalho na Costa de Marfim, nosso esforço já produziu alguns frutos. Temos três Irmãos, um noviço, diversos aspirantes nativos. Não esqueçamos, o futuro está nas mãos deles. As

Constituições o afirmam. «Os Irmãos autóctones são preparados e encorajados para assumir, progressivamente, a plena responsabilidade de suas Províncias...»

Muito trabalho resta ainda por fazer. A Costa de Marfim oferece-nos muito campo de ação no ensino,

animação sócio-cultural, catequese e formação profissional.

Rezamos para que nosso trabalho na Costa de Marfim receba as bênçãos de Deus e Maria e que se torne um pedra brilhante na coroa da África Marista.



Profissão religiosa do Ir. João Pedro N'Guessan.

GHANA



A Igreja dessa terra celebrou o centenário de sua presença em 1980. Em termos de religião, Ghana é predominantemente animista. Há mais de quarenta seitas cristãs aqui, com apenas 12 % de católicos. A Igreja de Ghana está tendo rápido desenvolvimento tanto em número como nas atividades de vários institutos religiosos. Todos procuram enfrentar os desafios de encarnar-se na gente do país, na chegada do ano 2000. Nós viemos em cena nesse período crucial, e, como verdadeiros filhos de Champagnat, aceitamos a situação com visão, ousadia e otimismo.

Histórico da missão marista em Ghana

Em 1977, os Irmãos do Nigéria iniciaram uma missão em outro país do Oeste africano. Logo depois, o bispo Serpong de Jumasi, em Ghana, solicitou Irmãos e



Primeira profissão.



*Ir. Miguel Oruche (Sup. de Ghana)
e o Ir. Superior Geral.*

realizou-se um acordo. Deveria enviar aspirantes para a formação, e, quando estivessem preparados, regressariam em Ghana. Dessa forma, em agosto de 1979, um grupo de quatro aspirantes foram à Nigéria para sua formação no noviciado. Mais tarde, ajuntaram-se-lhes outros.

Em 10 de março de 1983, abriu-se a primeira comunidade na diocese de Kumasi com os pioneiros: Irmãos Michael Oruche e Edmundo Nwankwor. Foram acrescentados de outros dois, um dos quais pertencia ao grupo dos quatro Irmãos do Ghana. Mais tarde, outros Irmãos vindos da Nigéria e outros dois: Irs. Rafael Alvares Santana e Sérgio Vásquez, da província do México Ocidental, chegaram para consolidar a missão.

Ao chegar em Ghana, o terreno para as vocações tinha sido preparado pela diocese. Isso, conseqüentemente levou o começo da missão para o campo da organização e formação das vocações, uma política que está produzindo frutos. Agora, existem cinco Irmãos professos do país de Ghana e três comunidades. É lamentável dizer que o primeiro grupo de quatro Irmãos abandonou a congregação.

Nossos pioneiros, além da formação, embarcaram no apostolado escolar como testemunho de nosso carisma. A encarnação completa, a consolidação e a expansão da missão, contudo, dependerão de um grau maior de fidelidade da parte dos Irmãos oriundos de Ghana.

Encarnação e inculturação

Em geral, a gente de Ghana é amante e promotora da cultura africana. Isso se revela muito claramente em todos os aspectos da vida diária. A Igreja está tentando encarnar a religião cristã, até agora uma «religião importada», em todos os aspectos de vida dessa herança cultural.

Os Akans de Ghana, entre os quais vivemos, agora são tradicionalmente monarquistas. Mesmo com o atual sis-

tema moderno de governo, os vestígios da monarquia permaneceram, se não for em aspectos práticos, pelo menos nas cerimônias. Os Akans vêem Deus como o «grande Rei», que governa o Estado. Nas celebrações litúrgicas, especialmente nas grandes ocasiões, usam-se enormes tambores para acompanhar as danças em homenagem a «Deus-Rei». Na procissão da festa de Corpus Christi, por exemplo, o Santíssimo Sacramento é carregado num palanquim, simbolizando o rei que vai pelo reino em meio ao rufo dos tambores.

Na recepção ao noviciado, adotamos uma iniciação religiosa preparada pelo Irmão Pius, um Irmão autóctone da SVD. Nesse esquema, tais valores como: a iniciação para uma vida nova, treino para enfrentar os desafios, pureza, proximidade com os antepassados, identidade pessoal, são fortemente ressaltados. Assim, temos invocações aos ancestrais e a comida de ervas amargas, como parte das cerimônias a serem realizadas, juntamente com o uso de «roupas familiares».

Provavelmente, o maior desafio encontrado pelos Irmãos é o de inculcar o ideal da vida religiosa numa cultura em que a castidade e o celibato não são compreendidos e em que as obrigações da família ampliada conflitam com as exigências do voto de pobreza e suas obrigações.

Vocação/formação

Na diocese de Kumasi, onde estamos, nenhum dos quatro noviciados tem menos do que quatro noviços, como é nosso caso, que tem o menor número. Os Irmãos da Imaculada Conceição (FIC) têm dois noviciados em Ghana a fim de separar os noviços do primeiro e do segundo ano e por outros motivos razoáveis. Os bispos do sul de Ghana iniciaram outro seminário maior, há três anos, para separar os estudantes de filosofia dos de teologia, descongestionando o seminário existente. Além disso, muitos institutos religiosos estão estabele-



O Ir. Philip Ninfaasie e sua família no dia da profissão.



O Irmão Francisco Attah no dia da profissão.

cendo as casas de formação próprias. Esta é a situação de muitos países africanos.

Apesar da afluência de vocações, a Igreja de Ghana ainda sente falta para ir de encontro ao crescimento populacional e à diversidade das missões. Para umentar o número, existe colaboração íntima entre o clero diocesano e os institutos religiosos e também estes entre si, no tocante à pastoral das vocações. Os congressos vocacionais são organizados em conjunto; procura-se publicar uma brochura vocacional que abranja a vida de todos os diversos institutos e o clero diocesano.

Uma das grandes dificuldades que os Irmãos Maristas estamos sentido no curto tempo de vida em Ghana é a falta de conhecimento a respeito de que somos. Há relativamente poucos Irmãos no país. Como consequência, muitos nunca viram um Irmão. Nosso primeiro objetivo na pastoral vocacional é de romper essa ignorância e a crença de que um Irmão é apenas «um eclesiástico que trabalha mais barato» para atender às necessidades da diocese e das paróquias ou alguém que não pôde enfrentar os rigores acadêmicos do seminário. Nosso jeito, portanto, é de os Irmãos «irem encontrar os jovens pessoalmente». O dirigente da pastoral vocacional tenta envolver todos os Irmãos tanto no planejamento como na execução do trabalho promocional.

Em nosso modo de abordar as vocações e a formação nos convencemos do grande merecimento de viver com os aspirantes. No programa, os candidatos moram conosco por determinado período de tempo, dependendo de suas necessidades, antes de serem admitidos ao postulado. Dessa maneira, os jovens ficam mais perto de nós e nós deles.

O reduzido número em nossos noviciados da África levou-nos a uma nova abordagem. Neste ano, um noviciado comum para quatro regiões —Camarões, Costa de Marfim, Nigéria e Ghana— foi iniciado aqui. É experiência que as regiões implicadas consideram com grande otimismo. No processo de formação visamos também as prioridades apostólicas das quatro regiões.

Nossa Missão

Desde o começo de nossa presença em Ghana, nosso principal encargo apostólico foi despertar vocações locais a fim de aumentar o número de Irmãos vindos da Nigéria, ocupados no trabalho das escolas, tanto em nível elementar como secundário. Sempre estivemos trabalhando com professores leigos no que se poderiam chamar «escolas em conjunto», isto é, escolas com a colaboração de ambos Igreja e governo. Agora, a diocese está no processo de construir uma escola que será administrada por nós.

Nos dias de hoje, em Ghana, dá-se muita importância às escolas de formação profissional, dessa maneira, nossa escola deverá especializar-se nessa área.

Além disso, um de nossos quatro Irmãos supervisiona o ensino religioso nas escolas não-católicas fazendo parte de uma equipe acrescida de um padre e um leigo.

Desafios

- a) *O choque cultural.* Os valores e as estruturas tradicionais estão ameaçados pela invasão dos padrões e critérios vindos do Leste e do Oeste. Por exemplo, os fundamentos da família, no país, estão a ponto de falir; o materialismo e o secularismo estão na ordem do dia.
- b) *A injustiça social.* O país está tentando reativar sua economia, depois de uma grande seca e mau governo. Mas o povo simples sofre as conseqüências do sistema: salários baixos, desemprego, elevado custo de vida, etc. Precisamos ser realistas, ousados e criativos a fim de achar maneiras de nos tornar autosuficientes. Na educação do povo, a realidade de suas estruturas sociais e necessidades motivaram de nossa parte algumas tentativas positivas para procurar resolver os problemas por meio do desenvolvimento e amparo rural.

- c) *Educação.* Ghana está em vias de introduzir algumas reformas no sistema educacional que irão separar os estudantes que visam uma carreira dos que apenas querem formação acadêmica. Essas reformas ainda não são bem claras. A fim de adaptar-se à nova linha, tivemos que mudar nossa política diversas vezes.
- d) *Evangelização.* Os católicos formam minoria em Ghana —12 %— e a fé precisa ser encarnada na cultura local. A família e a juventude são campos que requerem maior atenção e urgência. Os meios de comunicação social também precisam ser usados mais extensivamente.

Esperanças

Ghana, como foi dito antes, parece ser terreno fértil em vocações. Existe colaboração íntima dentro da Igreja bem como com as igrejas não-católicas. São pontos positivos em nosso planejamento.

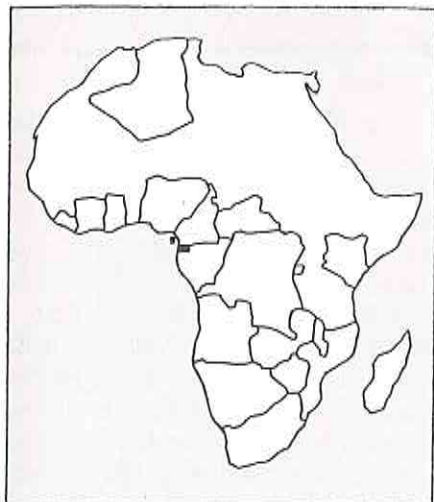
Acima de tudo, Marcelino permanece nosso modelo e inspirador para irmos em novas áreas.

Ir. Christian Mbam



Irmãos John Arthur, John Kusi e Daniel Kwadwo no MIC de Nairobi.

Guiné Equatorial: MALABO



Fundação da missão em Malabo

Uma das mais recentes fundações missionárias Maristas foi a de MALABO (Guiné Equatorial). A Província Norte tinha atendido, em outras ocasiões propícias, a diversas tarefas missionárias, concretamente na Venezuela, que já atingiu a «maioridade» e se constituiu primeiro em Distrito, e, depois em Província.

Tudo isso e as necessidades urgentes da Igreja em terras africanas, hoje abertas a um futuro esplendoroso de expansão evangelizadora, mas submetidas às dificuldades inevitáveis de crescimento e adaptação fez com que essa preocupação missionária com referência à África tenha repercutido profundamente nessa Província do norte da Espanha. Hoje, a missão de Malabo já é uma realidade. Muito em breve, si a Providência divina ajudar, o novo campo de ação será numa das regiões mais sofridas da África. Referimo-nos ao Chade.

Antecedentes históricos da Guiné Equatorial

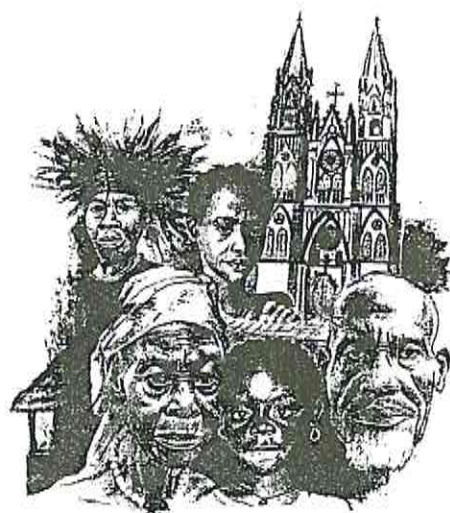
A Guiné Equatorial foi conquistada em fins do século XV pelo português Fernando Pó, que se apoderou da ilha que lhe traz o nome. Sua denomina-

ção atual é Bioco. A capital é Malabo, nome do último rei bubí. Tem perto de 50 000 habitantes. A população total da Guiné aproxima-se ao meio milhão, com uma densidade de 14,79 por quilômetro quadrado. A expansão demográfica anual é de 2 %, portanto, abaixo da média africana.

Em 21 de outubro de 1778 as ilhas e a zona continental passaram para o domínio da Espanha.

Nos últimos anos de colônia, o trabalho missionário da Igreja foi intenso e os resultados foram bons. Deve-se destacar a operosidade em favor da cristianização dessas terras desenvolvida pela congregação claretiana. Convém recordar que hoje é o país africano de maior densidade de população católica. (76,32 %).

O país conseguiu a independência em 12 de outubro de 1968. Nesse momento de sua história, a Guiné Equatorial era um dos países africanos em melhor situação econômica. No entanto, como em tantos casos desse sofrido continente, obtida a independência, os destinos do país foram parar em mãos de um autêntico ditador que, por meio da repressão e por sua incompetência, mergulhou o país em situação calamitosa. O novo regime procura elevar o nível econômico cultural, ten-



*Diferentes tipos étnicos.
A catedral de Malabo.*

do como base a fundamentação cristã, a Igreja espanhola, mais concretamente a FERE (Federação de Religiosos do Ensino), multiplicou esforços orientando-os para esse objetivo cultural e a formação cristã. É precisamente para obter esse fim que se orienta a ajuda Marista nesse país.

Centro Profissional orientado para a agricultura

O bispo de Malabo solicitou a colaboração da Congregação Marista e bateu às portas de Província Norte. Seu pedido encontrou resposta pronta e decidida. O campo concreto de atuação ia ser a direção e organização de um Centro Profissional orientado para a agricultura. A África, como se sabe, precisa tecnicificar seus métodos e aproveitar os



Escola Nacional de Agricultura.



Fundadores da missão de Malabo: Ir. Julián Inchusta, Ir. Alfredo Olalde e Arturo Barberena.

avanços nas diversas tecnologias para desenvolver suas grandes possibilidades de produção. A Guiné Equatorial dispõe, como elementos econômicos, da agricultura e das riquezas florestais. Os governos de Madrid e de Malabo procuram colaborar nesses campos. Ambos, de alguma maneira, patrocinam a instituição solicitada aos Irmãos. O Centro leva o nome do atual presidente Obiang N'Guema.

O Capítulo Provincial apoiou com entusiasmo a proposta do Irmão Provincial (Antônio Martínez Fernández) e seu Conselho. Uma visita prévia à futura missão, e, em pouco

tempo, a fundação tornou-se realidade. No verão de 1988 chegam a Malabo os Irmãos Julián Inchusta, como Superior da comunidade, Alfredo Olalde e um jovem engenheiro, antigo aluno de nosso colégio de Pamplona.

Inauguração do Centro

Os primeiros meses foram de adaptação e fixação de bases para que o compromisso assumido fosse de maior proveito possível para os jovens que iam seguir o plano de formação no Centro. Juntamente com o Centro de Ensino Técnico foi instalado um internato para acolher a



É preciso igualmente assinalar a colaboração íntima dos Irmãos dentro das atividades missionárias, mesmo fora da escola Agrícola.

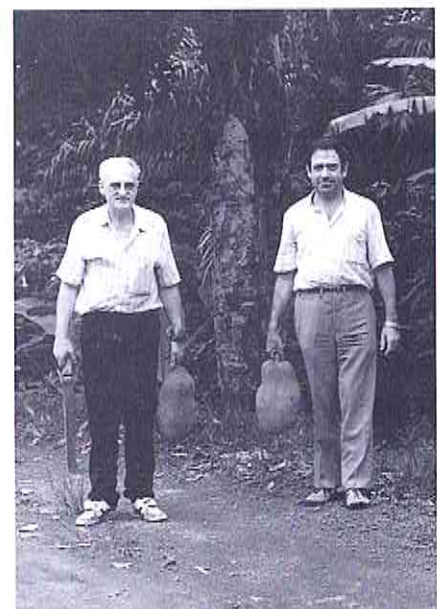
maioria dos alunos matriculados, tendo em conta suas proveniências diversas e distantes.

Ao inaugurarem-se as obras, esteve presente o Presidente da Nação que depositou sua total confiança no empreendimento e no trabalho dos Irmãos.

Como não podia deixar de acontecer, as dificuldades sobrevieram, mas serviram para manter e aumentar o espírito e o entusiasmo da comunidade que, atualmente, conta com quatro Irmãos (Julián Inchusta, Alfredo Olalde, Francisco Hierro e Enrique Fonca). Em carta dirigida a seus antigos alunos de Zalla (Espanha), o Irmão Julián dizia-lhes: «Agora toda a bateria de energias as empregamos para estas terras, colaborando com esta gente simples, pobre, mas cheia de vida e de simpatia».

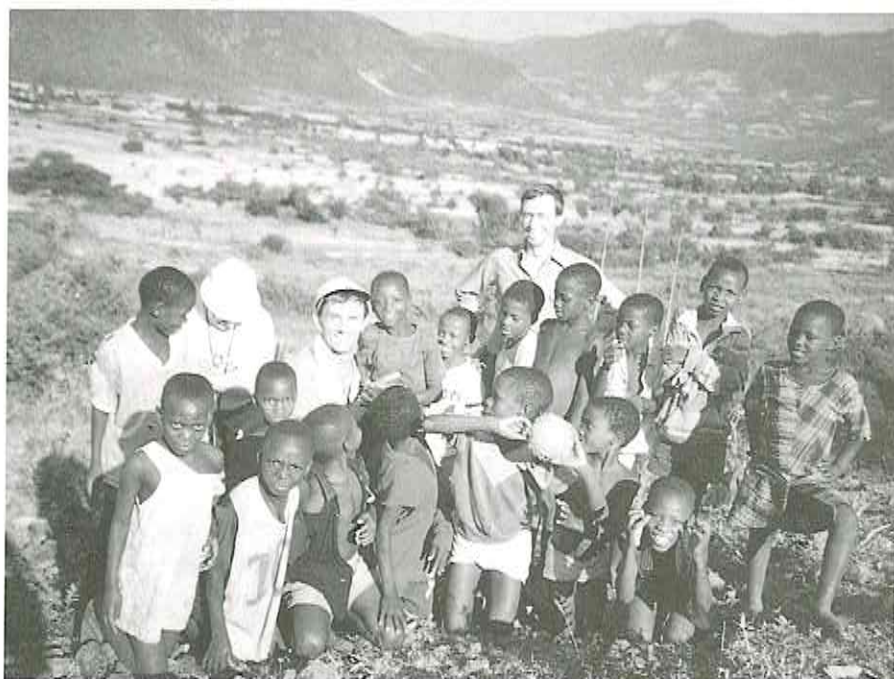
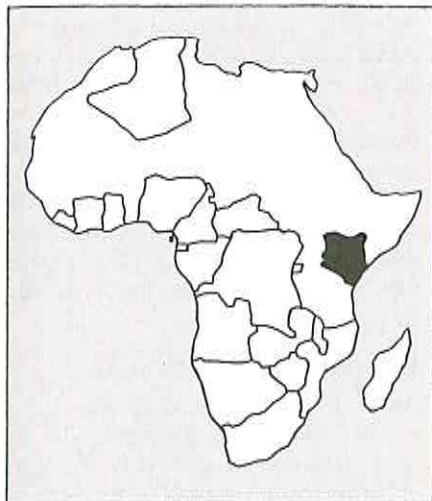
Deve-se ressaltar a integração dos Irmãos Maristas na obra missionária que se desenvolve na ilha. Existe íntima colaboração entre as diversas comunidades religiosas da diocese.

As bases foram colocadas e os começos exigiram dos Irmãos muito arrojo, entusiasmo e esforço. Isso prenuncia um grande futuro de trabalho evangelizador na mais recente missão Marista da África. Que Deus e Maria abençoem essa obra.



Esperando que a obra missionária seja frutuosa...!

QUÊNIA



«... gostaríamos que muitos jovens do Quênia compartilhassem nosso ideal.»

Situação geográfica

Montanhas verdejantes circundam a planície nas praias do Lago Vitória em Luoland: é Roo, uma aldeia de pescadores onde os Irmãos Maristas vieram estabelecer a primeira comunidade faz seis anos. Cinco quilômetros mais longe dessa área empobrecida, há um cruzamento de ruas, sem calçamento, que leva o nome de Sindo. Essa fortaleza dos Adventistas do Sétimo Dia é a única povoação vizinha.

O trabalho dos Irmãos

No meio da planura, os Irmãos tomam conta de uma escola, com pensionato para 140 jovens entre 16 e 25 anos de idade, em colaboração com o diretor local e outros professores. Ai, os alunos estudam durante quatro anos, depois de terem completado os oito anos do programa das escolas primárias do Quênia. Um passo essencial para o progresso da escola é o avanço e a expansão no campo da agricultura. Prepara os alunos para a vida no campo, num país em que, aproximadamente, 90 % da população depende da agricultura.

A escola, designada pelo nome do bispo de Kisii, depende da diocese, embora a missão seja da responsabilidade efetiva da Província Marista da Alemanha. Três Irmãos alemães são coadjuvados por um Irmão irlandês e outro canadense. Por vezes, alguns Irmãos irlandeses ajudam

substituindo outros Irmãos que vão para as férias regulares.

A organização material visa, sobretudo, a satisfação das necessidades básicas tais como: fornecimento adequado de água, uso da energia solar par dar luz aos quartos e aos edifícios, expansão da horta para melhoria da dieta e obtenção da autosuficiência. Construíram-se dormitórios mais higiênicos, pavimentaram-se os caminhos, ergueram-se muros de pedra, plantaram-se árvores de maneira que a locomoção de um local para outro no barro ou no sol são coisas do passado. Além disso,

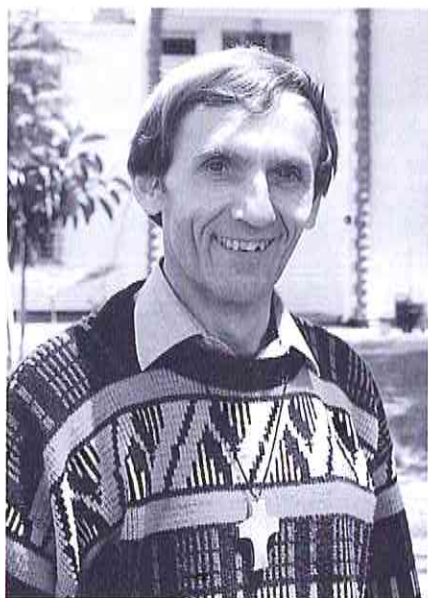
foi organizada uma modesta fazenda experimental nas dependências da escola.

Formação cristã dos jovens

As melhorias materiais, no entanto, não são os aspectos mais importantes de nosso centro missionário. A escola procura priorizar a autopromoção dos alunos dando maior realce a seu trabalho e cooperação. A seleção e a formação dos membros do professorado, bem como a preparação dos jovens para a recepção dos sacramentos e seu compromisso com a vida cristã são as preocupações que



Ir. Godofredo com os alunos.



Ir. João Scubert (Superior do Quênia).

asseguram a continuidade de nosso trabalho, embora esses objetivos possam dificilmente ser medidos em termos de tempo e de sucesso.

Sinais encorajadores nos permitem cauteloso otimismo. Temos dois jovens Irmãos quenianos no noviciado de Kutama no Zimbábue. Gradualmente, está tomando forma uma casa para o pré-noviciado, enquanto alguns jovens estão se interessando por nosso modo de vida. Nós colocamos muito empenho no engajamento com os pobres, e esse é o motivo de termos escolhido essa área remota, de preferência a um centro urbano, para estabelecer nossa primeira escola no Quênia. Dessa ma-

neira, compartilhamos o sonho do Padre Champagnat que queria levar a luz do Evangelho a todas as aldeias de França. Nosso local oferece enormes possibilidades de irradiação de trabalho com os pobres.

Colaboração com outras congregações

A fim de objetivar melhor nosso compromisso, achamos necessário redescobrir nossa visão Marista comum e primitiva, por isso, a cooperação entre Padres Maristas, Irmãos e Irmãs torna-se essencial para atingir o desenvolvimento coletivo em prol dos carentes. Por exemplo, a formação das jovens, em capos básicos como: a higiene, cuidado das crianças, alfabetização, arrumação da casa, requer a presença de missionárias femininas para a promoção global. A vida espiritual deve alicerçar-se na vida sacramental, que só pode ser possível com a presença de um padre na comunidade. Isso quer dizer que estamos prevendo o futuro da missão como um projeto abrangente, no qual haverá a contribuição dos Padres, Irmãs e Irmãos que agirão como fermento nesta área carente da África, para iniciar um desenvolvimento coletivo, sem tentar formar elites que abandonem as casas para ir trabalhar nas cidades.

Gostaríamos de ver muitos quenianos compartilhar nosso ideal. Esperamos também que os jovens Irmãos, especialmente vindos de nosso M.I.C., por sua experiência, participem de nosso projeto. Aqui acharão uma oportunidade para re-

petir a intenção do Padre Champagnat «que o levou a fundar o Instituto para a educação dos jovens particularmente dos mais abandonados» (C.2).

Ademais, nossa missão de forma alguma está voltada para si, mas participa em muito projetos de desenvolvimento com os vizinhos. Por exemplo, na construção de modesto centro de saúde, moinho para moer milho, ajuda à escola elementar próxima. Tudo isso demonstra nossa disponibilidade e presteza para ajudar a gente e melhorar suas condições de vida.

Compromisso com o futuro

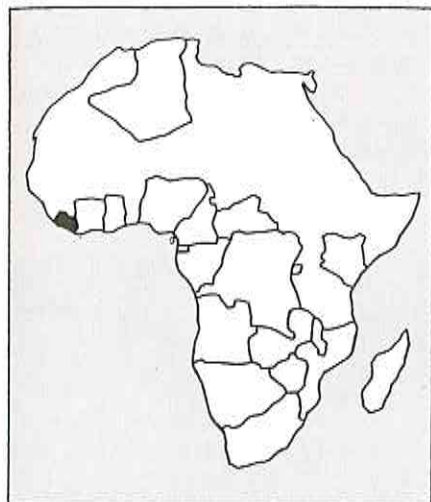
Além disso, se pudermos concretizar nossos sonhos, gostaríamos de que nosso projeto educativo forme agricultores bem treinados, em vez de burocratas (Wabenzi) que apenas parasitam o funcionalismo africano. Também temos a peito a formação de jovens cristãos que estejam prontos a ajudar a Igreja, talvez como sacerdotes ou religiosos, mas especialmente pessoas ativas que não se valham do cristianismo como meio de promoção pessoal, como acontece muitas vezes.

Tendo tudo isso em mente, temos consciência de que a mudança de mentalidade não acontecerá do dia para a noite e que devemos merecê-la através da conversão de nosso coração. É a razão pela qual, com paciência, contamos com a graça de Deus, nossos recursos comuns, no interesse de que a caridade prevaleça acima de tudo.



Um dia de festa.

LIBÉRIA



Hostória

Em 1986, celebrou-se o centenário da obra Marista nos Estados Unidos. Para marcar o acontecimento, decidiu-se enviar Irmãos para uma nova missão. O país escolhido foi a Libéria, no oeste da África.

As origens do país recuam à época em que os Estados Unidos deram a liberdade a numerosos escravos, que, com a ajuda de gente de boa vontade, regressaram à África. Desde então, tem havido grande interesse e influência americana nesse país. Um dos sinais pode verificar-se nos topônimos. Basta um exemplo: os Irmãos acham-se no município de Maryland, perto da cidade de Harper!

Implantação da obra Marista

A cidade em que os Irmãos se estabeleceram chama-se Pleebo, distante 500 milhas da capital, Monrovia, e umas 5 milhas da fronteira com a vizinha Costa de Marfim.

Inicialmente, os Irmãos foram encarregados de uma escola diocesana, freqüentada por alunos matriculados desde o jardim da infância até o segundo grau. Deu-se-lhes também a formação de professores, por meio de cursos intensivos e sessões durante as férias. No final, recebiam certificado reconhecido pelo governo.

Guerra civil e conseqüências

Tudo parecia correr muito bem, com uma comunidade de cinco Irmãos, até que a luta explodiu na capital, exatamente no Natal de 1989. Embora os combates não afetassem Pleebo, os afeitos da guerra não tardaram em deixar suas marcas. Todas as mercadorias, costumeiramente obtidas de Monrovia, foram cortadas. Em breve, a população local começou a passar fome. Pelo mês de julho de 1990, um grande número de desertores do exército chegou à localidade entregando-se à rapinagem e provocando pânico. As escolas tiveram que fechar. Um padre, vindo de Ghana para trabalhar na Libéria foi morto. O bispo avisou os Irmãos que saíssem do país para salvar a vida. A Costa de Marfim fechou as fronteiras e os suprimentos não puderam chegar desse lado. O comunidade decidiu que dois Irmãos deveriam ficar, os demais iriam para Costa de Marfim, atravessando o rio numa canoa.

Pelo mês de setembro, os rebeldes assumiram o controle da área. A situação tornou-se muito tensa, embora alguma coisa parecida com a ordem fosse implantada. Os dois Irmãos que permaneceram dedicaram-se ao trabalho de obter gêneros alimentícios para a população local, e, com a diminuição da tensão, a fronteira foi reaberta. Com a ajuda do Serviço Internacional Católico de Socorro, puderam obter toneladas de arroz, muito necessitado para aliviar a falta de comida, mas a escassez ainda continua.

O Ir. Légo Shea, diretor da escola e superior local, e a Irmã Leonora, Su-



Ir. Leo Shea (Superior da Libéria).

perintendente diocesana da Educação estão agora examinando a situação em vista de reiniciar o sistema escolar, mas, enquanto não se estabilizar a situação política, há pouca esperança de qualquer esforço positivo.

O futuro da obra Marista

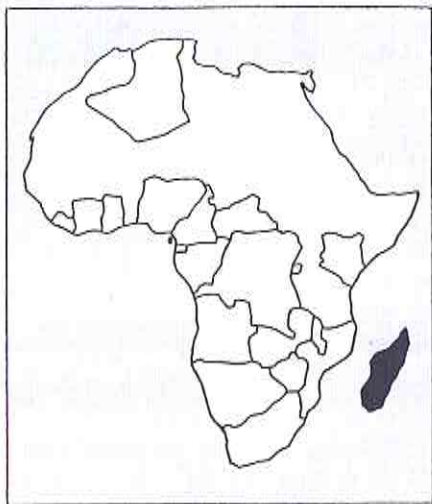
No que tange às perspectivas para o futuro, tudo depende da situação política, assim, é impossível fazer quaisquer prognósticos. A Igreja é relativamente fraca na Libéria, especialmente porque a fundação do país foi realizada por entidades não-católicas e as vocações locais são muito raras. Um jovem professor manifestou interesse pela vida Marista, agora está no postulado de Ghana.

Tudo o que os Irmãos podem fazer é pedir aos leitores que rezem pela missão, começada com tantas esperanças, mas arrasada pelos acontecimentos. Oxalá que o presente Get-sêmani seja precursor de uma Páscoa gloriosa.



Ir. Leo Shea com Nyema Dalieh, bispo de Cape Palmas.

MADAGÁSCAR



História

Os Irmãos aportaram em Madagáscar em 1912. Os Irmãos André, Frederico e Maria Gamaliel abriram a escola de Betafo, velha cidade, embora pequena, a 23 quilômetros de Antsirabe. Essa escola foi fechada em 1974, devido aos poucos alunos e a abertura de outra escola do governo, na vizinhança.

Em 1913 chegou Irmão Brieuç Marie, que trabalhou em Madagáscar até o fim de seus dias, e faleceu em 1954 na idade de 82 anos. Em 1920, outros cinco Irmãos foram enviados pela Administração Geral, um deles o Ir. José Bonus, que foi o organizador do distrito até 1948. Foi diretor de escola, mestre de noviços, ecônomo do distrito, e, finalmente, visitador. É recordado como construtor de escolas e por sua habilidade em resolver os problemas que surgiam devido à falta de contacto fácil com os Superiores. Em 1933 supervisionou a construção da casa de Antsirabe, agora, formando parte de colégio São José.

Em 1937 celebrou-se o jubileu de prata da missão.

A guerra novamente interrompeu as comunicações com os Superiores e foi somente em 1946 que a ilha foi visitada pelo Ir. João Emílio, AG, que trouxe consigo, da Província de Beaucamps, o Ir. José Leão Diógenes Dumortier, que trabalhou em Madagáscar até seu recente retorno à França, por razões de saúde.

Em 1948, os Irmãos adquiriram a propriedade de Soamahatamana, agora local do juvenato e da escola agrícola. Estamos tentando tornar mais produtiva essa área, para isso tentamos solicitar auxílio de todas as partes. O Ir. Francisco Rama, que tem a cargo o projeto, sentir-se-ia satisfeito em receber qualquer ajuda material ou técnica que lhe seja oferecida!

Em 1949, Ir. Calixto foi nomeado visitador, um encargo que exerceu durante quinze anos até sua aposentadoria em 1976!

Vocações locais

Os primeiros Irmãos começaram a recrutar em 1917. O primeiro postulante, Renê Prosper, foi enviado a Bairo, Itália, para fazer o noviciado, mas o rude clima do norte foi demais para ele, e lá faleceu. O Ir. Bonus insistiu num noviciado em Madagáscar; aberto em 1920, nunca mais fechou as portas. Até 1965, o distrito pertencia à província de Varennes-Orient. Depois esteve sob a Administração Geral e, em 1979, tornou-se distrito autônomo. A província conta 70 Irmãos, sendo três do exterior. Financeiramente a província está na dependência do Conselho Geral e de toda a ajuda que recebe do estrangeiro.



O Ir. Noberto com os jovens formandos.

Nossa maior preocupação é de assegurar formação adequada aos jovens Irmãos, mas encaramos o porvir com certa calma e serenidade.

Aspectos políticos, econômicos e sociais

Madagáscar esteve sob o domínio francês por mais de 60 anos e todo o sistema baseava-se no da França. Todos os malgaxes eram cidadãos franceses e a maioria das pessoas, nas cidades pelo menos, falava francês. Em 1960, com a independência, o novo regime sob o Partido Social Democrático, foi período de transição, visto que o país continuou a fazer parte da comunidade francesa.



Juvenistas de Madagáscar (1990).

Em maio de 1972, um golpe militar derrubou o governo, depois, três anos mais tarde, foi proclamada uma nova república, que seria socialista, leninista e científica. Em lugar de voltar-se para o Ocidente, os olhares voltaram-se para o Leste e para a Rússia. Agora, porém, depois de 15 anos, estamos retornando para o Ocidente. As indústrias, que foram nacionalizadas, estão sendo devolvidas à propriedade particular e procuram-se investidores que ajudem a economia nacional.

A educação sofreu muito durante esses 15 anos. No papel, estava bem organizada, mas não na prática. As escolas do Estado estavam repletas de alunos, mas não havia professores. A população perdeu o entusiasmo, a corrupção é generalizada, há o êxodo do campo devido à insegurança lá existente, com todos os problemas decorrentes.

A IGREJA E AS ESCOLAS

Desde o início, a Igreja possuiu escolas próprias. No campo, tinha muitas escolas primárias, nas quais, além do catecismo, as crianças aprendiam a ler e a escrever. Nas cidades, existiam grandes escolas de segundo grau, dirigidas pelas congregações ensinantes.

Entre 1972 e 1982, nossas escolas pareciam vazias, porque o governo colocava ao lado outras não pagantes. Agora, no entanto, as pessoas estão voltando para as escolas católicas e milhares de solicitadores não podem ser atendidos porque não há vagas suficientes.

Depois de instalar-se no país, há quase duzentos anos, a Igreja agora tem 17 dioceses, todas, exceto três, dirigidas por bispos malgaxes. Há quatro seminários maiores e todos os anos há uma vintena de ordenações.

Perto de 60 congregações femininas e de 25 a 30 masculinas desenvolvem seu apostolado no país. Os noviciados estão repletos. O modo como os jovens afluem aos seminários e noviciados é fonte de alegria, mas também uma preocupação.

O maior acontecimento na história do país, pode-se dizer, foi a visita do Papa João Paulo II, em 1989. Teve ampla cobertura da parte dos jornais, do rádio e da TV e toda a população voltou-se para a Igreja como alguma coisa sólida e segura. O ecumenismo é muito forte no país e o encorajamento dado pelo Papa foi ouvido e posto em prática. Um dos resultados foi a tradução da Bíblia para o malgaxe e trabalha-se para uma teologia comum em malgaxe.

A PROVÍNCIA MARISTA

A primeira prioridade de nossa província é a formação dos jovens Irmãos. Observamos que a porcentagem de perseverança é bastante baixa e uma das causas é a falta de formação. Depois de 75 anos no país, apenas existem 67 Irmãos locais. Houve muita preocupação na formação profissional e não bastante na religiosa. Não falta trabalho; os Irmãos estão sobrecarregados, em detrimento de sua vida espiritual.



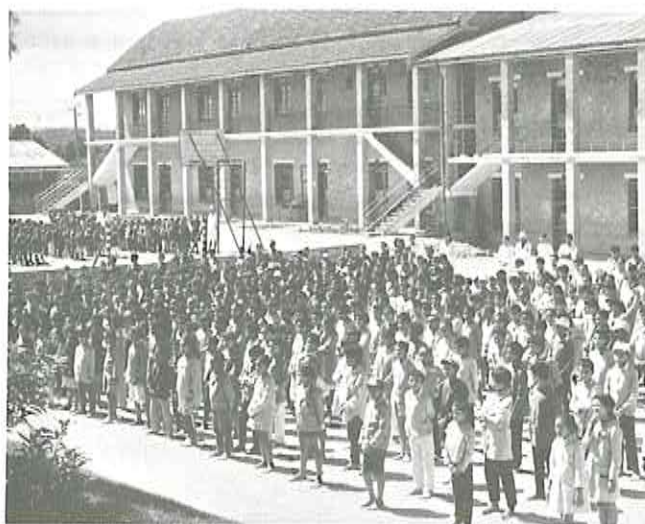
Jovens Irmãos malgaxes no MIC (Nairobi).

Isso dito, temos também de dizer que as casas de formação estão repletas. Tão cheias que carecemos de recursos para levá-las adiante. Mencionamos antes que no juvenato há uma escola agrícola. Precisamos de um trator e de uma dúzia de vacas leiteiras. Isso seria uma ajuda para os juvenistas, os jovens Irmãos e os mais idosos, bem como um auxílio para as escolas que passam por dificuldades financeiras.

Se o projeto tiver bom êxito, pretendemos volver para o interior, onde as crianças são deixadas sem recursos. A formação dada em Nairobi já está preparando os Irmãos para essa missão. Que Jesús Cristo, Maria nossa Boa Mãe e o Bem-aventurado Champagnat nos ajudem a ir à savana para atingir e ajudar aos jovens que lá nos estão esperando.

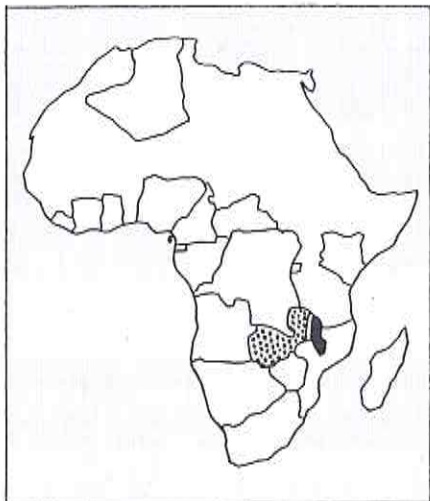
Com esse objetivo, contamos com a ajuda de benfeitores aos quais agradecemos antecipadamente.

Irmão Provincial de Madagascar



Escola S. José em Antsirabe.

MALAWI-ZÂMBIA



História

Destacada de Iberville, em 1943, a Província de Lévis respondeu ao apelo de Likuni, vicariato do então protetorado da Niassalândia.

Quatro Irmãos, escolhidos de uma lista de voluntários, partiam de Quebec em 1946 para assumir a escola de Mtendere, que eles transformaram em escola de segundo grau.

O renome da primeira escola marista no protetorado espalhou-se rapidamente e não demorou que mais pedidos de Irmãos se seguissem. Eventualmente, os Irmãos tomaram a direção do que são agora as escolas de segundo grau para moços de Likuni (1949), a escola católica de segundo grau de Zomba (1952) e a escola de Chassa, na Zâmbia (1954).

Entrementes, como havia jovens que manifestavam interesse pela vida dos Irmãos, em 1950, abriu-se em Mtendere um juvenato, que agora têm 120 meninos.

As quatro escolas de segundo grau têm um total de 325 internos. Com o avanço da idade, os Irmãos missionários começam a sentir o peso dessas instituições. Contudo, permanecem otimistas ao verificarem as gerações de jovens Irmãos do Malawi que se apresentam para substituí-los.

ESCOLAS E APOSTOLADO

As quatro escolas de segundo grau que os Irmãos dirigem no Malawi e na Zâmbia oriental são subsidiadas, isto é, foram construídas e dirigidas com auxílio do governo, como acontece com a maioria das escolas desses países.



«No início da década de 1980 tínhamos decidido de organizar o noviciado.»

Em retorno, os Ministros da Educação servem-se delas para selecionar os alunos para essas escolas. Como resultado, os católicos nas escolas não são mais de 25 %. Os professores, além dos Irmãos, são indicados pelos Ministros. Contudo, os Irmãos estão convencidos de que sua presença é positiva e ajuda a manter uma atmosfera cristã e ensinar os princípios de nossa religião à juventude.

Em todas as escolas, estão reservados horários para o ensino religioso, e, quase sempre, os pastores das diversas religiões valem-se dessa oportunidade para reunir os alunos de sua crença. Existe também a possibilidade de trabalhar com vários grupos de jovens, dar instrução aos catecúmenos e retiros de fins de semana.

Do ponto de vista acadêmico, nossas escolas, bem como o juvenato, estão entre as melhores do país e muitos antigos alunos ocupam posições influentes na sociedade.

Durante anos, o ensino da religião nas escolas elementares deixava muito a desejar. Para remediar a situação, os bispos solicitaram a ajuda dos Irmãos e, já faz dez anos, que dois Irmãos, um na diocese de Lilonwe e outro, na de Dedza, estão empregando todo seu tempo, sem remuneração, a essa importante tarefa apostó-



Os postulantes antes de partir para o noviciado (1988).

lica. Visitam centenas de escolas elementares, fazem reuniões nos fins de semana e nas férias, produzem livros para professores e alunos, como isso têm ajudado os professores leigos a se convencerem de que o ensino da religião pode tornar-se interessante e que todos podem envolver-se nele.

É óbvio que se trata de um bom começo, mas muitos Irmãos estão sentindo que se poderia fazer muito mais, se estivessemos dentro da educação primária. Esperamos que nos próximos anos, depois que os jovens Irmãos retornarem do Centro Internacional Marista, tenhamos a possibilidade de fazer sentir nossa presença em mais de uma escola desse nível.

Além da situação regular nas escolas, os Irmãos têm procurado ajudar os menos favorecidos de muitas formas. Assim, embora com recursos limitados, apenas nos tempos livres, conseguiu-se implantar uma oficina em Mtendere na qual foram treinados dezenas de mecânicos, encanadores, carpinteiros, eletricitistas... que agora ganham a vida honestamente com o trabalho. Outro Irmão, também nos tempos livres, conseguiu organizar tanto no Malawi como na Zâmbia, boas fazendas agrícolas que se tornaram muito úteis para as escolas e aldeias da vizinhança. Graças à habilidade excepcional de angariar fundos para o desenvolvimento de projetos, um terceiro Irmão ajuda diversas escolas e clínicas menos afortunadas da área circunvizinha, tudo em vista do melhoramento das condições humanas dentro do espírito cristão.

A sobrevivência da Congregação nesta parte da África sempre foi a prioridade dos Irmãos. É o motivo porque



Os jovens Irmãos depois da profissão.



O Ir. Fournier (Superior do Malawi).

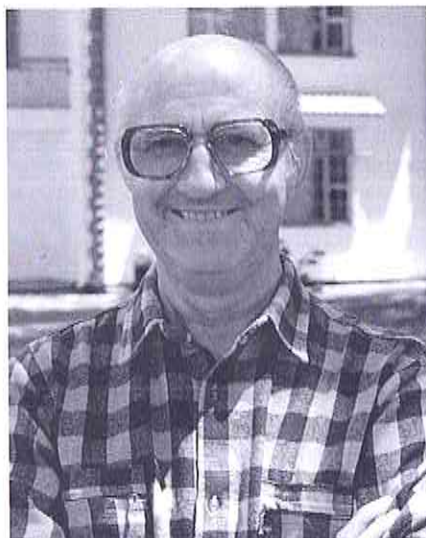
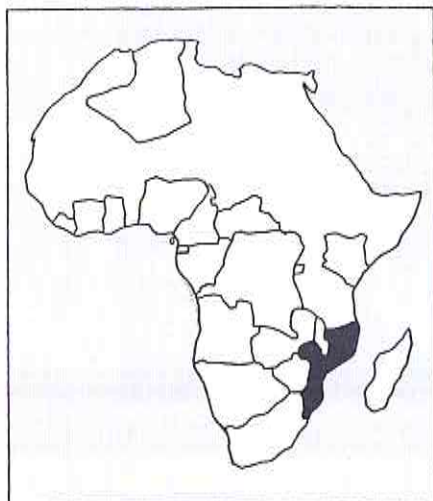
não perderam tempo em abrir um juvenato para os candidatos recrutados nas escolas primárias.

Embora todos os Irmãos se sintam responsáveis em ajudar os jovens finalistas de nossas escolas para que estejam atentos ao chamado do Senhor, também se preocupam para que mais gente seja atingida por ele. Assim sendo, um Irmão visita a maior parte das escolas de segundo grau do país uma vez por ano, pelo menos. Entra em contacto com os que manifestaram algum interesse na vida Marista, convida os finalistas para comparecer a períodos de discernimento, nas férias. O método comprovou sua utilidade, porquanto, nos últimos anos, o postulado, com duração de um ano, está repleto de aspirantes, indo até além de sua capacidade.

A fim de assegurar um pessoal adequado e as melhores condições possíveis para o noviciado, foi decidido, já na década de 1980 de colocar nossos recursos em conjunto com outros setores. Agora, o noviciado regional de Kutama, Zimbabwe, atende às necessidades do Malawi, Moçambique, Zâmbia, Zimbabwe e Quênia e têm uma população de 30 noviços.

Com o programa de pós-noviciado oferecido pelo Centro Internacional Marista de Nairobi, estamos agora certos de contar com um bom programa inicial de formação. Os sete Irmãos do Malawi que agora completaram seis anos de formação, assumiram sua missão de Irmãos Maristas com muita seriedade. Junto com os predecesores, que não tiveram tantas oportunidades, formam um fundamento sólido para um futuro cheio de esperança e prometem servir os jovens do país de acordo com o carisma de Bem-aventurado Marcelino Champagnat.

MOÇAMBIQUE



*Ir. Justino Hartmann,
Superior de Moçambique.*

O FUTURO JÁ COMEÇOU. QUARENTA E DOIS ANOS DE MISSÃO E DE AVENTURA

«Viviam e dormiam em cabanas, em meio à floresta tropical. Ao lado da esteira, havia uma caçadeira, para o meio da noite, enfrentar os ataques ferozes dos leões e das onças, de arma na mão, lá no alto da selva zambeziana.»

Em Setembro de 1948, chegavam quatro Irmãos a Beira, em Moçambique para dar início à Missão Marista, naquelas regiões. Vinham do Brasil. Tudo cresceu, tudo floresceu. Depois tudo ruiu, tudo foi destruído. Só restaram ruínas. Os sonhos absurdos e utópicos do Marxismo Leninismo passaram a deixaram na passagem, após 15 anos de fracasadas experiências, destruição e escombros.

Passados 42 anos, encontra-se ainda em Missão, o Irmão Moisés Flores, um dos quatro pioneiros da primeira hora. Hoje com 75 anos está de pé, firme, para dar início à reconstrução Marista nestas bandas.

Champagnat em 23 anos de promoção Marista, morreu em paz, cercado por 280 Irmãos e com uma grande visão de esperança no futuro. Nós aqui em Moçambique, após 42 anos de lutas e canseiras de muitos

Irmãos, só temos 2 naturais do País. Humanamente falando foi um desastre. Deve-se isso às vicissitudes da História, ao Marxismo Científico e também à falta de formação sólida, clara e firme nos primeiros tempos. Quase tudo foi em vão. Champagnat começou com 2. Nós vamos recomeçar também com dois. Irmão Cristiano (46) Irmão Antônio Sana-sana (35).

O Governo brasileiro quis distinguir o Irmão Moisés, com uma alta condecoração, pelos seus 40 anos de Missonário e Educador em Terras Moçambicanas. Por isso o Sr. Embaixador do Brasil em Maputo, em noite de festa, condecorou-o com a Ordem de Cavaleiro de Rio Branco, a 11.11.1988.

FORMAÇÃO DAS VOCAÇÕES

Somente em fevereiro de 1990, após quinze anos de diáspora, tornamos a abrir as portas de um pequeno centro de formação, na Beira, no qual entraram 2 jovens aspirantes, numa comunidade formada por 4 Irmãos.

Em cada Comunidade Marista, há um Irmão responsável pela promoção e que acompanha os jovens em reuniões semanais, retiros, encontros e lazeres, quer na praia quer no campo.

A guerra é um dos elementos dominantes de toda a realidade de nosso País. A violência gerou sofrimentos sem conta. Mais de um milhão de crianças e jovens, estão sem escolas, que foram destruídas e os professores ou foram expulsos ou foram massacrados.

Hoje como no tempo colonial, a Igreja é vista como uma das forças de maior autoridade na reconstrução do País e na transição para a Paz. E é nesta Igreja que cabem os Maristas. E para este Povo o futuro já começou.

SINAIS DE ESPERANÇA

Muito aprendemos nestes 42 anos de Missão em País Africano. As culturas são muito diversas e isso é importante ter em conta. O futuro tem os seus desafios e as suas complicações imprevisíveis. Todavia há sinais claros de que a Igreja aqui tem futuro promissor.

—A experiência do passado. Após termos acertado o caminho, tudo ia bem. Tudo se tornara florescente. Uma mão de fada parecia passar por nós, e transformar tudo em ouro sobre azul. A Revolução Marxista chegou, nacionalizou, confiscou, destruiu, dispersou e agora passou. Constatemos que tudo floresce, tudo volta ao princípio.



Homenagem ao Ir. Moisés Flores.



O Ir. Charles com os Irmãos e os aspirantes da Zambésia (1989).

—Toda a Igreja está em renovação. Todas as Congregações estão abrindo Centros de Formação. Há vocações para todos. Por isso também haverá vocações Maristas. E sobretudo nós já tomamos sentido da nossa consciência missionária.

—Os Irmãos do País, missionários ou não, estão confiadamente comprometidos e apostam em generosas e boas vocações.

—A Província Portuguesa, da qual nós somos um Sector missionário está em renovação fervorosa. E a prioridade absoluta a promoção das vocações e a Formação. Os Superiores estão na disposição de apoiar 100 % este Sector Missionário. «Congregações Missionárias têm muitas vocações.»

—As visitas dos Irmãos Superiores, Charles Howard, Powell Prieur e do Irmão Provincial, despertaram em todos nós, novo fervor e entusiasmo, perante a urgência de vocações e da formação permanente.

—A própria convicção que temos de que o apoio exterior é cada vez menor e de que teremos de ser autosuficientes a médio prazo, leva-nos a repensar seriamente o problema do nosso futuro.

—A Paz que esperamos surja em breve, facilitará a movimentação dentro do Território em todos os sentidos.

—A colaboração a nível regional da África Austral, encoraja a todos

nós e os jovens, sobretudo na formação básica, no aprendizado da língua inglesa e do Noviciado.

—O compromisso dos Irmãos na Catequesa Paroquial, na Pastoral das crianças e dos jovens e o trabalho dos Irmãos nos seminários e nas Escolas Normais, provocará num futuro não muito distante uma alvorada de aspirantes nesses sectores de influência.

—De repente eclodiu um forte desejo nas Comunidades, para ampliar os espaços exíguos nos quais moramos, para poder albergar jovens a procura da sua vocação.

—São estes alguns dos sinais bem visíveis, sobre os quais também se fundamenta a nossa Esperança.

PRIORIDADES APOSTÓLICAS

A pressão sobre a Igreja suscitou nos religiosos necessidades novas:

- Necessidade de maior comunhão e apoio inter-congregacional.
- Uma promoção vocacional mais sólida e sistemática.

A questão da Paz, é a magna questão do País. A economia ficou reduzida quase a zero durante os intensos anos de guerra. Houve estagnação na agricultura. A pecuária foi destruída pelos homens em guerra. A fome cresceu assustadoramente.

Após termos analisado a situação sócio-política e económica, facilmente chegamos a definir as prioridades mais urgentes e imperativas.

A Igreja é ministerial. O País conta com mais de um milhão e meio de católicos, com 26 sacerdotes diocesanos. Par ter uma ideia de como isso aconteceu, basta saber que os Jesuitas desde 1542 já regressaram por 4 vezes após 3 expulsões. E toda a Igreja foi assim maltratada.

TODOS VAMOS RECOMEÇAR

Achamos pois que é prioritário:

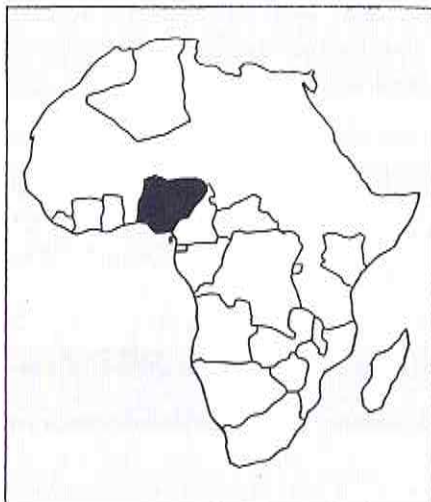
- A formação de Catequistas e Agentes de Pastoral a nível de todas as paróquias e capelas.
- A formação de Irmãos para a Catequese, Pastoral e Educação.
- Apoiar a formação do clero diocesano. Uma das fortes recomendações que o Irmão Superior Geral deixou por escrito no seu relatório da visita de abril passado, consta justamente esta prioridade. E já há 3 Irmãos comprometidos nesta pastoral dos seminários.
- Organização de Cursos Bíblicos.
- Formação dos Casais Cristãos, pois deles é que vão surgir as vocações sacerdotais e religiosas.
- Apoio na formação dos professores, colaborando com o Estado nas Escolas Normais Médias e Superiores. Um Irmão já está engajado nesta área.
- Todos os Irmãos além de serem professores nas escolas estatais são catequistas aos fins de semana, nas paróquias. Preparam crianças e jovens ao Baptismo, à primeira Comunhão e para o Crisma.

Ir. Justino Hartmann



Ir. Antônio Sanasana proferindo os primeiros votos.

NIGÉRIA



ETAPAS DA OBRA MISSIONÁRIA

Em 1935, o bispo Heerey, vigário apostólico da Nigéria oriental, solicitou Irmãos para ajudarem sua missão. Não havia gente disponível, na época. Foi apenas em 1949 que o bispo Whelan, vigário apostólico de Owerri, recém desmembrada de Onitsha, conseguiu que os Superiores enviassem Irmãos para tomar conta de uma escola secundária. Todos os anos era enviado mais um elemento. Depois, em 1956, a congregação local de S. Pedro Claver juntou-se aos Irmãos Maristas, acrescentando mais de uma dúzia de Irmãos aos já existentes no país. Em 1965, alguns Irmãos foram da Nigéria para os Camarões para abrir nova missão.

Ao estourar a guerra civil, os Irmãos estavam dirigindo treze escolas primárias e duas de segundo grau. O conflito teve dois grandes efeitos: a nacionalização de todas as escolas e a expulsão da maioria dos estrangeiros. Alguns Irmãos do exterior permaneceram, especialmente em Hopeville, que foi estabelecida para ajudar aos mutilados. Outro apostolado do pós-guerra foi o estabelecimento do Centro Nike para os leprosos.

Outra consequência foi que, desde então, o Superior do Distrito seria nigeriano. O recrutamento foi contínuo. Em 1979, os Irmãos nigerianos puderam assumir todo o trabalho e o último missionário deixou o país.

Em 1983, a Nigéria Marista tornou-se distrito dependente da Administração Geral. No mesmo ano, enviou seus missionários para atender um apelo de Ghana. Em 1986, tornou-se vice-província com um total de 80 Irmãos.

APOSTOLADO

A guerra civil retirou a maioria dos Irmãos das escolas, mas, desde então, muitos voltaram para elas, particularmente nas de segundo grau.

Em Uturu, a obra de Hopeville levou ao estabelecimento de uma escola elementar, e, mais tarde, de uma secundária, dado que muitos antigos alunos enviavam os filhos para serem educados pelos Irmãos.

Os Irmãos são encarregados da imprensa diocesana que, além de um jornal, publica coisas como calendários, brochuras, folhetos, etc.

Os Irmãos estão empenhados no trabalho catequético das paróquias. Existe relacionamento muito bom com o clero e a hierarquia. Podemos asseverar que estão muito bem integrados na Igreja local.

PRIORIDADES

Como acontece com todas as províncias, nossa primeira prioridade é de garantir o surgimento de vocações boas e bem formadas. Até aqui, graças a Deus, parece que estamos tendo bons resultados. Temos o juvenato e o noviciado repletos. Agora, estamos colaborando com outros países do oeste da África para a manutenção do Noviciado Internacional, que está em Ghana. A Nigéria está sendo abençoada com numerosas vocações tanto para o clero como para a vida religiosa. O seminário maior de Enugu é considerado o mais vasto do mundo. Os três vicariatos apostólicos existentes no sudoeste da Nigéria, quando os Irmãos chegaram, agora, formam treze dioceses, todas com bispos africanos, que contam entre eles dois cardeais e dois arcebispos. Os Irmãos aproveitam-se desse florescimento extraordinário de vocações e rezam para que continuem.

Ainda temos dificuldades em obter lugar para ensinar nas escolas mas, espera-se que com as facilidades crescentes na obtenção das qualificações oferecidas pelo Centro Internacional de Nairobi, a situação melhore.

OS ANTIGOS ALUNOS

Não podemos encerrar esta breve nota sobre a Nigéria sem mencionar



O Ir. Charles com os Superiores da Nigéria e Ghana e os Irmãos da Nigéria em Nairobi.

nossas associações de antigos alunos. Eles são homens muito fiéis que se orgulham dos Irmãos Maristas e estão sempre prontos para manifestar este apreço. (Podem-se ver nos reclames: Engenheiros Maristas, Farmacêuticos Maristas, até um supermercado Marista!). Formam uma família unida, leal, prontos na entreatajuda e para cooperar com os Irmãos. Fizeram muito pra o estabelecimento de bibliotecas, doação de bolsas de estudos e outras colaborações nas escolas em que os Irmãos trabalham. Muitos deles, que atingiram o ponto culminante de suas carreiras, estão prontos a emprestar seu talentos e arte, como acontece com os engenheiros que prestam serviço gratuito na construção da casa provincial. Agradecemos a Deus por causa desses homens e pedimos a Nossa Senhora, cujo nome se orgulham de levar, que continue abençoar a eles e suas famílias.



Juvenistas e formadores.



Renovação dos votos.

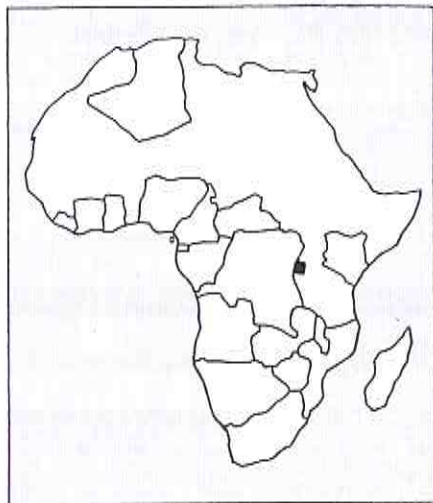


*Ir. Clemente Okere
(Superior do Distrito da Nigéria).*



*Irmãos da Nigéria e Ghana
no MIC de Nairobi.*

RUANDA



ESBOÇO HISTÓRICO

Os Irmãos Maristas chegaram no Ruanda em 1952, em Byimana perto de Kabagayl, sede do vicariato apostólico. Eram quatro Irmãos: três belgas e um do Zaire. Procediam do Zaire, onde dois deles já tinham adquirido larga experiência a respeito da África. Foram encarregados de uma escola normal para a formação de professores do curso elementar. No ano seguinte, enviaram os primeiros aspirantes à vida marista ao juventado de Nyangezi. Essa sementinha plantada desde o início, iria germinar e apóstolos em maior número seriam confiados aos Irmãos. A preparação e a celebração do Ano Champagnat de 1988-89 foi uma boa oportunidade para divulgar o conhecimento e o amor ao trabalho de nosso Fundador, dar vida nova à Associação dos Antigos Alunos, sem mencionar o trabalho vocacional que já está dando frutos.

Em 8 de dezembro de 1985, o Ruanda foi erigido em Distrito dependente de Administração Geral.

A SITUAÇÃO ATUAL

O trabalho apostólico dos Irmãos não foi sem frutos. Agora, no Distrito, há 35 Irmãos, 2 noviços, 14 postulantes e 13 aspirantes que estão recebendo preparação intensiva para ingressar no postulado.

Dirigimos quatro escolas de segundo grau e uma escola técnica. Estamos estabelecidos em quatro dioceses e devemos recusar pedidos de outras dioceses, visto que não dispomos de pessoal para realizar mais obras educacionais.

Nosso trabalho é ajudado por um acordo entre a Igreja e o Estado no campo da educação, possibilitando-nos oferecer a instrução sem ônus da parte dos alunos. O relacionamento entre a Igreja e o Estado é bom. Temos muitos protestantes em todas as escolas, igualmente, adventistas do sétimo dia e muçulmanos. Todos praticam livremente sua religião e podem ter assistência dos respectivos mentores.

O TRABALHO APOSTÓLICO DOS IRMÃOS

O principal trabalho dos Irmãos é levar adiante as escolas que lhes são confiadas e sua maior preocupação é a qualidade do ensino religioso que nelas se ministra. A maioria dos alunos são pensionistas, há muitas jovens, todas elas externas. Temos íntima ligação com as escolas elementares, que são campos de aplicação para o treinamento dos professores. Estamos também comprometidos com o ensino da religião nas paróquias e nas dioceses.

PRIORIDADES APOSTÓLICAS

Há duas sobre as quais gostaria de chamar a atenção:

- a) A educação pós-primária dos que não estão na escola. Apenas uma pequena parte dos alunos da escola primária continua na secundária. Há milhares de jovens que não têm a oportunidade de qualquer qualificação profissional. Os Irmãos estão tentando responder ao apelo das autoridades, dos pais e dos jovens que estão procurando dar solução ao problema. Uma resposta é o que está sendo feito em Rwabuye, iniciada em 1988, quando abrimos um centro de formação para os jovens de ambos os sexos que queiram aprender um ofício. Nosso objetivo é de adquirir experiência que nos ajude a aumentar tais centros, que nos parecem ser um dos melhores modos de ajudar a juventude a ganhar a vida e ser útil ao país. Isso requer mudança de mentalidade nos



O Ir. Charles com o Ir. Pascal Nkurunziza, Superior do Ruanda.

Irmãos, que não estão acostumados a essa forma de apostolado, requer deles também um certo treinamento profissional para que possam trabalhar, sem mencionar o material requerido para organizar os centros e mantê-los em funcionamento. Nosso recrutamento, a formação que estamos dando aos aspirantes e a animação das comunidades visam esse tipo de trabalho cuja importância e urgência exigem consideração cuidadosa através da África toda.

- b) Mais e mais escolas particulares estão sendo organizadas pelas associações de pais, encorajadas pelo estado e isso requer da Igreja muito esforço para garantir o fornecimento de professores de religião para tais escolas, a maioria das quais são dirigidas por antigos alunos. Esta é uma área na qual os Irmãos têm muita coisa a oferecer e onde sua presença é reclamada.

Nossa resposta adequada para essas duas prioridades virá da maneira como encararmos os cinco desafios que nos são apresentados e que, aceitos, nos manterão fiéis ao carisma do Fundador:

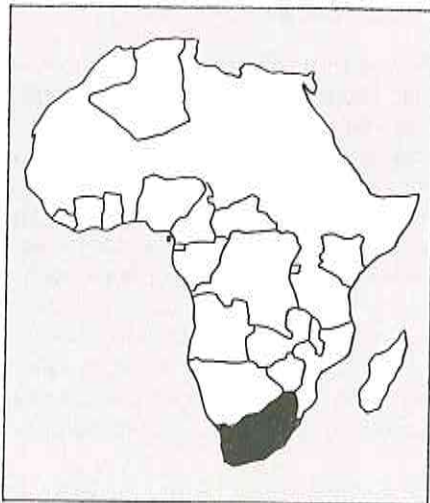


Ir. Innocent Hategekimana.

- A pastoral vocacional,
- O Fundador,
- O apostolado Marista,
- A oração e as fundamentações espirituais profundas,
- A obediência e a fidelidade aos valores do Evangelho.

*Ir. Pascal Nkurunziza,
Superior do Distrito*

ÁFRICA DO SUL



UM POUCO DE HISTÓRIA

Os Irmãos Maristas aportaram à África do Sul em 1867, a pedido do vigário apostólico da Cidade do Cabo em Boa Esperança, o bispo Grimley. Tendo ouvido falar do excelente trabalho que os Irmãos estavam realizando na Irlanda, abordou os Superiores de S. Génis Laval para obter Irmãos, a fim de lecionar aos filhos dos colonos do Cabo. Cinco Irmãos: Chumald (francês), como diretor, Sulpício (belga), Fausto (inglês), Antônio (irlandês)

e Anatólio (francês) partiram de Toulon, em 12 de fevereiro de 1867, para chegar no Cabo em 18 de abril. Doze anos mais tarde, em 1897, a pedido do vigário apostólico do Cabo oriental, o bispo Richards, os Irmãos estabeleceram escolas em Porto Elisabete e Uitenhage. Em 1889 os Irmãos foram para os empoeirados campos de mineração de Joanesburgo e abriram lá a primeira escola para rapazes. Desde então, os Irmãos ensinaram no Natal, em Pietermaritzburgo, Durban e outras partes da África do Sul.

Exatamente da mesma maneira como os Irmãos fundadores eram procedentes de países diversos, assim a Província sempre teve um caráter internacional. Além



A comunidade de Slough (Irs. Ricardo, Marcos e Mário).



O Ir. Felim trabalha para os pobres da Cidade do Cabo.

da África do Sul, houve Irmãos provindos da França, Inglaterra, Irlanda, Bélgica, Escócia, Alemanha, Espanha, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia e México. Muitos deles integraram-se à província quando jovens, alguns, em idade mais avançada e outros, por um período curto. Todos realizaram uma tarefa maravilhosa na África do Sul.

Durante os primeiros 41 anos, esteve sob a Administração Geral como vice-província. Em 1908 a província da África do Sul veio à existência com o Ir. Frederico como primeiro provincial; tinha sido o primeiro superior em Joanesburgo e faltou-lhe três semanas para chegar aos cem anos de idade.

Até 1975, a maior parte do trabalho dos Irmãos foi em escolas para rapazes. Em grande escala, isso deveu-se ao sistema do apartheid (desenvolvimento separado). Contudo, os Irmãos trabalharam também com os pretos como no Lesoto (1908-1939), no Bochabelo, em Bloemfontein (1934-1939), em Kaaba, Uitenhage (1933-1937) e em Orlando, no Soweto (1946-1957). De 1961 até o presente, os Irmãos estão em St. Owen, no Cabo, para raças mistas. Em 1975, a Igreja junto com outras denominações cristãs, tomou partido contra a educação em separado. As escolas maristas, como outras escolas católicas, abriram as portas aos alunos de todas as raças. Depois de longa oposição inicial, por



«As escolas Maristas abriram as portas para os alunos de todas as raças».

parte do governo, a política não-racial dessas escolas, basendo-se nos valores evangélicos, agora foi aceita.

Desde 1980, os Irmãos se estão empenhando na co-educação em cooperação com as Irmãs Ursulinas, as Irmãs da Sagrada Família e as Irmãs Dominicanas. Três de nossas escolas abertas e nas escolas que temos em Slough e no Soweto têm meninos e meninas.

NOSSAS ESCOLAS

Dado que nossas escolas recebem amparo financeiro mínimo da parte do governo, são todas pagantes. Isso impede que os realmente pobres as freqüentem. Portanto, quando a província considerou as prioridades apostólicas no capítulo provincial de 1980, decidiu sobre dois tipos de escolas: as abertas (multiraciais) e as para os pobres. Assim, hoje, os Irmãos trabalham em três escolas abertas e outras três, que também são nossas, foram colocadas sob a administração de leigos. Todas essas escolas têm pessoal administrativo leigo, sendo que o Ir. Provincial é membro ex-officio para garantir que reine o espírito católico e marista. Em resposta à opção pelos pobres, há Irmãos que residem e trabalham com os pobres em Slough, um assentamento numa área a 580 quilômetros de Joanesburgo; no Soweto, perto da mesma cidade e em St. Owen. Ademais, dois Irmãos idosos estão realizando um magnífico trabalho social entre os pobres que vivem nas favelas perto da Cidade do Cabo. Finalmente, os Irmãos têm um movimento de cooperadores nas escolas para animar e encorajar os pais, professores e alunos que desejam compartilhar nossa espiritualidade marista e atender os pobres.

O TEMA VOCACIONAL

De momento, temos 35 Irmãos vivendo e trabalhando na província. Quatro deles pertencem a outras províncias, dois da Irlanda, um de Quebec e outro de Iberville. Há dois Irmãos de votos temporários. Não temos noviços, mas um postulante. Temos um Irmão com tempo integral para o recrutamento que é apoiado por uma comissão da pastoral das vocações e da formação que se reúne regularmente. A comissão tem um representante em todas as comunidades da província. Acreditamos que o carisma de Marcelino Champagnat tem muita importância na África do Sul e confiamos que os jovens aparecerão para continuar o maravilhoso trabalho dos muitos Irmãos que nos precederam.

SINAIS DE ESPERANÇA PARA A IGREJA LOCAL

A Igreja acaba de lançar um plano pastoral que tem por objetivo o desenvolvimento da Igreja «numa comunidade que serve a humanidade» - a televisão controlada pelo Estado tentou desacreditar esse plano como «subversivo»!

80 % dos seminaristas são de cor; 50 % da hierarquia é nativa, e 70 % dos bispos são nascidos na África do Sul. Essas cifras são significativas porque 80 % da população católica é de cor.

A Igreja sempre falou e agiu contra as injustiças do sistema apartheid, e esteve na ponta na luta para a educação não-racial em conformidade com os valores do Evangelho. Gente como os Irmãos Jude e Neil sempre estiveram na vanguarda desta batalha não apenas para a Igreja, mas para todos os povos da África do Sul.

PARA O A.D. 2000: DESAFIOS PARA OS F.M.S.

1. *Recrutamento e formação em 1967.* Os Irmãos Maristas chegaram à África do Sul em 1867. Por diversas razões, as estatísticas chegaram aos 120 na década de 1960 e desandaram para 39. Acreditamos que o carisma de Marcelino Champagnat é de importância para a África do Sul hoje e no futuro. Nosso desafio apostólico consiste em convidar os jovens a se juntarem conosco para que «uma Igreja de povoadores» se torne uma «Igreja missionária e se encaminhe para o século 21 como «Igreja profética».
2. *Inculturação.* Esse é nosso segundo desafio. Em nosso país, há grupos de línguas e culturas diversas. Não podemos responder a todos. Precisamos, contudo, escolher um e nos comprometer no aprendizado da língua e apreciar a cultura desse grupo. Isso fortalecerá nossa missão e dará ensejo para que

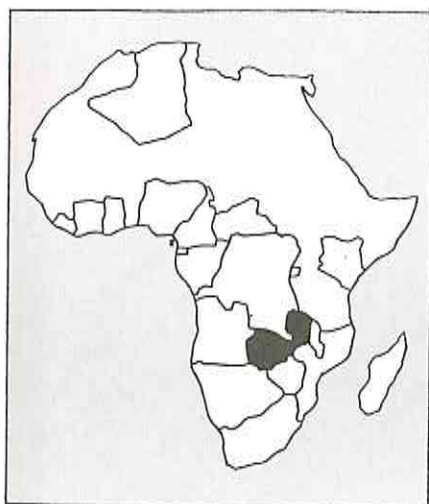


A clínica construída pelo Irmão Anthony.

o trabalho com os pobres e oprimidos nas áreas rurais produza frutos.

3. *Promover* o papel dos leigos em nossas escolas maristas «abertas», (multiraciais) e nas escolas católicas em geral, no movimento de cooperadores para que possamos trabalhar com os leigos e apoiar o papel profético da Igreja na educação.

ZÂMBIA



O PAÍS

Após vinte e seis anos de independência, a Zâmbia permanece um país pacífico, embora seja verdade que tenham tido lugar diversas mudanças sob o aspecto social, político e religioso da gente, algumas para melhor e outras, para pior.

A modernidade trouxe a urbanização em massa, com todos os pro-

blemas que acarreta: favelamento, alta taxa de criminalidade, desemprego, mudanças na vida familiar.

Os jovens foram transplantados —não desarraigados como alguns diriam— de seu modo tradicional de vida para a vida moderna. Alguns fracassaram ao inserirem-se numa vida que requer dinheiro e um certo estilo de existência. Para isso precisa-se de instrução, mas há também muita competição nesse campo. O sistema de escola é o que poderíamos denominar «um sistema de funil». As reformas educacionais provaram ser ineficientes.

A gente, basicamente, é ainda muito religiosa. A religião tradicional (animismo) conta com 62 % da população, com os católicos perfazendo 25 %, as seitas recentes, os fundamentalistas e igrejas independentes atraindo o restante. O islamismo tem feito grandes progressos no país.

Os ventos de mudança, vindos da Europa do Leste, também atingiram a Zâmbia. As palavras de Kaunda, o Presidente da Zâmbia, parecem confirmar isso. Em futuro próximo, haverá um referendun para ver se o povo ainda deseja o atual sistema de governo de um partido, ou prefere o pluripartidarismo.

Irmãos do Setor.





O Ir. Abílio com um grupo de jovens de uma aldeia.

POPULAÇÃO EDUCAÇÃO

(As cifras fornecidas são de 1987, último ano em que foi feito um recenseamento).

A população total do país é perto de 8 milhões de habitantes, com cerca de 38 % vivendo em cidades e os 62 restantes, nas áreas rurais. 55 % da população está abaixo de 20 anos de idade, os «idosos» — acima de 50! — perfazem apenas 8 %.

A IGREJA

A Zâmbia está dividida em nove dioceses; apenas dois bispos são de países estrangeiros. Há uma estima-



Ir. Raimundo Puente, Superior do Setor.

tiva de 527 padres, 787 irmãs e 160 irmãos das várias congregações.

VOCAÇÕES E FORMAÇÃO

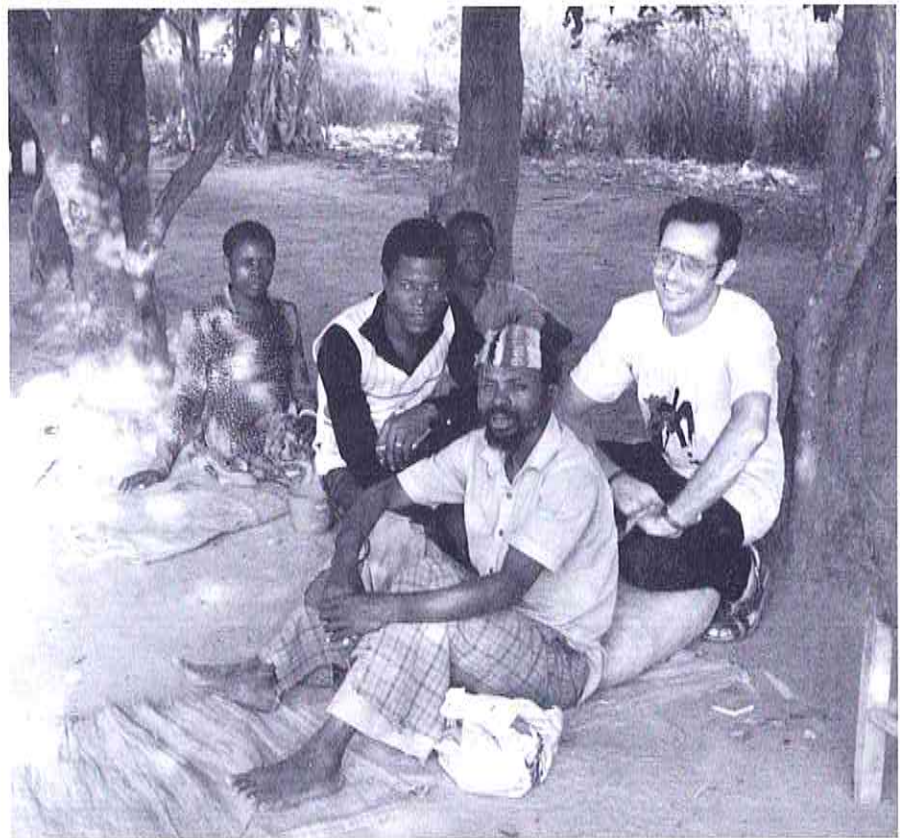
A província espanhola de Castela, em 1973, assumiu a obra marista no país antes confiada ao Canadá. Durante os primeiros anos, os Irmãos estiveram muito ocupados com o aprendizado da língua, o ensino e a administração da escola S. Paulo e não puderam fazer algo mais. Contudo, no início da década de 1980, foi dada muita importância às vocações. Foi indicado um Irmão a tempo pleno para trabalhar na formação e outro, em tempo parcial para o recrutamento. O postulado e noviciado foi começado em Mulunghi, em 1981, com quatro postulantes. (O que ficou, Ir. Mumba Cheyeka, em breve fará a profissão perpétua). Em 1983, o distrito do Malawi começou a enviar seus noviços para reunirem-se aos nossos. Mais tarde, Moçambique e Zimbabwe agruparam-se para constituir um noviciado comum. Por volta de 1988, as acomodações de Kabwe tornaram-se pequenas para receber todos os noviços — mesmo que os postulantes tivessem sido separados — então, o noviciado foi transferido para Kutama, no Zimbabwe. Em 1990 tivemos 34



O Ir. Paulo, fundador da escola «São Paulo».

noviços entre as áreas que compartilham o noviciado.

Existe grande esperança que o fluxo de vocações continue e mesmo aumente. Dá-se muita importância em todos os setores à promoção vocacional e à formação. Os frutos estão sendo vistos.



O Ir. Felipe com os amigos.

A República do Zaire, situada no centro da África, é o terceiro maior estado do continente. A população é perto de 33 milhões de habitantes. Estende-se desde a floresta tropical, ao longo do rio, aos planaltos do leste. A economia continua a ser de subsistência, com o agravamento dos problemas devido ao êxodo para as cidades com o conseqüente desemprego e todos os outros inconvenientes.

ETAPAS DA OBRA MARISTA

Os Irmãos chegaram ao Zaire em 1911, a pedido do governo belga. Abriram uma escola em Stanleyville, agora Kinsangani. A fundação original foi de Beaucamps, mas, em 1934, quando a Bélgica se tornou província, assumiu o trabalho do Congo, como então era chamado. Em 1962, o setor do Zaire e Ruanda foram desmembrados da Bélgica e tornou-se província independente com 115 Irmãos. As perturbações políticas, durante o período da obtenção da independência, não deixaram de atingir os Irmãos. O primeiro provincial, Ir. Christian Ettlinger e o Ir. Lucien Vandamme foram mortos no conflito, em 1964.

O próximo passo importante foi a separação em dois distritos: do Zaire e do Ruanda, em 1985, que deixou oito comunidades no Zaire. A falta de pessoal já era então evidente, e, desde a década de 1960, foram feitos pedidos de ajuda ao mundo marista. A primeira resposta veio da província da Itália que enviou seis Irmãos. Isso foi seguido pela ajuda do Canadá e da França, e, finalmente, devemos reconhecer a generosidade das províncias de Madrid e León que enviaram dez elementos, dos quais elas próprias careciam, para nos ajudar.

Como no passado, o trabalho dos Irmãos visa, basicamente, a educação cristã dos jovens, especialmente nas escolas. Para isso dirigimos escolas elementares e de segundo grau abrangendo a instrução geral, técnica e profissional, bem como a formação de futuros professores.

ZAIRE



Grupo dos novicos de Nyangezi.

FORMAÇÃO DOS JOVENS

Sentimos que, com a rápida expansão da população do país, o maior serviço que podemos prestar aos jovens é uma formação integrada de toda a pessoa e essa formação faz-se melhor nas escolas, onde o desenvolvimento humano e cristão é mais fácil.

Entre as atividades extra-curriculares, gostaríamos de chamar a atenção para o movimento AMC (Amigos de Marcelino Champagnat), um movimento de jovens cristãos que ressalta o que é marista e africano. Foi

iniciado em 1990 e está se fortificando cada vez mais em todas as escolas.

O PROBLEMA VOCACIONAL

Uma de nossas maiores preocupações, como se dá em todas as províncias, é a questão do pessoal. A província conta, agora, 64 Irmãos, dez dos quais fora do Zaire por diversas razões: saúde, estudos férias, etc. Entre os Irmãos, 15 têm mais de 60 anos de idade. Os Irmãos principiaram o recrutamento de vocações no local já em 1932, mas seus esforços



Noviciado de Nyangezi (novicos e formadores em dia de lazer).

foram prejudicados pela hierarquia que tinha como política a fundação de congregações locais, de preferências às congregações européias. Assim, foi só depois da segunda guerra mundial que foi possível fundar o noviciado de Nyangezi, em 1949. Transferido, durante dez anos para Save, em 1955, no Ruanda, foi recolocado em Nyangezi, em 1988, como noviciado internacional para a África de língua francesa. O escolasticado também, por muito tempo situado em Nyangezi para estar perto de uma escola secundária a fim de ajudar a prática do ensino, foi agora substituído, desde 1986, pelo Centro Internacional Marista de Nairobi, Quênia.



Atividades ao ar livre com os alunos.



Conjunto dos alunos da escola de Kisangani.

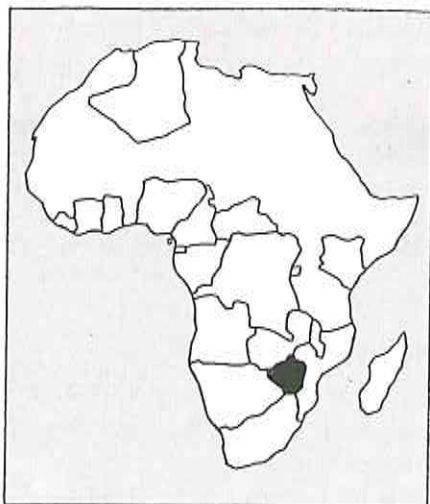


Irs. Emery e Henrique com um grupo de «Amigos de Champagnat».



O Fr. Gatete anima um grupo GEN em Nyangezi.

ZIMBABUE



Fr. Jaime Langlois (Superior do Zimbabwe).

BREVE HISTÓRICO

Em 1989, a província do Canadá abriu a primeira missão em Kutama, no que era conhecido como a Rodésia do Sul. Então, tomamos dos jesuítas a única escola católica para a formação de professores do país.

Durante muitos anos, nosso apostolado principal foi a formação de professores católicos que, depois, iriam lecionar nas escolas elementares dirigidas pela Igreja, nas aldeias. Nos trinta anos subseqüentes, ajudamos a es-

tabelecer e a supervisionar perto de uma vintena de escolas. Cada uma era local para a celebração das missa e instrução dos alunos na fé, tendo como resultado que muitos se tornaram católicos.

Em 1945, em Kutama, abriu-se a escola de segundo grau para os nativos da região. A idéia era tão nova que o ministério da educação ainda não tinha previsto programas e exames. Seguimos, portanto, o programa da África do Sul.



Noviços no noviciado regional.



Crianças de famílias pobres no «Campo Marista».

EXPANSÃO DA OBRA

A década de 1950 viu considerável expansão, graças principalmente aos Irmãos enviados pela província de Iberville. Construímos um juvenato em Rothewell, pouco distante de Kutama. Abrimos também uma escola para alunos de raça mista, perto de Kwekwe, admitindo alunos asiáticos para incrementar a matrícula. No final da década, abrimos duas novas escolas, uma em Nyanga, a leste e outra, perto de Kabwe, na Zâmbia. Esses estabelecimentos, como os anteriores, eram apenas para pensionistas; a maior parte do professorado era formado de Irmãos.

A década de 1960 foi de consolidação. Havia um programa constante de construções em andamento, para permitir o aumento das matrículas. O número de Irmãos também crescia. Construímos, então, um juvenato mais amplo, desta feita em Nyanga.

O decênio de 1970 trouxe bastante mudanças. De início, começamos a enviar Irmãos para as instituições católicas carentes de professorado. Devido ao fechamento da fronteira com a Zâmbia, foi necessário entregar Kabwe à província de Castela. Em 1972 abrimos uma escola perto de Dete, a primeira escola católica de segundo grau no nordeste da diocese de Hwange. Essa escola, que foi construída com ajuda substancial da Misereor, oferece um programa que é ao mesmo tempo acadêmico e vocacional. Fizemos de Kwebe um estabelecimento multiracial, e isso em desafio às leis raciais da época. Mais tarde, fechamos o juvenato bem como o departamento de formação de professores de Kutama. E quando mais se intensificava a luta pela independência, tivemos de abandonar três de nossas quatro escolas. Em cada caso, lecionamos nas cidades próxima, onde nos fosse possível.

Logo após a independência, em abril de 1980, voltamos para Dete, Kutama e Nyanga, sendo que este último estabelecimento exigiu muitos consertos. Em 1983, iniciamos uma pequena comunidade na missão de Nembudzia para ajudar as missões da vizinhança. Nosso escopo era o de ajudar a gente da área. Conservamos a comunidade durante cinco anos, enquanto o número

de Irmãos o permitiu. Em 1986, retiramos os Irmãos da escola de Kwekwe, porque não dispunhamos de pessoal. Agora é gerida pela diocese de Gweru. Nos anos posteriores, o noviciado regional foi transferido da Zâmbia par Rothwell, dando-se como motivo um espaço maior. O centro serve ao Malawi, Zâmbia, Quênia, Moçambique e Zimbabwe. Há trinta noviços agora.

No final de 1970, sofremos um decréscimo dramático em Irmãos exatamente quando a luta pela independência se intensificava, uma tendência que continuou na década seguinte. A situação do número de Irmãos agora se estabilizou. Temos, por alto, um terço do pessoal de que dispunhamos trinta anos atrás. Aos olhos do governo ainda somos o que aqui se denomina «a autoridade responsável». Todas as escolas, contudo, são dirigidas por um diretor leigo.

NOSSAS PRIORIDADES

Nosso esforço nos últimos anos tem sido em:

- animar e encorajar os diretores e seus auxiliares;
- motivar os novos professores;
- preservar da melhor maneira possível o espírito marista nas escolas;
- ministrar um programa básico de educação religiosa para todos os alunos;
- acompanhar os alunos católicos para fortalecer-lhes a fé, propiciar-lhes preparação para a recepção do batismo, confirmação e primeira comunhão.

Ao lado do ensino regular e das atividades extracurriculares, os Irmãos animam movimentos apostólicos tais como: grupos de vida cristã, legião de Maria, reuniões de oração e clubes vocacionais. Alguns administram fazendas para que as escolas sejam supridas de carne e leite.

SITUAÇÃO ATUAL

Nosso governo denomina-se socialista-marxista. No entanto, permitiu às igrejas conservarem as escolas e os hospitais.

Na última década, a Igreja fez grandes esforços para espalhar os benefícios da educação. O número de escolas primárias quase duplicou enquanto que o das de segundo grau aumentou oito vezes mais. Muitas dessas escolas de segundo grau, contudo, são mal dirigidas tendo como resultado que a porcentagem de aprovações é extremamente baixa.

Os pais que podem, portanto, tentam que os filhos sejam matriculados nas escolas da Igreja e algumas do Estado de padrão elevado. A demanda de vagas em nossas escolas é tanta que apenas podemos aceitar pequena fração dos que solicitam. Ao mesmo tempo, verifica-se que as escolas católicas não são mais o que eram, quando regidas por professores, quase todos religiosos. Agora, apenas alguns professores são católicos e menos ainda os praticantes. Isso coloca problemas muito sérios.

A tendência geral, depois da emancipação política foi para maior controle governamental, especialmente depois do decreto de 1987. Isso sentiu-se muito no setor do professorado. Não pudemos mais recrutar nossos docentes. Não fosse a compreensão do pessoal local, teríamos problemas sérios nesse domínio. Outra fonte

de tensões foi a do currículo. Embora algumas mudanças sejam dignas de louvor, a Igreja ressentiu-se dos esforços para a imposição da ideologia marxista, primeiro na economia política, depois, na versão dos acontecimentos atuais e na história contemporânea. Como alguns dos jargões marxistas foram abandonados, é necessário ser um observador cuidadoso para ver o que realmente é oferecido à população escolar.

Sendo o professorado de cada escola muito reduzido, tivemos de mudar nosso modo de abordar a situação. Ainda exercemos influência considerável sobre os alunos. Eles são rápidos em reconhecer nosso grau de compromisso. Ao mesmo tempo, trabalhamos com os professores leigos, conforme disse antes. É claro que as coisas estão longe de serem perfeitas — e onde o são?... Alguns problemas nos dão nos nervos, por vezes. Em todo caso, somos agentes de mudanças para melhor. Aos olhos de Deus, talvez estejamos produzindo mais frutos do que pensamos.

O CENÁRIO VOCACIONAL

Nossos esforços nessa área iniciaram em fins da década de 1940. As primeiras profissões deram-se em 1955. Houve um pingamento vocacional irregular nos anos que seguiram até ao leve aumento do início de 1970.

Dos 16 formados naquele período apenas permanece um. Sabíamos pouco na época, que nosso programa de formação era muito minguido. O treinamento estritamente religioso era de um ano. Tinha dado bem em outras partes, mas era acrescido por anos adicionais de formação no escolasticado, que não podíamos propiciar. Nossos jovens Irmãos não puderam enfrentar os problemas de ordem social, política, moral e religiosa, especialmente em períodos de grande convulsão.

Nossos esforços de promoção vocacional estão começando a produzir frutos mais uma vez, depois da independência. Ainda temos poucas vocações, mas são prometedoras. E graças à nossa melhor compreensão da tarefa de formação e à colaboração regional, agora, estamos na posição de oferecer seis anos e meio de formação que é especificamente marista, um programa que oferece mais esperanças para o porvir.

DESAFIOS QUE NOS ESPERAM

1. A escalada do custo de vida torna nossas escolas cada vez menos acessíveis aos que ganham pouco e aos agricultores. Vivendo em áreas remotas do campo, não podem ficar externos, o que reduziria o custo de operação. Não há solução em vista para esse problema, a menos que os entreguemos a outras pensões e mudemos nosso serviço para outra área.

2. Nossa luta em transmitir o modo de encarar a escola católica está sendo assumido em outras partes. Nosso interesse particular é de que o novo secretariado nacional da educação católica desperte a consciência do professorado das escolas católicas por meio de grupos de trabalho. Faremos o que pudermos para melhorar a qualidade da educação católica no Zimbábwe.

3. Somos menos numerosos do que éramos e estamos envelhecendo. Até aqui, fomos capazes de manter uma presença significativa em todas as nossas escolas, mas não podemos fazê-lo para sempre. Chegou a hora de encarar o futuro e ver qual será nossa política, uma decisão de conseqüências de longo alcance.

Na proporção atual, o número de Irmãos autóctones não é suficiente para substituir os Irmãos estrangeiros. Faremos o quê? Solicitar ajuda de outra província para continuar nosso apostolado até que possam vir substitutos locais? Ou dar maior responsabilidade aos dirigentes de Kutama e Nyanga de maneira que um ou ambos possam assumir essas escolas?

Não podemos tomar decisão sobre o futuro dos Irmãos locais, no sentido de que dependerá deles determinar que tipo de apostolado será o deles. Todas as decisões que tomarmos a respeito de nossas prioridades decidem o futuro. A entrega das escolas Maristas pode fechar a porta ao testemunho que darão como comunidades maristas, a menos que novas fundações sejam descobertas para o exercício de nosso carisma. Trata-se de responsabilidade muito grave e dependemos das luzes de Deus, quando o distrito estabelecer as prioridades para os próximos três anos, dentro de alguns meses.

Ir. James Langlois

Antigos alunos em Kutama. Em meio, o Presidente Mugabe.



O PADRE CHAMPAGNAT E OS POBRES

Para o Padre Champagnat, não se tratava apenas de ajudar aos pobres: insistia que os Irmãos deviam ter atitudes de respeito e de amor para com eles. Acreditava que os pobres traziam consigo bênçãos especiais. Recordarão o que repetiu sobre este assunto durante toda a vida, então compreenderão por que as Constituições ligam nossa fidelidade ao Fundador com o amor aos pobres:

Por fidelidade a Cristo e ao Fundador, amamos os pobres. Prediletos de Deus, eles atraem sobre nós os favores divinos e nos evangelizam (artigo 34).

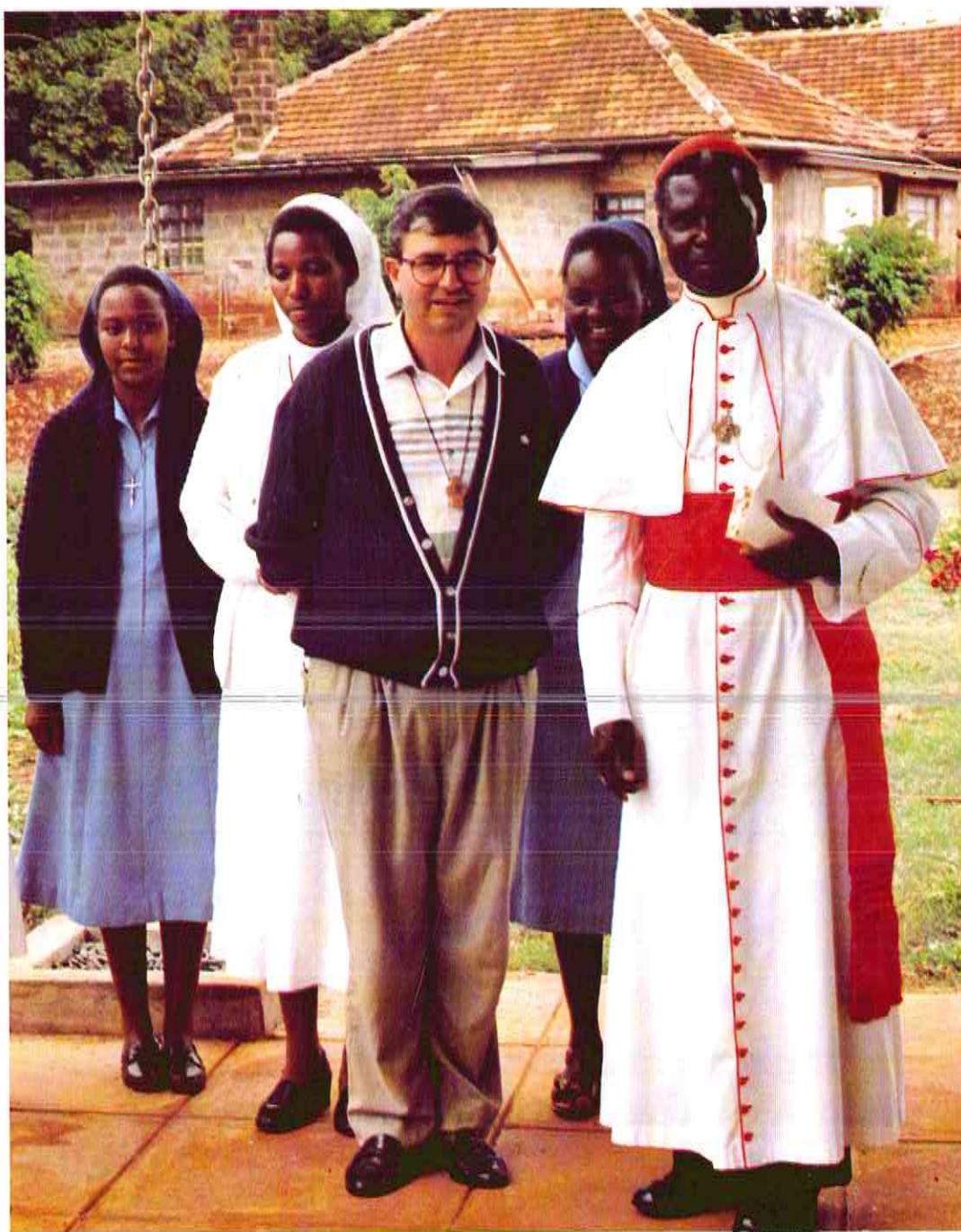
Alguns poderão ficar cépticos diante destas palavras. No entanto, elas assinalam um aspecto do mistério de Cristo que podemos compreender plenamente só em contacto com os pobres. Não se trata de romantizar-lhes a vida, mas antes que nosso convívio com os pobres pode ser um encontro privilegiado com o Senhor. Por experiência pessoal, fui muitas vezes testemunha disto na vida de Irmãos que tiveram longo contacto com os pobres.



Grupo de crianças da escola de Ihosy (Madagáscar).



1. «O coração de nosso carisma: a preferência pelos mais abandonados.»
2. «Nossa presença entre os jovens, do jeito de Champagnat.»
3. «Chegou a hora da substituição pelos autóctones.»



«Em colaboração com a Igreja e as congregações religiosas.»